



Nova formação direitista esboçada no Congresso do PSD

(Pág. 2)

Presos de Alcoentre em greve de fome

Pág. 20



FINAS DA PANASQUEIRA

Confederação Mundial requer intervenção do Governo

(Pág. 20)

Criança fechada numa capoeira durante cinco anos

Esteve encarcerada numa capoeira, durante cinco anos, uma criança que acaba de ser internada no Hospital dos Capuchos. Trata-se da pequena Isilda Maria Freitas Simões, de 13 anos, cujo estado clínico poderá obrigar à sua transferência para o Júlio de Matos.

No Hospital dos Capuchos, o director do estabelecimento e o médico assistente da pequena, dr. Orlando Leitão, vedaram aos jornalistas qualquer possibilidade de contacto com a doente, não consentindo tão pouco a obtenção de fotografias.

Entretanto, apurámos que a criança sofre de tiques, revelando-se incapaz de manter um diálogo.

Uma versão posta a correr faz supor que a mãe da pequena Isilda, residente na freguesia da Guia (Albufeira) não fechava a filha na capoeira por «castigo», mas por ser esta a única maneira de a deixar, sem preocupações, quando ia trabalhar.

A certa altura, o padre da freguesia interessou-se pela situação da Isilda Maria e conseguiu o seu internamento no sector Neuropsiquiátrico de Coimbra (admite-se, aliás, que a criança

não tenha nascido normal, tendo a capoeira «apenas» agravado o seu estado).

Mais tarde, a pequena regressou a casa, mas agora com uma carta do Hospital para o padre, aconselhando os cuidados a ter. Não obstante, o estado clínico da Isilda Maria foi-se deteriorando exigindo, por último, o seu transporte para Lisboa.

Internada no Serviço 11-Cama 9 do Hospital dos Capuchos, a garota poderá vir a ser transferida para o Júlio de Matos. Cinco anos numa capoeira, deixaram marcas profundas.

Lisboa entre as 20 cidades mais caras de todo o Mundo

Enquanto o ministro do Comércio Interno, Basílio Horta, declarava ontem, num almoço com diplomatas, que não há alternativa à actual política de preços, a revista económica «Business International», no seu último número, coloca Lisboa entre as vinte mais caras cidades do mundo, mais precisamente em décimo nono lugar.

Segundo o estudo publicado em Genebra por esta revista, Lisboa figura em oitavo lugar entre

as cidades menos caras do que Nova Iorque, sendo atribuída à capital portuguesa a pontuação de 68,5 (índice 100 para Nova Iorque).

O Japão e a Suíça são os países do mundo onde a vida é mais cara para os trabalhadores das companhias internacionais: Tóquio e Osaka são as cidades mais caras, seguidas de Genebra, Estocolmo e Viena.

Eis os índices atribuídos a algumas das cidades citadas no estudo:

Cidades mais caras do que Nova Iorque: Tóquio (156,6); Genebra (139,1); Estocolmo (121,9); Viena (121,5); Lagos (118,0); Copenhaga (115,6); Frankfurt (113,9); Paris (110,8); Bruxelas (110,3); Haia (105,0).

Cidades menos caras do que Nova Iorque: Hong Kong (95,2); Londres (92,4); Cairo (90,5); Roma (87,2); Madrid (80,6); México (71,5); Rio de Janeiro (69,3); Lisboa (68,5); Bangkok (63,1) e Buenos Aires (54,5).

TOCHA HUMANA

Prospector bancário assassinado no Seixal

Um prospector bancário foi ontem à tarde encontrado morto dentro do seu automóvel, em Belverde, próximo de Paio Pires. A viatura foi pasto de chamas e o seu ocupante carbonizado. A Polícia Judiciária não restam dúvidas de que se trata de assassinio.

O corpo do prospector bancário encontrava-se mais queimado do que o incêndio do automóvel poderia fazer supor, o que leva a concluir que o homem tenha sido regado com gasolina, servindo de tocha ao incêndio do carro.

O automóvel e a vítima foram localizados pelas autoridades no meio de uns pinhais e onde da via pública. Aliás, a rápida localização foi possível devido à circunstância de o fogo se ter propagado à mata, chamando a atenção e obrigando mesmo a intervenção dos bombeiros.

A PJ não forneceu, até ao momento, a identidade da vítima, presumindo-se que se trata de um prospector bancário pelo facto do automóvel pertencer ao funcionário de um banco.

À partida, admite-se que o móbil do crime tenha sido o roubo.

As investigações da Polícia Judiciária estão entretanto condicionadas pelos elementos a fornecer pelo Instituto de Medicina Legal.

Dia Mundial da Cooperação

Faltam medidas de apoio por parte do Estado

«O Governo está profundamente empenhado em ajudar e promover o movimento cooperativista em Portugal» — segundo afirmou o Primeiro-Ministro Mário Soares, durante a sessão comemorativa do Dia Mundial da Cooperação que se realizou esta manhã, nas instalações do Instituto António Sérgio, em Lisboa.

Depois de sublinhar que o Governo não pretende dirigir nem controlar o sector cooperativo, Mário Soares declarou que o movimento cooperativo pode vir a ter, no futuro, um papel de grande importância, o que, aliás, está subjacente no próprio texto constitucional, que aponta para o desenvolvimento da cooperação.

Referindo-se em particular ao papel desempenhado pelo Instituto António Sérgio, «grande pioneiro do movimento cooperativo», Mário Soares acrescentou que o seu trabalho tem

sido de uma grande importância, não obstante todas as dificuldades, carência de meios e falta de legislação adequada.

Nesse aspecto, Mário Soares referiu que o Código da Cooperação «peça legislativa essencial para o movimento cooperativo já deu entrada na Assembleia da República, mas que, por enquanto, ainda não foi aprovado».

«O movimento cooperativo disse, a terminar, deverá assentar em três ideias mestras: liberdade, participação e fraternidade».

Entretanto, foram lidas as conclusões de uma reunião de algumas estruturas de cooperativas, reunidas no Inscoop, na qual se salienta que «após quatro anos, não foram tomadas, por parte do Estado medidas de apoio e fomento ao sector cooperativo, e que as poucas medidas tomadas não



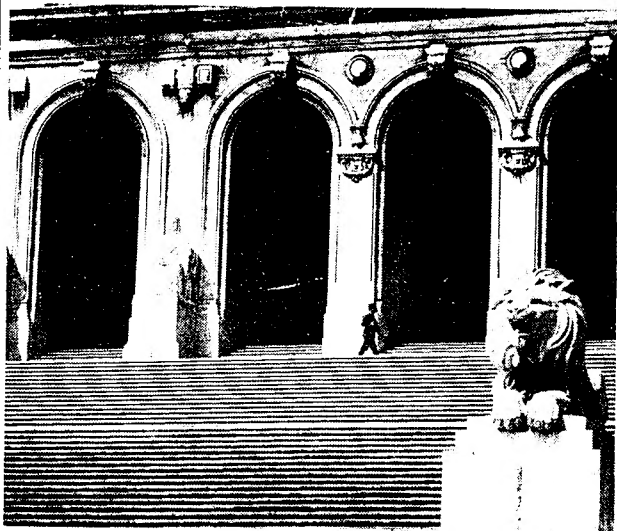
tiveram enquadramento e o prosseguimento necessários, tendo sido algumas dessas medidas tomadas de forma dissociada da prática».

«Ao longo destes quatro anos — lê-se ainda no mesmo documento — nunca chegou a ser definido, por parte do Esta-

do, o papel reservado ao sector cooperativo no quadro do desenvolvimento económico e social o que se tem vindo a reflectir em dificuldades de várias ordens criadas ao livre desenvolvimento do cooperativis-

Continua na pág. 9

post-scriptum



Daqui têm saído as medidas antipopulares de que se queixa o nosso leitor

QUEM VAI JULGAR OS GOVERNANTES?

Agora que se exige ao povo que trabalhe mais e mais, dá-se-lhe cada vez piores condições de vida;

Agora que se desprezam os recursos nacionais para restaurar a nossa economia, cada vez se empenha mais o país com empréstimos aos países «amigos», para indemnizar os grandes capitalistas e sabotadores da economia nacional;

Agora que se ilibam as culpas os fascistas, bombistas e sabotadores, julgam-se e condenam-se os obreiros do glorioso 25 de Abril.

Agora que se limita a 20 por cento o aumento dos vencimentos dos trabalhadores, para controlar a inflação, elevam-se de xais de 50 por cento os «magros» ordenados dos membros do Governo. Coitados, eles até ganham menos que os dos outros países!... E os trabalhadores, ganham mais?

Não restam dúvidas acerca das suas intenções. Onde mora a sua liberdade responsável? No papel? Nas entrevistas? Que razões irão agora invocar para este novo aumento? Será que os reformados estão bem pagos depois do aumento que tiveram?

Não resta a menor dúvida de que a exigência da liberdade responsável só existe para poder julgar o Povo pelas afirmações que faz, mas também tem que ser extensiva às acções dos membros governamentais.

As atitudes xenos correctas executadas pelos trabalhadores são julgadas nos tribunais. E quem vai julgar os governantes pelas acções antipopulares, pró-capitalistas, incoerentes, e abuso de liberdade «responsável»?

Vitor Lopes Alves
COIMBRA

«Arquivem-me esse processo!»

Roubaram-me o automóvel numa madrugada de Janeiro de 77 e, passadas algumas horas, o carro era recuperado pela Polícia após perseguição que terminou com o gatufo a fugir a pé e a viatura toda amassada.

Queixa apresentada, passei a receber notificações, ora da Polícia de Trânsito, ora da PJ, e ultimamente do Tribunal. De cada vez que ali fui, era para me dizerem que o ladrão ainda não tinha aparecido mas havia que assinar uns papéis. «Quer procedimento criminal se «eles» vierem a ser presos?», «Quero».

Acontece que o «querer» significa voltar àquelas repartições quantas vezes os funcionários acharem necessárias; significa, ainda, perder mais algumas tardes ou manhãs, sentado numa cadeirinha e regressar a casa com medo de abrir a caixa do correio.

Ontem fui chamado a uma secção do Tribunal que funciona paredes-meias com a PJ: «Quer procedimento criminal?...», «Não, não quero». Então o processo será arquivado... «Ótimo, Deus seja louvado». (É claro que o problema não está resolvido, porque já depois de Janeiro voltaram a roubar-me o danado, e o ciclo há-de repetir-se).

Também sei que o meu caso não é dos mais graves: um amigo meu recebeu uma notificação do Tribunal, foi lá, e era para lhe entregarem uma contra-fé...

Gostava de saber até que ponto o aparelho burocrático continuará a dispor, a seu bel-prazer, da vida de um cidadão, borrifando-se nas dificuldades do dito para comparecer à hora marcada, sob pena de multa, faltando.

Mário Ferreira
Lisboa

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

CONGRESSO PSD NO FIM-DE-SEMANA

Novo bloco político direitista em perspectiva

O congresso do PSD, que se realiza este fim-de-semana em Lisboa, no cinema Roma, poderá lançar as bases de um novo bloco político direitista, conagrando extrema-direita, descontentes do CDS e, em geral, as forças mais reacconárias apostadas em contestar as instituições democráticas e a Constituição.

Com Sá Carneiro na presidência, a partir de agora numa posição de «quero-posso-e-mando», a maioria dos deputados sociais-democratas, bem como a ala afecta à antiga Comissão Política seriam definitivamente afastados do partido quando se avizinhassem as próximas eleições, de modo a que Sá Carneiro e o seu grupo se instalassem no lugar para que se sentem vocacionados na próxima legislatura: o cantinho da extrema-direita parlamentar, à direita do próprio CDS.

Estarão em confronto no Congresso a linha Sá Carneiro, segura da sua força nos órgãos dirigentes do partido, e a linha dos subs critores do documento «Opções Inadiáveis», sendo de prever no entanto que ambas procurem adiar ou sustentar por mais algum tempo a inevitável ruptura. Nem para Sá Carneiro seria este o momento oportuno para uma prova de força que levasse de imediato à expulsão do partido da ala moderada, nem para esta seria prudente abdicar desde já das possibilidades de contra-ataque que a conservação de algumas posições no aparelho do partido lhe permitirão vir a encetar no futuro. Em tal sentido apontam, aliás, declarações prestadas nos últimos dias por

algumas figuras do PSD, como Rui Machete (ala dos «inadiáveis») e Pedro Roseta («sá-carneiristas»). Fala-se de «unidade», dentro do respeito da «diversidade» de opiniões, para preservar a coesão do partido.

Pensa-se que o Congresso discutirá sucessivamente a questão da restauração do cargo de Presidente do partido, com poderes muito alargados (a preencher por Sá Carneiro), a «estratégica» social-democrata, envolvendo nomeadamente a questão da «revisão da Constituição» e a atitude a tomar para com o Presidente da República, a ratificação do Regulamento de Disciplina dos Militantes e a eleição para os diferentes órgãos: Comissão

Política Nacional, Conselho de Jurisdição, Mesa do Congresso e Conselho Nacional.

O único órgão do PSD a que concorrem duas listas — A e B — é o Conselho de Jurisdição Nacional. Tanto a Comissão Política Nacional como à Mesa do Congresso apenas se apresentam listas únicas, designadas por A, e conotadas com as posições de Sá Carneiro.

Deste Congresso, se a «linha dura», como tudo leva a crer, se recusar a qualquer espécie de cedências, sairão radicalizadas as contradições internas do PSD ao ponto da nova linha maioritária nos órgãos dirigentes do partido passar a ser, quase na mesma proporção, minoritário no Parlamento.

NOVO AVEIRO?

Destacados sociais-democratas têm rejeitado a hipótese de o VI Congresso se transformar num «novo Aveiro», ou seja, de que na reunião que está a decorrer desde esta manhã surja qualquer cisão importante. Não candidatos aos lugares directivos, os principais subs critores de «Opções Inadiáveis» são apontados como eventual «reserva» do partido, onde continuariam a desempenhar um papel influente. Registe-se, no entanto, que o prof. Sousa Franco declarou há dias publicamente considerar-se um «ex-dirigente político» e talvez mesmo um «ex-político».



Aparentemente concordante com a proposta de alterações estatutárias apresentada por Meneres Pimentel, Sá Carneiro deverá candidatar-se à presidência do partido, o que só poderá fazer depois de aprovação daquela proposta.

Todavia, o facto de encabeçar a lista concorrente ao Conselho Nacional (cuja eleição se faz pelo método proporcional) levará à abertura de uma vaga no segundo órgão mais importante do partido, pois o presidente do PSD, após a alteração estatutária, será por inerência o presidente do Conselho Nacional.

O primeiro ponto de ordem de trabalhos (alterações estatutárias, cuja aprovação é geralmente prevista), condicionará o funcionamento dos restantes pontos, o que é evidente quando Meneres Pimentel, o seu subscritor, refere visar esta proposta a criação das condições estatutárias para que Sá Carneiro possa ser eleito para a presidência do partido.

«SAIRAM COMO ENTRARAM»

Segundo refere um matutino de hoje, citando uma fonte social-democrata, os participantes numa reunião de representantes de subscritores das sete moções a apreciar pelo Congresso, realizada ontem à tarde, «sairam como entraram», o que significa que se malograram a última tentativa para conciliar tendências divergentes no PSD.

Entretanto, os membros do PSD do distrito de Vila Real, representados nas câmaras municipais, vão reunir em Lisboa, por ocasião do Congresso do partido, com Sá Carneiro.

Segundo informou à ANOP um elemento da Comissão Política concelhia daquele partido em Vila Real, esta reunião tem por fim «concertar uma unidade verdadeira e não fictícia» entre Sá Carneiro e a ex-Comissão Política Nacional.

De acordo com a mesma fonte, os representantes do PSD nas câmaras municipais poderão, demitir-se, se não for encontrado entendimento entre as duas linhas.

JORNAL ALEMÃO CONSIDERA:

Entrada de Portugal na CEE prejudicará os "nove"

A entrada de Espanha, Grécia e Portugal na Comunidade Económica Europeia (CEE) afectaria seriamente os interesses agrários dos nove membros actuais — assinalou ontem o diário económico alemão «Handelsblatt», acrescentando que o candidato melhor situado dos três é a Espanha.

Segundo o jornal, enquanto a CEE actual conta com 259,2 milhões de habitantes, a Espanha dar-lhe-ia mais 36,7 milhões, a Grécia, 9,3 milhões e Portugal 9,8 milhões.

Quanto ao rendimento «per capita», enquanto o dos comunitários é de 6.050 dólares anuais, o dos espanhóis é de 3.150, o dos gregos 2.700 e dos portugueses 1.740.

No sector agrário, o jornal assinala que o grande desequilíbrio provinha do facto de que, enquanto na Comunidade apenas nove por cento da população se dedica à agricultura, em Espanha fazem-no 22 por cento, na Grécia 35 por cento e em Portugal, 28 por cento.

Com efeito, dos países actualmente candidatos à integração na CEE, Portugal é aquele que se encontra mergulhado em mais profunda crise, e à medida que o tempo passa a decisão de

adesão vai perdendo no exterior a moderada credibilidade que tinha no início.

EFTA PREPARA ACORDO COM ESPANHA

GENEVA, 1 — R. — Sete países da Europa ocidental, incluindo Portugal terminaram ontem a sua série de conversações com a Espanha sobre um acordo de comércio industrial, livre e declararam que a sua próxima sessão, em Setembro, será decisiva.

A Associação Europeia de Comércio Livre (EFTA), de que fazem parte alemã de Portugal, a Áustria, Finlândia, Islândia, Noruega, Suécia e Suíça, tem vindo a negociar com a Espanha, desde Junho do ano passado, a redução das barreiras comerciais até ao mesmo nível fixado no acordo firmado em 1970 por Madrid com a CEE.

O porta-voz da EFTA, Erik Nettel, da Áustria, disse que a sétima série de conversações, que durou três dias, produziu novas ideias para a resolução de problemas difíceis, avultando entre eles o estabelecimento de regras justas de competição.

Nettel acrescentou que as

cláusulas para manter o pacto da EFTA em linha com qualquer novo acordo entre a Espanha e a CEE estão ainda por solucionar.

O chefe da delegação espanhola Miguel de Aldasoro, concordou que a próxima sessão, que principia em 18 de Setembro, será decisiva.

AMANHÃ
«MATINÉE» ÀS 16

TEATRO
VASCO SANTANA
Tel. 768609
ÀS 21.30

TEMA E VARIAÇÕES

ESPECTÁCULO DE LUZIA MARIA MARTINS
SOBRE TEXTOS DE RAUL BRANDÃO

50% de desconto a sindicalizados
e a estudantes

Subsidiado pela Secretaria de Estado da Cultura
e pela Fundação Gulbenkian

ponto a ponto



O ex-membro do GIS, e agora dirigente do PS, João Cravinho, foi ontem recebido em Bucareste pelo ministro romeno da Cooperação Económica, coronel Burlica. O ex-ministro da Indústria de Vasco Gonçalves encontra-se naquele país a participar na reunião europeia preparatória da conferência da ONU sobre Ciência e Tecnologia ao serviço do desenvolvimento.

A substituição de Fernando Verdasca, ex-governador civil de Bragança, por um elemento do CDS, está a causar estragos na organização regional do PS em Trás-os-Montes. Num documento tornado público ontem, cerca de três dezenas de militantes e quadros socialistas de Miranda do Douro desvinculam-se publicamente do seu partido sublinhando que a substituição referida significa a «entrega de Trás-os-Montes ao CDS». E acrescentam: «ser socialista em Trás-os-Montes não é uma pose nem oportunismo, nem moda ou casaco que se veste (...) é ter feito uma opção consciente, e até um acto de coragem cívica».



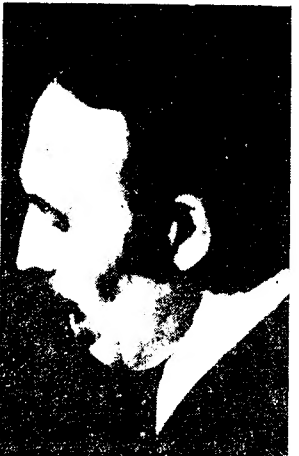
O secretário de Estado da Comunicação Social, João Gomes, parte amanhã para Bona, numa visita que inclui encontros com o responsável pelo departamento de Imprensa e Informação do Governo Federal Klaus Bolling, e com o perito para a formação de jornalistas dr. Roloff. Previstas também visitas ao ministro da Economia e à Fundação Friedrich Ebert.



A comissão de trabalhadores da Câmara do Barreiro divulgou um manifesto dirigido ao povo da vila, subscrito por dezenas de comissários, relacionado com a decisão da Petrolgal de estudantes e comissões de trabalhadores das principais empresas da zona, denunciando o boicote ao seu município, relacionado com a decisão de Petrolgal de suspender o fornecimento de gásóleo dos Transportes Colectivos. O manifesto considera tratar-se já de descarada campanha eleitoral para as autarquias feita pelo Governo, que ainda não pagou as verbas que deve à câmara municipal. Recorde-se que o Povo Unido possui 6 vereadores naquele município contra 3 do PS.



O presidente da República Popular da Argélia, Houari Boumediene, enviou ao Chefe do Estado português, general Ramalho Eanes, um telegrama de felicitações, pelo recente encontro e resultados que dele se esperam de Bissau, entre o presidente de Portugal e Agostinho Neto, presidente da República Popular de Angola.



COLONIALISMO, DESCOLONIZAÇÃO E HISTÓRIA

por MELO ANTUNES

Não será, certamente, uma só obra que esgotará a história do colonialismo português e de resistência que lhe foi oposta pelos povos submetidos à dominação colonial portuguesa.

História riquíssima, sem dúvida, ultrapassando largamente o quadro nacional português.

História longa de um povo, das suas grandezas e misérias, dos seus excelentes feitos políticos e militares e das decepções e fraquezas, dos seus arrebatados impulsos criadores e das suas humilhantes baixezas, da sua natureza inteligente e rebelde, ardente e generosa que ilustres exemplos produziu de grandes governantes e organizadores, humanistas e homens de letras, e muitos mais de traficantes e piratas sem escrúpulos, exploradores empedernidos e pequenos aventureiros manhosos e calculistas fazendo e perdendo fortunas um pouco por toda a parte onde chegaram as lusitanas expedições. História que merecia ser lida sem lendas exorbitantes, sem mitos escaldantes, mas também sem os «sentimentos de culpa» que certos sectarismos ideológicos, fundada uma estreita e monolítica hermenêutica da história, provocaram, em tempos recentes, na cultura portuguesa. História a ler pela mão de Fernão Pinto, o da «Peregrinação» e pela do Padre António Vieira, o dos «Sermões»; a dos arquivos virgens da Torre do Tombo e dos que

jazem, incólumes, na velha Goa.

Isto no que respeita ao passado, um pouco longínquo é certo, mas em todo o caso um passado sem o qual o passado próximo não seria compreendido. E sobretudo um passado sem o qual uma «história geral do colonialismo português» não teria sentido.

Passado que envolve portugueses e povos das sete partidas do mundo — as «muitas e desvairadas gentes» que foram entrando na área mundial — à medida que mais longe, a partir deste extremo ocidental da Europa, lançavam ferro as barcas pejadas de fidalgos arruinados, missionários consumidos pela febre evangelizadora, camponeses arrebanhados aos feudos já em decomposição, arraia-miúda de Lisboa, Porto e poucas mais cidades a quem brilhava o olho de cobiça à vista de uma burguesia enriquecida, ou em vias disso, à custa do comércio das Índias, poetas sem eira nem beira (um deles, por sinal, ao cabo de muitas deambulações aventureiras, regressa à pátria com um velho e sujo manuscrito que muito haveria que dar que falar...), vadios e mendigos lazeiros, salteadores de caminhos e espadachins rufiões caídos em desgraça.

O que é certo é que, com ou sem sentido épico da história dos descobrimentos e da expansão portuguesa, é a essa história que se deve, tal como foi feita, a entrada na área

mundial das «estranhas gentes» que o europeu desconfia, rude e ambicioso ia encontrando pelas costas de África, nas Américas, por todo o extenso e insondável Oriente. E é também, em grande medida, essa entrada na área mundial que abre as portas ao movimento de ideias — movimento político, social, cultural, científico e técnico — e às transformações materiais — com o início do processo que mais tarde se chamaria de «modo capitalista de produção», contrapondo-se violentamente aos sistemas económicos predominantes na idade média — que na Europa lançam o novo impulso de civilização que ficou conhecido com o nome de Renascença. Quero aqui dizer com isto que a história do mundo moderno, começando com a introdução de um novo sistema de relações de produção e a correspondente ascensão de novas classes emergindo da nebulosa medieval e assistindo à eclosão de novas concepções do mundo e do homem e ao desabrochar de novas ideias sobre a forma de organização da sociedade, é também a história do colonialismo. Noutros termos: o colonialismo, sendo uma história a dois, de quem coloniza e de quem é colonizado, inicia um ciclo novo na história da humanidade. A dia-

léctica quem conhece e quem é conhecido, quem domina e quem é dominado, quem oprime e quem é oprimido, quem explora e quem é explorado, ultrapassa as fronteiras do continente europeu, mundializa-se, produzindo em poucas décadas transformações mais profundas, no sistema das relações materiais e na consciência dos homens, que séculos de «desenvolvimento» endógeno. E, enquanto para os povos europeus se inicia, no plano político, um processo relativamente rápido de definição de nacionalidades e se constituem os primeiros estados modernos (acompanhando o movimento irresistível e irreversível dos novos valores de civilização e cultura trazidos pela grande vaga de fundo das mudanças económicas, sociais e culturais da «revolução renascentista»), para os povos sujeitos da «descoberta», quer dizer submetidos ao «conhecimento» e, portanto, na lógica do processo histórico, submetidos à «dominação» e, finalmente, à «opressão» e «exploração», começa um longo, penoso, dramático processo emancipador, marcado por inenarráveis sofrimentos e sacrificios sem conta e que foi plasmando, com o rodar dos tempos, os movimentos de li-

Continua na pag. 4

de A a Z

Afirmações e vacilações do CDS

Não é caso para nos surpreendermos. Era natural que a «direita» (e não se esqueça o leitor de que existe uma «direita estúpida») não desistisse de pressionar o CDS, de o desencantar da «coligação», de o alertar quanto às consequências de um «casamento de conveniência» que acasalou as cúpulas partidárias do CDS e do PS, mas não aproximou, nem poderia ter aproximado, as suas bases regionais e sócio-profissionais, e muito menos as respectivas organizações juvenis.

Apesar das confiantes palavras do Dr. Freitas do Amaral na RTP, gerou-se no CDS um certo desconforto. Não que as bases do CDS invejem a sorte do PPD/PSD, ou que, numa percentagem significativa, se sintam atraídas para os projectos e as aventuras de Kaulza de Arriaga, mas porque, e não só em questões pontuais, a distância entre os programas, os objectivos e as mentalidades dos «partidos» para governar coligados não pode ser ignorada nem iludida. Porque não basta «adiar o socialismo» para garantir a «ordem liberal e burguesa» dos «centristas». Não basta adiar, será necessário rever, reconstituir, recuperar. E a recuperação é lenta. A reconstituição parece ser difícil. A revisão apresenta-se aleatória.

Enquanto esperam, os «centristas» desesperam. E agitam-se, segredam e chamam, protestam, pressionam. A questão do MAP não é ilusória. Nem são ilusórias as questões da Educação Nacional, da Investigação Científica, do Projecto de Serviço Nacional de Saúde. Nem a reserva relativa à Lei contra as organizações fascistas.

A direcção do CDS, por uma questão de fidelidade aos próprios princípios, e por uma questão de tática relativamente a vida interna do «partido», vê-se obrigada a levantar problemas. Até onde irão essas duas necessidades — a da fidelidade aos princípios e de apaziguamento interno — é difícil prever. Mas, um facto recentíssimo, mostra que o CDS ou melhor, os seus dirigentes para se garantirem o controlo das bases, sentem-se vocacionados para um oposicionismo que atinge globalmente o sistema. Já não são só contestações pontuais no quadro governamental, é a contestação das decisões da competência de um Órgão de Soberania.

Com efeito, o porta-voz do CDS, para as questões de Defesa Nacional, Azevedo Coutinho, num comunicado amplamente divulgado, estranha que o coronel Pires Veloso não tenha sido promovido a oficial general. Mas não se limita a estranha, o dirigente do CDS disse: «Penso que o Presidente do Conselho da Revolução, ou o seu porta-voz, deveriam esclarecer as razões desta decisão, não só pelo respeito devido a Pires Veloso, mas também para informar devidamente o País em assunto da maior importância sobre o qual o País tem obviamente de ser esclarecido para poder formar o seu juízo».

O porta-voz ter-se-á excedido nas palavras e no zelo. Todavia, revela um estado de espírito.

QUE DEMOCRACIA?

Sabemos que, até 1980, por disposição constitucional o Conselho da Revolução tem qualidade de órgão de soberania e exerce em exclusivo, competências de legislação militar e de decisão nas matérias relativas às Forças Armadas que incumbiriam normalmente a um ministro da Defesa Nacional. Reconhecemos que a fórmula, só admissível como provisória, não se compadece com um critério de legalidade democrática. A Constituição, porém, adoptou-o. Os deputados das Constituintes inscreveram a disposição na lei fundamental. É a Lei do País até 1980.

Mas, por contestável que seja a coerência da disposição, por incompatível que seja com o conceito de «soberania nacional», ela é constitucional e mal iria a nossa Democracia se a nomeação, ou a preterição, dos coronéis nas suas carreiras militares constituísse casos a discutir com os «partidos políticos» e a esclarecer perante a opinião pública.

Fazer política partidária nas Forças Armadas é um perigo para a Democracia. Introduzir nas promoções os critérios e os juízos de valor das forças políticas e das direcções partidárias não é aceitável. A nomeação de oito coronéis e a preterição de um, ou de mais coronéis, não é «assunto da maior importância sobre o qual o País» tenha «obviamente de ser esclarecido para poder formar juízo». Há aqui, da parte do porta-voz do CDS, uma incompreensão, um excesso ou um abuso.

Como prevíamos, uma certa «direita» e uma certa imprensa vão, desesperadamente, especular com este «caso das promoções». Impõe-se que as forças democráticas, lucidamente, reduzam o campo da especulação. Esse é o interesse das relações que a consolidação da Democracia aconselha que sejam mantidas entre a componente civil e a componente militar de um Poder que resultou de «acto revolucionário» de iniciativa militar.

Também a adaptação dos militares à Democracia levanta os seus problemas, tem as suas dificuldades.

QUE FORÇAS ARMADAS?

A responsabilidade das Forças Armadas directamente, e indirectamente por intermédio das Forças de Segurança Militarizadas, na defesa da Liberdade, na manutenção da «ordem democrática», na garantia da segurança dos cidadãos, exige a educação política dos membros dos diversos corpos das Forças Armadas, mas exclui uma partidarização das Forças Armadas. Exclui, portanto, que se proceda a promoções segundo critérios políticos, e impõe o critério político da fidelidade à Constituição e aos objectivos políticos, económicos e sociais da Revolução de Abril.

Não há aqui contradição, antes e esta formulação uma exigência constitucional. A missão das Forças Armadas não se limita à garantia da independência nacional, da unidade do Estado e da integridade do território. A Constituição, Art.º 273, N.º 2, afirma: «As Forças Armadas Portuguesas são parte do povo e, identificadas com o espírito do Programa do Movimento das Forças Armadas, asseguram o prosseguimento da Revolução de 25 de Abril de 1974.»

Este é o princípio político que deverá inspirar, sem qualquer partidarização, sem o mínimo sectarismo, o Conselho da Revolução.

DESCOLONIZAÇÃO E HISTÓRIA

Continuação da pág. 3

bertação nacional que tão profundamente alteraram o mundo contemporâneo. É interessante referir, a este propósito, que foram precisamente os países europeus que estiveram na origem de grandes impérios coloniais os que em primeiro lugar se constituíram em sólidos estados unitários, com o poder político fortemente centralizado. Bastará lembrar os casos de Portugal, Espanha, França e Inglaterra, os mais velhos estados europeus (na acepção moderna do termo), em oposição à Alemanha e Itália, por exemplo, cuja constituição em estados unitários é relativamente recente, para já não falar na maior parte dos países

da Europa Central e do Norte cujas fronteiras actuais foram definidas em tempos bem recentes. Significa isto, em meu entender, pelo menos que as condições que permitiram a formação de estados unitários andaram a par dos movimentos de expansão colonial. Por outras palavras: foi a experiência colonial, com tudo o que essa experiência trouxe de novo consigo (no plano económico, social, cultural, técnico e científico) que permitiu o florescimento de condições políticas propícias à formação dos «estados modernos» europeus, fortemente centralizados e com um alto grau de organização e de agregação social, única forma de levar por diante

arrojadas empresas a longa distância. E também é certo que o capitalismo, a fermentar desde que as primeiras operações marítimas de comércio a longa distância foram realizadas, enquanto modelo de organização económica que, rompendo finalmente com as formas tradicionais de produção e de troca, instaura regras radicalmente novas no sistema predominante das relações sociais (correspondendo a transformações essenciais na estrutura da sociedade antiga e levando a uma ordem qualitativamente nova: a «ordem» das novas classes dominantes), só é historicamente possível com a conquista de fontes de matérias-primas, o alargamento dos mercados, a divisão internacional do trabalho.

É conhecida a tese de que Portugal não foi o País que mais beneficiou com a aventura colonial. Não foi, efectivamente em Portugal, primeiro País «descobridor» que se deu a revolução industrial e sim na Inglaterra, país que desenvolveu de forma mais sistemática e coerente, do ponto de vista dos interesses da sua própria burguesia nacional, a exploração das colónias. Não cabe aqui referir as causas do «atraso português» — ou, se se preferir, as causas da diferente natureza do colonialismo português — relativamente aos restantes países colonialistas. Os factos são incontroversos. Nunca em Portugal se desenvolveu uma burguesia nacional tão forte como em Inglaterra, França, ou Holanda, por exemplo. E se tal aconteceu foi, em parte, porque, a partir de certo momento do processo histórico português, a burguesia comercial e uma incipiente burguesia financeira se contentaram quase exclusivamente com o papel de «intermediários» de interesses estrangeiros vivendo na dependência dos grandes centros financeiros, comerciais e industriais europeus, incapaz de deitar mão dos recursos coloniais que haviam enriquecido outros países. Em outros termos: a «acumulação primitiva» que nos principais países da Europa chegados à era da industrialização havia sido feita à custa da exploração colonial e do comércio marítimo a longa distância (a par da exploração intensiva do proletariado e de camadas cada vez mais largas de outras classes sociais — camponeses e pequeno-burgueses — que se iam proletarizando), não se deu em Portugal colocando-se a burguesia nacional em estado de crónica dependência e subalternização em relação as burguesias «avançadas» da Europa.

Estas diferenças qualitativas no «modo de exploração colonial» tiveram importância determinante na forma como se processou a tomada de consciência dos diferentes povos submetidos ao colonialismo e no ritmo do aparecimento dos respectivos movimentos de libertação. A questão nacional — e as lutas políticas ou armadas dela decorrentes — conduziu à autodeterminação e independência, em primeiro lugar, povos submetidos à dominação inglesa, holandesa, francesa ou belga. Portugal, com efeito, chega bastante tarde à «pilhagem colonial». Pode dizer-se que é já só neste século e, pelo menos de forma relativamente organizada, só em pleno fascismo é que um certo número de grupos económicos portugueses se lançam na exploração sistemática dos territórios coloniais (na esteira, de resto, da exploração já iniciada antes por grupos estrangeiros nas colónias portuguesas). É certo que durante alguns séculos foi possível a Portugal viver na modorra da indife-



re intolerante recusa do regime em compreender a história, antes de iniciarem a luta armada) foi a polícia política, as prisões, os campos de concentração, a tortura, tantas vezes a morte. Homens da estatura de um Eduardo Mondlane, de um Amílcar Cabral, de um Agostinho Neto, não recebiam outras respostas senão as que o poder colonialista aplicava a todos os resistentes antifascistas. Por isso, ou em grande parte por isso, a luta anticolonialista em Portugal esteve estreitamente associada à luta antifascista. A partir do momento em que se tornou evidente a incapacidade de Portugal (ou melhor do fascismo português) compreender o movimento irreversível da história contemporânea e de aceitar, com naturalidade e orgulho, a independência das suas colónias (juntando-se, como lhe teria competido se tivesse sabido interpretar correctamente as lições do seu próprio passado, ao universal clamor de liberdade e justiça para todos os «danados da terra») — a partir desse momento era inevitável o eclozir da luta armada, desencadeada por movimentos revolucionários que colocavam, desde logo, a «questão nacional» e, portanto, o problema da independência estreitamente ligado ao problema da «luta anti-imperialista» (o que envolvia a questão do modelo de sociedade futura ou, mais claramente, a questão da construção do socialismo em países chegados à independência depois de séculos de colonialismo e ao fim de lutas armadas prolongadas — questão de grande importância e actualidade mas que não é minha intenção fazer caber nos limites deste curto prefácio).

Assim, pois, lutar contra o fascismo, o colonialismo e o imperialismo, foi uma e a mesma luta para os revolucionários das ex-colónias portuguesas. Como em Portugal, a partir de um certo estágio de desenvolvimento das guerras coloniais e correspondendo a um certo nível de compreensão da natureza complexa e contraditória do sistema colonial-fascista, lutar contra o fascismo e contra o colonialismo foi uma e a mesma luta para os mais lúcidos e consequentes dos opositores ao regime.

A obra de E. Wallerstein e Aquino de Bragança, não sendo exaustiva, contém elementos importantes para o conhecimento e compreensão da génese e desenvolvimento dos movimentos de libertação e dá um contributo considerável à história da resistência ao colonialismo português e à história das independências dos «novos países de expressão portuguesa» — Guiné e Cabo Verde, S. Tomé, Angola, Moçambique — independências tão duramente conquistadas após longas guerras de libertação nacional só terminadas em 1974, após a Revolução de 25 de Abril, em Portugal. É por isso que o «25 de Abril», para além de tudo o que representa para os portugueses, não pode deixar de ser considerado a data histórica que abraça o mesmo amplexo libertador o Povo português e os povos das ex-colónias e os torna para sempre ligados por laços de indelével amizade e fraternidade na comunhão de ideais na construção de um mundo mais justo e mais livre.

Lisboa, Abril de 1978.

MELO ANTUNES

Páginas escritas pelo Conselheiro da Revolução major Melo Antunes para servir de prefácio à obra de Aquino de Bragança e Immanuel Wallerstein, «Quem é o inimigo?», recentemente publicada por Iniciativas Editoriais.

PUB



ARY dos SANTOS

FALA DE SEXUALIDADE

A prostituição não é um mal necessário. Se o dissermos estaremos a fazer um pouco a defesa do FMI, dos empréstimos americanos ou outras coisas parecidas. É um mal e como mal nunca será necessário.

LEIA A REVISTA

AFRODITE

Revista da Convivência e das Relações Humanas

Um lançamento Análise Editora
Rua Gomes Freire, 11 4.º-B - Telef. 57 37 20

PEÇAS MERCEDES

ECONOMIZE!

Compre peças recuperadas com 10% de uso, pagando agora só 30% do seu valor.

Alguns dos nossos preços (só até 15 de Julho):

Eixos traseiros completos (c/diferencial), desde	Esc. 10 000\$00
Charriots dianteiros completos, desde	" 9 000\$00
Caixas de velocidades, desde	" 12 500\$00
Semi-eixos, desde	" 2 000\$00
Semi-eixos 220D/8, cada	" 6 000\$00
Conjuntos do Diferencial, desde	" 7 500\$00
Triângulos da suspensão, desde	" 1 500\$00
Motores 190D e 200D, desde	" 40 000\$00
Motores 220D/8, desde	" 70 000\$00

Temos todas as peças para os modelos antigos (chapa e mecânica).

Aproveite esta oportunidade única e faça agora o seu «stock» de material.

LINO A. S'ILVA

Armazém: Pátio do Marechal, 4-B
(à Travessa das Mercceiras — Junto à Sé)
LISBOA

QUANDO O EXEMPLO VEM DE CIMA

Secretário de Estado das Pescas "despeja" a própria família?

Manuel de Almeida Pinto Alves e mulher foram expulsos da casa onde habitavam... pelo secretário de Estado das Pescas, dr. Vasco César das Neves (CDS) que aproveitando a ausência dos locatários, se meteu lá dentro, trocou as chaves, mudou a mobília dos inquilinos.

Inquilinos esses que são da sua própria família, pois Manuel de Almeida Pinto Alves é meio-irmão da mulher do secretário de Estado das Pescas. Esta a versão do casal que esteve no nosso jornal a contar a história do seu «despejo» e como tiveram de passar a noite a dormir dentro do automóvel e sem roupa.

Tudo começou quando este casal regressou de Moçambique e foi viver para casa da madrinha e madrastra de Manuel Pinto Alves e, portanto, sogra do secretário de Estado das Pescas.

Vítima de duas trombozes, a idosa senhora viria a falecer há dois meses. «A Manuela (mulher do membro do Governo) — afirma o seu meio-irmão — enquanto a mãe foi viva sempre declarou, e temos testemunhas, que não

havia problemas e que nós ficávamos com a casa. Talvez que tivesse medo que a mãe ficasse entredada durante muito tempo e precisasse de nós para a tratar que foi o que aconteceu enquanto ela esteve doente. Assim que ela faleceu, começou logo a dizer que queria vender o andar, por 1200 contos. Para os outros andares, pretende apenas 700. Ora eu não tenho esse dinheiro e disse-lhe que ia procurar casa.

Só passaram, como lhe disse, dois meses. Ontem a minha mulher e eu saímos e quando chegámos a casa, vimos que a fechadura tinha sido mudada.

«A porta abriu-se — prosseguiu — e estava lá o secretário de Estado das Pescas do II Governo Constitucional com a mulher». Tinha «ocupado» a casa. Mudado a mobília.

O casal já apresentou queixa na Polícia. Uma acção de despejo é consequência de um processo judicial. E um membro do Governo sabe-o melhor que ninguém. Estamos num Estado de Direito.

O «Direito à Habitação», é um princípio fundamental da Constituição e um membro do Governo tem de a respeitar, mesmo que o seu partido tenha votado contra. Para além disso não é muito «crsitão» pôr ninguém na rua, e sobretudo se se trata da própria família. «Imagine, são pessoas que andam sempre a dar cursos de cristandade e em retiros» — desabafa Manuel Pinto Alves.

Quando um membro do Governo, ignorando os tribunais, faz «justiça» por conta própria, aonde vamos parar? E não é uma casa para habitação própria, pois segundo a versão deste casal, moram numa casa na Avenida de Roma de «renda antiga» e outra moradia nos arredores de Lisboa. Um despejo original, sem dúvida!

«Pois é — desabafou o casal —, quando nós tínhamos uma vida boa em Moçambique e ele foi lá, ainda quando estava na empresa onde foi saneado — acompanhado de amigos, aí estava tudo bem. Mas agora...» Para um membro de um partido que tanto se importou com os desalojados, enfim, esta atitude deve ser apenas uma excepção. A casa em questão fica na Rua Carlos Mardel, n.º 30-2.º.

Participam na sessão o prof. Ruy Luís Gomes, dr.ª Maria Pilar Ribeiro, dr. Hugo Ribeiro, dr. António Aniceto, dr. Luís Neves Real, e prof. José Morgado. Estará ainda presente o prof. Isolino Vaz, pintor português que realizou um trabalho expressamente para estas comemorações.

SEGUNDA-FEIRA NO PORTO

Ruy Luís Gomes em homenagem a Bento Jesus Caraça

PORTO, 1 — A livraria Bento de Jesus Caraça, que integra a Comissão Nacional para as comemorações do 30.º aniversário da morte do professor Bento-Caraça, promove, nesta cidade, na próxima segunda-feira pelas 21,30 na Escola Superior de Belas-Artes, uma sessão pública de homenagem a aquele democrata e antifascis-

Fim-de-semana partidário

PS, PCP e UDP promovem este fim-de-semana algumas realizações partidárias com destaque para Álvaro Cunhal que falará amanhã à tarde em Coruche, em comício do PCP a realizar pelas 17 horas, e para o II Encontro do Município PS, que sob o tema «Um plano de actividades para o município socialista», decorre desde ontem num hotel da capital, promovido pela Fundação Antero de Quental, e terminará ao fim da tarde de hoje.

A sessão de encerramento do encontro decorrerá a partir das 16 horas, com a apresentação das teses e intervenções de Jorge Campinos («O partido e o poder local»), Salgado Zenha («A Assembleia da República, o deputado e o município») e, finalmente, do Primeiro-Ministro e secretário-geral do PS, que

falará sobre a situação política nacional. Encerrados os trabalhos, realizar-se-á um jantar de convívio a que Mário Soares presidirá.

Entretanto, com a finalidade de preparar a Conferência Nacional da UDP que se realiza no próximo fim-de-semana, efectua-se uma reunião do Conselho Nacional daquela organização política, a partir das 9 horas, de amanhã, na sede central da UDP, Rua Bernardo Lima, 64.

Quanto ao PCP, leva hoje a efeito, na Pontinha, com início às 17 horas, uma festa popular. Outras realizações para hoje e amanhã: Amadora, Festa de Unidade junto à estação da CP. No dia 2 às 18, comício com Octávio Pato, membro da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP.

GRANDOLA, no Campo de Futebol, venda de produtos

da R. Agrária, perante a manhã do dia 1 e sessão de esclarecimento às 17.00. À noite baile. Dia 2, manhã infantil e às 15.00 variedades. Às 18.00 comício com Blauqui Teixeira, membro da Comissão Política do CC do PCP e Manuel do Rosário Moita deputado do PCP.

PANOIS (OURIQUE), na Barragem, acampamento convívio. No dia 2, às 16.00 intervenção política dos camaradas António Gervásio, membro da Comissão Política do CC do PCP e Manuel do Rosário Moita deputado do PCP.

NO VALE DO SORRAIA, festa popular.

Amanhã: Alenquer, festa popular. COINA (Barreiro), pic-nic na Quinta da Areia a partir das 10 horas. SANTO ANDRÉ (Barreiro), festa popular com variedades a partir das 14 horas.

Decreto-Lei institucionaliza os novos "Juizes Sociais"

O Decreto-Lei 156/78, ontem publicado no «Diário da República», institucionaliza que podem ser nomeados juizes cidadãos portugueses de reconhecida idoneidade que tenham mais de 25 anos e menos de 65 anos, que saibam ler e escrever, estejam no pleno gozo dos seus direitos civis e políticos e não estejam pronunciados nem tenham sofrido condenação por crime doloso.

No entanto, o decreto-lei agora publicado apenas se refere a causas que tenham por objecto questões de arrendamento rural e a certas categorias de acções da competência dos tribunais do trabalho e tribunais de menores.

Segundo o preâmbulo do Decreto-Lei 156/78, a medida

«procura fundamentalmente trazer a opinião pública até aos tribunais e levar os tribunais até à opinião pública, já actuando contra a rotina dos juizes e sensibilizando-os em relação a valores sociais dominantes e sua prioridade, já estimulando os cidadãos à formação de opiniões correctas a respeito da administração da justiça e ao reforço do seu sentimento de legalidade».

Refira-se que o decreto estabelece que o exercício do cargo de juiz social constitui serviço público obrigatório e é considerado para todos os efeitos como prestado na profissão, actividade ou cargo do respectivo titular. A nomeação é feita por períodos de dois anos e nas causas da competência dos tribunais de trabalho, os juizes são nomea-

dos de entre os cidadãos que possuam a qualidade de entidade patronal, trabalhador assalariado ou trabalhador independente e residam na área da jurisdição do respectivo tribunal.

No concernente às questões de arrendamento rural, os juizes sociais são nomeados de entre os cidadãos que possuam a qualidade de senhorio ou rendeiro e residam na área da comarca.

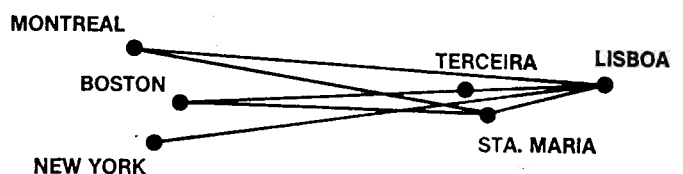
No que se refere aos tribunais de menores a nomeação é feita de entre os cidadãos residentes na área do município do respectivo tribunal.

Todavia, as nomeações são precedidas de apresentação de candidaturas a fazer durante o mês de Maio do ano em que se complete o biênio relativo à anterior designação.

De Portugal para Estados Unidos e Canadá

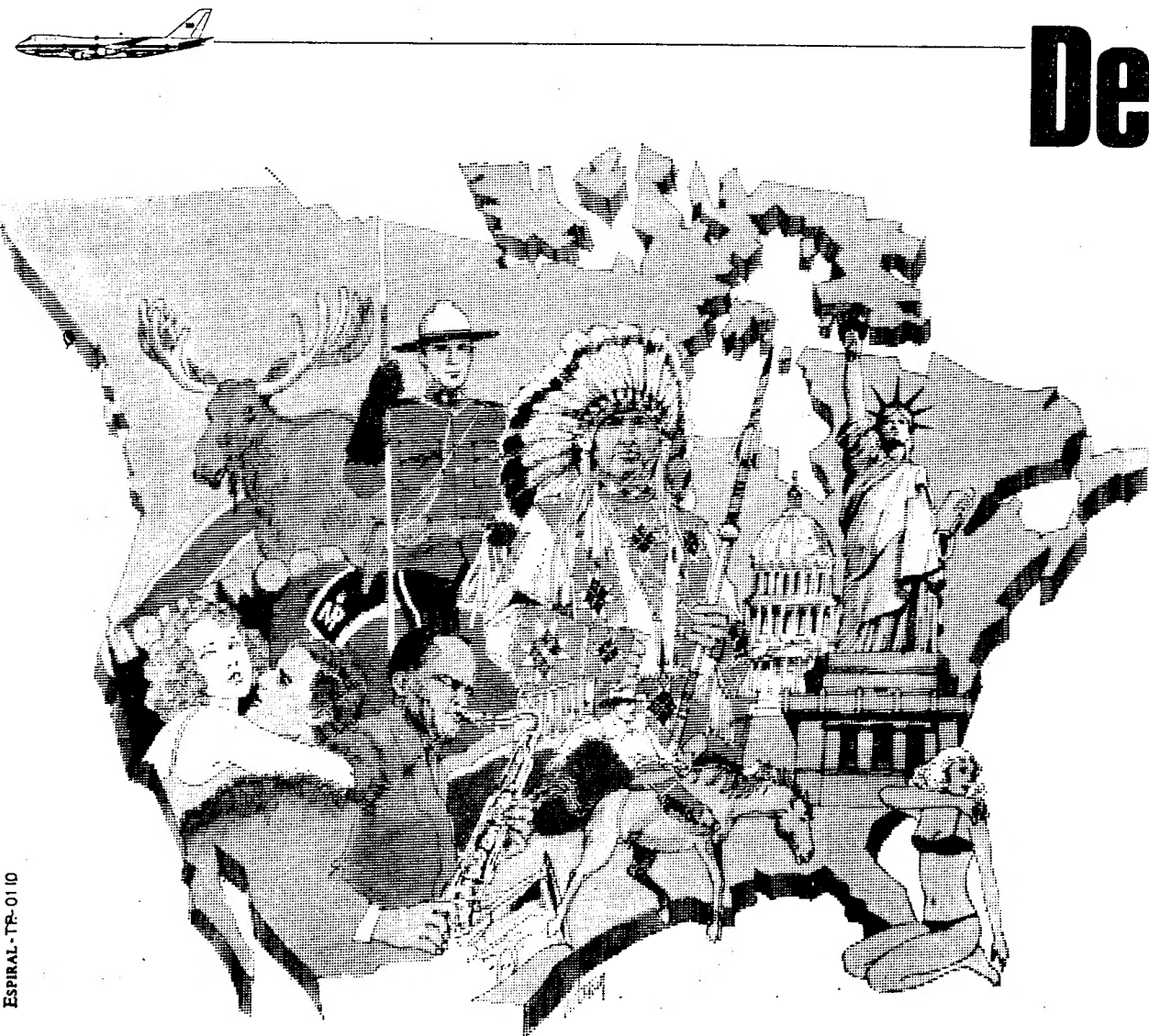
nas rotas da TAP

A TAP é a Companhia que, à partida de Portugal, lhe oferece mais destinos nos EUA e no Canadá. Para além da ligação às Comunidades Portuguesas e aos principais centros comerciais americanos, a TAP está sempre a seu lado, através de 8 escritórios em 2 países da América do Norte. Voando para qualquer dos 3 destinos da TAP nos EUA e Canadá, encontra sempre o acolhimento e o conforto que sabemos proporcionar aos nossos passageiros. E, acima de tudo, voar com a TAP é contribuir para o progresso económico do país.



voe no que é seu. voe com a

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS PORTUGUESES



CDS exige explicação de Eanes sobre não promoção de Pires Veloso

«A maior surpresa», eis como o CDS, pela boca do seu «porta-voz para a Defesa Nacional», Azevedo Coutinho, classificou a não-promoção pelo Conselho da Revolução, do coronel Pires Veloso, antigo comandante da Região Militar do Norte, e que esteve inscrito num curso dos Altos Estudos Militares recentemente concluído.

Neste curso, em que participou também o coronel Soares Carneiro, já promovido ao posto de brigadeiro, não terá havido — segundo já foi noticiado por órgãos de Informação — grande interesse ou assiduidade do ex-comandante da RMN, admitindo-se que tal facto terá motivado a sua não-promoção.

Para o citado porta-voz do CDS, que ao contrário do que em geral os centristas afirmam defender (não interferência na esfera de acção dos órgãos de soberania), crítica a decisão do CR, «não se pode deixar de estranhar que uma personalidade como o coronel Pires Veloso, que tão relevantes serviços prestou na defesa da legalidade democrática, opondo-se decisivamente ao avanço das forças totalitárias, seja agora preterida».

Aquele dirigente do CDS entende ainda que «o País tem obviamente de ser esclarecido para poder formar o seu juízo», solicitando do general Ramalho Eanes, presidente do CR, ou do porta-voz deste, o esclarecimento das razões de tal decisão.

Recorde-se que, entre, as muitas, atitudes de maior controversia assumidas pelo coronel Veloso no seu mandato na RMN, se destaca a «cobertura» (presença junto da tribuna oficial) do réu da rede bombista, Mota Freitas, numa cerimónia militar pública na capital nortenha.

CONSELHEIROS DESMENTEM

Entretanto os conselheiros da Revolução, Pezarat Correia e Sousa e Castro desmentiram a notícia do matutino «Comércio do Porto» (agora sob controlo do CDS), segundo a qual o CR teria «acordos secretos» com a Roménia e a RDA.

A especulação daquele matutino surgiu a pretexto do jantar que alguns membros do CR tiveram na messe do EMGFA com dois elementos da Frente Nacional da RDA (organização que engloba todas as forças políticas daquele país) e que Pezarat Correia classificou de «absolutamente particular», justificando-o como convite a pessoas que o tinham recebido na RDA quando lá esteve em visita o ano passado.

Sousa e Castro, por sua vez, recordou ser «usual» personalidades dos diversos países encontrarem-se com membros do CR e manifestou estranheza pelo facto de as reacções ou comentários apenas surgirem quando se trata de pessoas ou individualidades dos países socialistas.

Em ALVERCA o
Diário de Lisboa
vende-se na
TABACARIA FERREIRA
R. Manuel Maria Vieira, 7

Prevista criação de "Ecomuseu" em Linhares, na serra da Estrela

Em visita relacionada com as perspectivas de criação de Ecomuseus em Portugal, inseridos nos parques naturais já existentes no País, chega a Lisboa, no próximo dia 4, o prof. George Henri Rivière, conselheiro permanente da Unesco e antigo director do ICOM (Conselho Internacional de Museus).

Rivière é uma das mais destacadas autoridades mundiais em museologia, tendo orientado a constituição de alguns dos mais importantes museus de vários países, nomeadamente o Museu do Homem e o Museu das Tradições e Artes Populares, em Paris, e colaborou na instalação do

Museu Gulbenkian, em Lisboa.

É, no entanto, como criador do conceito de Ecomuseu e promotor dos primeiros ecomuseus franceses que o prof. Rivière vem a Portugal, convidado pela Secretaria de Estado do Ordenamento Físico e Ambiente, através do seu Serviço Nacional de Parques Reservas e Património Paisagístico.

O Ecomuseu pretende ser um museu do tempo e do espaço, participado pelas populações. Revela o tempo da história das comunidades locais e o espaço físico suporte dessas comunidades.

Durante a sua permanência

em Portugal, que se prolongará até o dia 11, Rivière visitará a povoação de Linhares, no Parque Natural da Serra da Estrela, tida como uma das mais aconselháveis para a instalação de um Ecomuseu devido ao considerável estado de conservação dos seus monumentos históricos e das numerosas construções centenárias que são verdadeiros padrões da arquitectura tradicional da região.

Rivière efectuará ainda em Portugal dois colóquios, um na Fundação Gulbenkian, no dia 8, e outro no Instituto Universitário de Évora, no dia 10.

Nova ponte sobre o Lima em Viana do Castelo?

VIANA DO CASTELO — O secretário de Estado das Obras Públicas, Carlos Porto, informou ontem que se estuda a possibilidade de construir nova ponte sobre o Rio Lima, em Viana do Castelo, durante as comemorações do centenário do troço ferroviário Darque-Caminha.

A comemoração do centenário do troço e da ponte de Viana do Castelo foi organizada pela Câmara local com a colaboração da Companhia dos Caminhos de

Ferro.

Um «combóio histórico», rebocado por uma velha locomotiva a carvão (ela mesmo mais que centenária) e constituído por carruagens dos fins do século passado, fez o percurso de Darque a Caminha, parando em todos os apeadeiros e estações para receber elementos das autarquias locais e os aplausos do público entre o estrepitar de foguetes.

Na composição viajaram os

ministro das Obras Públicas e secretário da mesma pasta. O representante do ministro dos Transportes e Comunicações, o governador civil de Viana, o general comandante da Região Militar do Norte, além de outras entidades e técnicos da CP. De regresso a Viana, depois da sessão solene comemorativa, foram inauguradas duas exposições: uma de desenhos infantis e outra de filatelia, tendo ambas por tema os caminhos-de-ferro.

SAUDE

Policlínicos de Coimbra satisfeitos com a "atitude positiva" do MAS

Os médicos policlínicos reunidos ontem à noite no salão nobre dos hospitais da universidade de Coimbra, consideraram «positivo» que o Ministério dos Assuntos Sociais tenha feito proposta de um diploma onde se inclui o Estatuto do Médico e as carreiras médicas, antiga aspiração dos médicos portugueses e repetida reivindicação das comissões de policlínicos.

Um documento apresentado e aprovado (dos 130 presentes apenas se registaram 8 abstenções e 1 voto contra) os médicos policlínicos «reivindicam de novo o seu estatuto de interlocutor directo» quanto ao diálogo a estabelecer com o Ministério dos Assuntos Sociais.

Justificando esta pretensão, o referido documento assinala que existem «neste momento cinco mil médicos policlínicos e 2200 finalistas de medicina que em breve ingressarão no internato —

e estes sem projecto inicial do MAS (...).

Os médicos policlínicos dizem defender, por outro lado, «um SNS na sua dupla perspectiva de resposta às exigências populacionais no campo da assistência e de garantia de emprego, realização pessoal e profissional dos trabalhadores da saúde».

Ao proporem depois alterações ao projecto ministerial, nomeadamente sobre o regime de trabalho dos médicos de clínica geral, os policlínicos opõem a

«figura do médico isolado que parece emergir do projecto do MAS, a da **equipa médica** pluridisciplinar, actuando no novo centro de saúde integrado, o centro de saúde comunitário, em relação aos quais incidirão urgentes esforços de investimento, de modo a que cumpram as funções da Base XIV».

Assim, recusam «a vinculação do médico de clínica geral a um número de fichas e ao regime de trabalho em responsabilidade permanente».

Acordo luso-espanhol de análises clínicas

Os ministros da Saúde de Portugal e de Espanha assistem em Badajoz à assinatura do protocolo de Associação Ibérica de Farmacêuticos Analistas Clínicos.

cos.

A este acto assistirão os presidentes do Conselho farmacêutico de Portugal e de Espanha e autoridades locais.

BELÉM CRITICA O "JORNAL NOVO"

Porque não perguntou em Bissau o que agora o preocupa em Lisboa?

A Presidência da República lamentou ontem que a representante do vespertino «Jornal Novo» à cimeira de Bissau não tivesse posto ao general Ramalho Eanes as questões que agora levanta no jornal a propósito da política africana de Portugal.

Contactado pela ANOP na sequência de diversas perguntas feitas pelo «Jornal Novo», um informador autorizado da Presidência da República disse que o general Ramalho Eanes explici-

tou na capital guineense a sua política sobre Angola e que conjuntamente com o presidente Agostinho Neto «deu uma conferência de imprensa em que poderiam ter sido postas todas as perguntas relacionadas com a política africana de Portugal, e em particular, com as relações Portugal-Angola».

«Nessa conferência de imprensa — prosseguiu o mesmo informador — participou aliás uma representante do jornal que

agora levanta a questão de nova conferência de imprensa a respeito do mesmo assunto e que não faz em Bissau nenhuma das perguntas que afinal, como agora se vê, preocupam aquele órgão de Informação».

«A Presidência da República apenas pode lamentar que aquela oportunidade tivesse sido perdida».

O mesmo informador adiantou que, não excluindo a hipótese de vir a responder a perguntas

ASSOCIAÇÃO PARAMILITAR A VISTA?

Direcção dos "páras" eleita por 97 votos

Apenas 129 dos cerca de 250 pára-quedistas presentes a noite passada num luxuoso hotel da capital votaram em listas para os corpos gerentes da recém-formada associação que, com o «DL» referiu há dias, inclui também «páras» ainda no activo.

Na lista vencedora votaram 97 dos presentes, tendo portando a grande maioria optado pela abstenção o que não irá proporcionar, aparentemente, futuro brilhante a uma organização que,

como anteontem referíamos, tem elementos do MIRN a inspirá-la.

Os dirigentes da nova associação são, entre outros, Albino Medeiros Barbosa e António Augusto Alves de Carvalho, que em entrevista dada, na véspera da eleição ao diário da manhã «O Dia», referiam como objectivos da sua iniciativa tratar-se de «cimentar laços de camaradagem» e de «dar uns saltos de vez em quando...»!

"Semana libertária" começa amanhã

«Com o fim de afirmar a presença do movimento libertário no contexto nacional», o jornal «A Batalha» e vários agrupamentos libertários vão realizar a partir de amanhã, domingo, uma «Semana de Presença Libertária».

Esta «Semana da Presença Libertária» será, segundo nos disse um dos seus organizadores, o «começo de uma acção que vai mais longe e destina-se a lançar um movimento cuja existência não tem o impacto que teve outrora».

No que concerne o programa da «Semana» o mesmo inicia-se amanhã com um convívio em Almada, seguido de uma sessão sobre arte e literatura fantástica. Segunda-feira, na Faculdade de Letras de Lisboa, haverá um debate sobre marginalidade, delinquência e prisão; quarta-feira, no anfiteatro da Biblioteca Nacional, projecção dos filmes «Jaime» e «S. Pedro da Cova» seguida de debate; quinta-feira, no Centro Nacional de Cultura, pelas 21 horas, aquilo a que se poderá chamar «o momento alto da semana» — debate sobre sindicalismo.

Toda esta «Semana» culminará, sábado, com um festival no Montijo onde serão instalados fóruns de discussão, feira

Os ladrões só levaram metade do móvel

De um estabelecimento no Largo da Graça («Sociedade Revendedora de Móveis») vinham desde há algum tempo desaparecendo, misteriosamente, os móveis mais diversos. Não havendo vestígios de arrombamento, nem outros, os empregados da casa não acreditavam, mesmo assim, que os móveis saíssem pelo seu pé.

Finalmente, ontem, o mistério foi desvendado pela descoberta, inesperada, de apenas «meio» móvel no lugar onde devia estar um móvel «inteiro». Ao lado, «jazia» um alicate.

MDP prepara

Encontro Sobre Política de Ensino

O MDP leva a efeito na próxima segunda-feira, pelas 21 e 30, uma reunião preparatória do Encontro sobre Política de Ensino, a realizar em fins de Outubro do corrente ano.

Esta reunião preparatória, que terá lugar na Rua de Artilharia Um, 105, debaterá a formação de grupos de trabalho e delineará um programa preparatório.

Emigrantes

na RFA

prestam

homenagem

a mortos

do Tarrafal

Um grupo de antifascistas portugueses residentes na República Federal da Alemanha desloca-se expressamente a Lisboa para, na próxima terça-feira, prestar homenagem aos mortos do Tarrafal.

A homenagem inclui a entrega à Comissão Promotora da Trasladação de uma lápide em bronze com palavras de homenagem às vítimas do fascismo mortas naquele campo de concentração.

Eanes reuniu

ontem

com Mário Soares

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, recebeu ontem em audiências separadas no Palácio de Belém, o ministro do Interior da Roménia, Teodor Coman; o ministro da República nos Açores, general Galvão de Figueiredo; com quem tratou de assuntos de interesse para aquela região autónoma; o Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares, com quem tratou de assuntos correntes de administração pública; o embaixador de Cabo Verde em Lisboa, Corsino Fortes; embaixatriz de S. Tomé e Príncipe, Graça Amorim e o embaixador da Guiné-Bissau, Filinto Barros.

COMISSÃO PRETENDE DEBATE NACIONAL

"Não há centrais nucleares totalmente seguras"

Conscientes da responsabilidade cívica que lhes advém de possuírem uma formação científica e técnica a que a grande maioria dos seus concidadãos não teve acesso, um grupo de personalidades (técnicos e cientistas, intelectuais e especialistas em matéria nuclear) acaba de criar a «Comissão Dinamizadora para o Debate Nacional sobre a Opção Nuclear».

Numa conferência de imprensa recentemente realizada, os promotores da mesma justificaram a criação daquela Comissão pelo facto de «num momento em que a política energética se encontra no cerne de opções fundamentais — adiar um amplo debate público sobre a matéria apenas acentua o prolongamento de orientações passadas, que o contexto internacional presente torna gravemente preocupante».

Após terem historiado as etapas que conduziram à justificação, por parte de alguns, do Governo nomeadamente, da opção nuclear os membros da mesa indicaram que, em Agosto de 1976, «o dr. Mário Soares prometera a elaboração de um Livro Branco sobre a opção nuclear e que apesar desse trabalho já se encontrar concluído desde Novembro de 1977, o mesmo ainda não se viu publicado».

Neste particular, salientou-se que apesar do Livro Branco não ter sido publicado, a Secretaria de Estado de Energia e Minas já despachou vários aspectos relativos à abertura do concurso de fornecimento às centrais nucleares previstas pelo Governo.

«Ora», frisaram, «uma central nuclear pelos riscos que envolve exige que os especialistas, cientistas e técnicos em geral, esclareçam e consciencializem os ci-

dadãos contribuintes sobre opções que a todos irão afectar.» E acrescentaram: «Contribuiu o povo português para a formação desses técnicos e cientistas, é, pois, lógico que os seus conhecimentos profissionais sejam postos ao serviço da comunidade.»

Essa preocupação por parte da Comissão Dinamizadora para o Debate Nacional sobre a Opção Nuclear em ver a população portuguesa devidamente informada sobre os problemas inerentes à instalação de centrais nucleares no nosso país, está, aliás, bem patente no «Projecto de Princípios e Regulamentos» daquela Comissão. Com efeito, partindo do princípio que o problema energético «é uma questão fundamental no processo de desenvolvimento dos povos, pelas suas implicações na indústria, nos transportes, na agricultura, no equilíbrio regional e

na qualidade da vida» o projecto destaca que as opções que forem tomadas condicionarão irreversivelmente o futuro da vida colectiva de qualquer país.

Um dos problemas também abordados na reunião com os órgãos de Comunicação Social foi o de Ferrel, localidade onde — como é de conhecimento público — o Governo entende instalar uma central nuclear. Nesse aspecto os elementos da Comissão presentes salientaram não terem sido feitos até ao momento estudos biológicos naquela zona e mostraram a sua preocupação em ver no futuro esta zona de grande importância piscícola ficar privada de peixe.

Com efeito, a instalação de uma central nuclear em Ferrel matará algumas espécies e obrigará outras a migrar para outras regiões. Por outro lado, existe o perigo da poluição térmica, química e radioactiva vir a afectar gravemente o Canhão da Nazaré, local muito profundo onde os peixes se costumam reproduzir.

Instados a pronunciarem-se sobre a eventual existência de uma central nuclear «completamente segura», os elementos da Comissão afirmaram que ninguém à face do conhecimento científico e tecnológico actual pode garantir a segurança total das centrais nucleares. Nesse âmbito declararam ainda que os

dispositivos de segurança, segurança essa que apenas pode limitar os riscos sem os eliminar, são de tal maneira onerosos que a sua instalação faria com que a energia nuclear deixasse de ser competitiva em relação à energia convencional.

No aspecto referente à instalação de centrais nucleares espanholas junto à fronteira portuguesa, a Comissão manifestou a sua preocupação pela atitude de subalternidade do Governo Português relativamente a essa instalação. «Consideramos ser preocupante essa subalternidade e também a ausência de controlo sistemático de contaminação térmica e radioactiva em território nacional com origem nas centrais espanholas já em funcionamento assim como incutiria grave a inexistência de estudos ecológicos nas zonas em território nacional que serão afectadas pelas centrais espanholas que brevemente irão entrar em funcionamento», disseram.

Por último, e atendendo a que os Estados Unidos têm recusado fornecimentos de urânio enriquecido, a Comissão interrogou-se: «Quem assume em Portugal a responsabilidade de garantir que, instalada uma central nuclear à base de urânio enriquecido, teremos combustível nuclear para a fazer funcionar?».

Auto-estrada do Sul já chega a Palmela

O lanço de auto-estrada entre o Fogueteiro e Palmela que se integra na auto-estrada do sul, foi aberto ao público à meia-noite de ontem.

O lanço compreende três nós, Fogueteiro, Coina e Palmela que distam entre si, respectivamente 9 e 11 quilómetros. As tarifas de utilização terão carácter provisório — afirma a Secretaria de Estado das Obras Públicas, e valores que variam entre 20 escudos, para veículos automóveis pesados com três ou mais eixos. Quanto aos automóveis ligeiros

de passageiros a tarifa será de 30 escudos.

Durante cerca de uma semana todos os veículos estarão isentos das respectivas tarifas, as quais, passado esse período, serão cobradas pelo serviço de portagem situado no nó de Coina.

O lanço agora aberto tem 20 quilómetros de extensão foi iniciado no final de 1975 e será completado a curto prazo pelo troço que ligará Palmela a Setúbal, numa extensão adicional de sete quilómetros.

Aeronáutica Civil perde a questão de Pedras Rubras

A Assembleia Municipal de Matosinhos ratificou, esta madrugada, a decisão do Executivo que aprovara o estudo do Ministério dos Transportes e Comunicações com vista à criação de uma zona de protecção ao Aeroporto de Pedras Rubras.

Um estudo anterior da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil determinava a reserva de uma grande área, adjacente ao aeroporto, prevenindo a construção, em data oportuna, de mais duas pistas. Contra este estudo vem lutando, há cerca de quatro anos, a CM de Mato-

sinhos, considerando que a pista actual é suficiente para o movimento daquele aeroporto e está, até, a ser subaproveitada, pelo que a reserva de grandes áreas de terreno, com sacrifício para o desenvolvimento do concelho, asfixiando a construção de casas para habitação e outras, correspondia a um projecto «irrealista».

O Ministério dos Transportes e Comunicações deu parecer favorável a esta posição da CM e elaborou um estudo em conformidade, que foi primeiramente aprovado pelo Executivo e ratificado, agora, pela Assembleia Municipal.



um veículo todo-o-terreno para: trabalhar, carregar, atrelar e passear



seguro e cómodo na estrada e fora dela

Agentes em todo o Continente e Ilhas

Sociedade Electro-Mecânica de Automóveis, Lda.

Salão de Exposição (aberto até às 22 h):

Rua Nova de S. Mamede, 74 - Lisboa 2

Telefones 68 31 93 · 68 75 55 · 68 11 37



FESTA DA UNIDADE

1 e 2 de Julho
AMADORA
(JUNTO À ESTAÇÃO DA CP)

DIA 1

A partir das 15 horas;

Rancho Folclórico dos Avieiros de V. Franca de Xira e a participação dos Grupos: "Unidade", "Praça Pública", "Alma Viva" e "Trief".

Fados:

Luís Oliveira, Manuel Ribeiro, Rui Olival, Adelaide Maria, Mário de Jesus, Maria de Lurdes, Luís Costa e João Alter. Acompanhamento à Guitarra por Jacinto Barra e João Alter e à Viola por F. Coelho.

Noite:

Grande baile com o conjunto "Conjunção".

DIA 2

A partir das 9 horas:

Manhã dedicada especialmente aos jovens.

Provas desportivas:

Atletismo, gincanas, xadrez, judo e outros jogos.

Espectáculo com os grupos:

"Praça Pública", "Alma Viva", "Pioneiros da Brandoa", Professor Minhoca, Carlos Queiroz e Ermelinda Duarte.

A tarde: Canto Livre

Grupo Trovante, Carlos Paredes, Carlos Mendes, Raimundo, José Jorge Letria e Nuno Gomes dos Santos.

As 19 horas:

Grande Comício com a participação dos camaradas Octávio Pato, membro do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central do Partido e Ruben de Carvalho, chefe de redacção do AVANTE.

As 20,30 horas:

1.º Sorteio das EP's da FESTA DO AVANTE. Espectáculo de variedades com a participação dos Grupos: "Trief", "Alma Viva", "Grupo Coral da Brandoa", "Grupo Coral da Amadora" e Alzira Sá.

1º SORTEIO DAS EP's
da
FESTA DO AVANTE!
8,9 e 10 de Setembro
VALE DO JAMOR

TRIBUNA LIVRE

RESPOSTA DE VARELA GOMES A JOFFRE JUSTINO

"É agora que se resolve a luta dos professores"

Recebemos do professor Paulo Varela Gomes (delegado sindical da Escola Marquês de Pombal) uma carta — resposta a uma recente Tribuna Livre assinada por um outro professor e membro da direcção do Sindicato da Área da Grande Lisboa, Joffre Justino.

«O professor Joffre Justino, membro da direcção do Sindicato de Lisboa publicou no número de 24 de Junho do jornal que V. Exa. dirige um extenso artigo sobre a luta dos professores que contém uma análise com a qual muitos professores — entre os quais me conto — estarão radicalmente em desacordo. Tal não constituiria senão um pouco conveniente motivo para o pedido que agora faço — a publicação num próximo número do 'DL' desta minha carta — não fora o caso de, passando alto sobre o facto de o meu nome vir citado no artigo em causa, ter o 'DL' referido várias vezes a luta dos professores em notícias ou comentários quase sempre segundo a perspectiva exposta em 24/6 por Joffre Justino. Porque o 'DL' ganhou e justamente a reputação de jornal independente de esquerda e porque é lido por muitos professores e sindicalistas de variadas orientações, solicito a V. Exa. que abra as colunas do 'Lisboa' a uma perspectiva diferente e por isso envio estas notas.

«Joffre Justino diz coisas muito justas sobre a posição do MEC/Cardia e as reivindicações dos professores. Mas é evidente que, para além de tudo isso, há uma tese que quer demonstrar: a de que o fracasso da última fase da luta dos professores neste ano se deve àqueles a quem chama 'sindicalistas afectos ao PCP'. Poderia Joffre Justino ter utilizado outra expressão porque não lhe escapou com certeza a incorrecção sindical da que proferiu. Mas os dividendos políticos... Velhos hábitos custam a morrer. Vejamos rapidamente esta incorrecção de que falo: Joffre Justino designa-me (e escolho o exemplo já que me toca) como 'professor e sindicalista afecto ao PCP'. Pois Sou, de facto, professor, delegado sindical e sou militante do PCP. Acontece, contudo, que a minha acção sindical se não define por essa militância mas pelas posições sindicais que, em cada momento, defendo. O que acontece, aliás, com todos os activistas sindicais militantes ou não de um ou outro partido. É incorrecto pôr as coisas noutros termos porque é desviar a discussão do campo onde deve estar — as posições concretas das pessoas

— para o campo onde não deve estar — os partidos das pessoas. Não vou repetir para Joffre Justino nem para os professores leitores do 'DL' a velha (mas tão justa) argumentação de que os Sindicatos são organizações unitárias onde os trabalhadores de diversos partidos ou sem partido se têm de entender e trabalhar juntos. Apôr rótulos partidários na testa das pessoas é obstaculizar esse entendimento e trabalho comuns.

«E, agora, vamos passo a passo:

«1.º Não é verdade que a greve de 2 Fev fosse criticada por mim ou por sindicalistas que defenderam posições idênticas às minhas. Joffre Justino deve estar, aliás, recordando de quem insistiu primeiro na necessidade de os professores desencadearem um processo mais duro que o de Out/Nov de 77...

«2.º É verdade que na véspera dessa greve e perante as intimidações do Mec, a direcção do sindicato desenvolveu acções junto à classe e aos órgãos do poder cujos efeitos foram decisivos. E Joffre Justino decerto se recorda de quem defendeu tais acções...

«3.º Não é verdade que eu ou outros dos referidos sindicalistas nos tivéssemos oposto à greve de 10 de Março. Pelo contrário: Joffre Justino ainda deve recordar que foi justamente a escola que, com outros delegados, represento que, cansada do marasmo de mais de um mês em que as direcções sindicais haviam deixado cair a luta entre as duas greves, propôs numa assembleia de delegados que se avançasse...

«4.º Sobre estas duas greves, é verdade que eu e outros delegados sindicais exprimimos precauções e cuidados, alertámos para a necessidade de análise fria da situação, etc. Joffre Justino talvez pense que isso é 'oposição'. Mas isso é responsabilidade. Só quem é louco (ou aventureiro) não tem precauções dessas.

«5.º Passemos, finalmente, ao que importa: a greve as avaliações e exames. Vou passar em claro toda a argumentação avançada contra a proposta que, sobre este assunto, fizeram as direcções sindicais. Excepto num aspecto:

«Diz Joffre Justino que antes da greve 'a situação era francamente favorável à luta dos professores'. Mas os factos — esses teimosos e muito presentes factos — aí estão: a maioria imensa do professorado opunha-se e opõe-se a greves prolongadas as avaliações finais. Os fracassos da greve do Norte e do esboço de greve

no Sul demonstraram-no claramente. Joffre Justino, se me estiver a ler, erguerá nesta altura o dedo sentencioso e vingador para dizer: a culpa dessa derrota pertence aos tais sindicalistas afectos. Tal «tese» poderá enganar quem não é professor mas não ilude por um minuto sequer qualquer pessoa que conheça minimamente as escolas. Nem ilude o próprio Joffre Justino. Mas é que ele — e a direcção sindical a que pertence —, bem precisam de uma desculpa para a derrota que o seu aventureirismo provocou. O resto... bem, o resto é música celestial para enganar tolos!

«6.º Se a mim e aos delegados sindicais e professores que defenderam, em Lisboa, posições idênticas, cabe alguma culpa é a de não terem levado até às últimas consequências em termos de proposta a análise que fazíamos do estado de espírito da massa dos professores.

«7.º Que Joffre Justino defina como medo. Que é fácil... E que injusto! Diz Joffre Justino em passagem que será bom que não se esqueça: «Mais vale correr-se o risco de um ano escolar perdido que aceitar-se a degradação definitiva do sistema escolar português...». Eis a altissonante (mas falsa) alternativa que caracteriza bem a posição aventureira; eis o modo como se diz que as reivindicações dos professores passam à frente de tudo. Foi isto que os professores recusaram, não por medo mas, mais uma vez, por responsabilidade. Para os aventureiros trata-se, porém, de jogar no desespero, não dar qualquer perspectiva de futuro às massas. Ou tudo ou nada. É agora que se resolve tudo («alterar até ao fim do ano a situação dos professores», dizia, numa passagem inacreditável, a proposta das direcções sindicais). Sempre em frente, nada de recuos ou pausas, tudo, já!

«Esta orientação sindical é velha como o movimento sindical. São incontáveis as derrotas que arrastou consigo. O que é, triste é que ela é hoje a base e o essencial da actividade da direcção sindical da Grande Lisboa.

Para finalizar: os professores, para o ano, terão, de facto, 'aprendido uma coisa': que a luta sindical não é o processo linear e triunfante que os aventureiros lhe apontaram. Que o inimigo é duro, hábil e teimoso mas que pode, com paciência e firmeza ser derrotado. E que o desespero e a aventura são, nesta fase, os maiores adversários dos professores nos sindicatos.»



TRIBUNAL DE POLÍCIA

DURA LEX, SED LECAS

MÁRIO CASTRIM

Não queria roubar. Palavra de honra que não queria, senhor doutor juiz. O que queria era vir cá fora ter com o marido, para lhe pedir o dinheiro indispensável.

— Mas por que é que o marido da senhora não entrou? Hoje em dia é vulgaríssimo, ver-se um homem nos supermercados.

— Teve de ficar lá fora, a tomar conta da menina desinquietada.

Silêncio. Aquele silêncio carregado de desconfiança. O juiz lê de novo os produtos que a ré procura fazer passar longe do alcance da caixa registadora. Coisas miúdas, uma garrafa de azeite, umas salsichas, um pacote de rebuçados, uma escova de piaçaba, uma colher, um abre-latas, etc. Tudo somado, 720«20.

A seguir, o terrível desfile diante dos olhos esbugalhados da ré: o guarda capto, uma testemunha empregada do supermercado, mais outra empregada do supermercado, mais o gerente. Tudo ao ataque. Que sim, que tinham visto. Não, não havia engano possível. Não, senhor

doutor juiz, a freguesa estava calma, não dava indícios de nenhuma anormalidade.

— Bom, não poderia acontecer que de facto o marido...

A testemunha sorri. Talvez não de tristeza, nem de compreensão. Sorri de superioridade feita de experiência. Como quem diz: «Ora, ora, nós já sabemos como é...»

Ninguém se deixa convencer. Ninguém. Nem mesmo o repórter, em luta consigo próprio. Factos são factos: uma freguesa do supermercado tentava fugir ao pagamento. Quantos fizeram isso, nos últimos anos? Quantos saíram com os forros do casaco acolchoados a notas, quantos colares nos saquinhos inocentes de plástico? Quantos diamantes passaram ao controlo da alfândega?

Aqui, a alfândega transformou-se na máquina registadora. Mais feroz, pelos vistos. Mais pessoal, mais corpo-a-corpo. Menos sem padrinhos. E com muito menos perdão. Claro, a importância dos

objectos tem muito a ver com o castigo. Normal. Que vale o molho de notas ao lado da colher de pau? E o colar precioso comparado com as salsichas? Que raio pesa um diamante ao pé de um abre-latas? Bem vistas as coisas, é mais grave ofender a economia de um Pão de Açúcar do que a economia de uma nação.

O juiz procura vias de compreensão. Mas que pode ele fazer ao abrigo das leis às quais está sujeito? As leis que, para casos daqueles, alongam a pena até aos seis meses? Quando muito vai tão longe quanto a benevolência lhe permite: transformar por remissão a dinheiro, à velocidade de 60«00 por dia, a pena de 60 dias de prisão. Mais as multas, mais a Procuradoria, etc., a coisa no total atinge os 4200«00.

Manda-se notificar para o registo criminal. Mais um cidadão com a folha de serviços manchada. Um cadastro com o valor de 720\$20. Sem, ao menos, a misericórdia do arredondamento.

A entrevista

DIAS DE MELO

Três homens num gabinete de mobiliário metálico, de chão irrepreensivelmente alcatifado e paredes impecavelmente limpas e pintadas de um creme quase branco. Dois sentados em suas secretárias metódicamente arrumadas. Um, baixo, de fato cizento escuro, camisa branca, gravata azul, rosto moreno, comprido, olhos escuros e cabelos espessos, negros, com alguns fios já a branquejar. O outro, mais alto, mais encorpado, fato claro, as costas, camisa cizenta, gravata às pihntas verdes em fundo doirado, rosto mais cheio, mais arredondado, menos escuros os olhos, castanhos os cabelos ralos na cabeça quase careca.

Frente aos dois, de pé, o terceiro homem. Fato cossado, cabelos densos e loiros na cabeça redonda, olhos cizenos por trás das lentes grossas no rosto macilento. Jovem. Terminou há pouco a licenciatura em Económico-financeiras. Procura emprego. Recomendado pela amizade de um amigo da família e pelo peso das boas notas registadas na carta de curso, vem confiante, a entrevista que lhe foi marcada para este dia e para esta hora exacta.

Os dois homens são os gerentes da grande firma, uma das mais importantes e conceituadas da cidade, com agência de viagens para todo o Mundo, representações diversas em exclusivo para todo o arquipélago, venda por conta própria e à cosignação dos mais diversos artigos, desde os mais sofisticados electrodomésticos, aos automóveis mais utilitários ou dos mais espumpanantes das mais diversas e desconstruídas marcas, aos motores marítimos e terrestres, às avionetas, aos planadores, às lanchas de recreio mecanizadas e à vela. Sem curso nem qualquer preparação específica, galgaram à custa das intimidades conquistadas aos empresápios com as insinuações que lhes iam confian-

do do zelo e comportamento dos companheiros de trabalho.

Demoram-se a olhar o jovem que aguarda na sua frente. Não o mandam sentar, embora no gabinete se encontrem vagas algumas cadeiras e um sofá. Parece que o querem virar do avesso e conhecê-lo, inteiro, por dentro e por fora.

Começam o interrogatório. Visível o desejo de se não embrenharem nos meandros doutrinas económicas, nem antigas nem modernas, nem nos ensinamentos dos mestres mais actuais da economia capitalista, nem nas teses mais recentes dos mentores das teorias socialistas. Refugiam-se em questões de cariz muito diferente. Com rudeza, com agressividade brutal, contundente. Um bisbilhotar sem sentido nem significado, miudinhos, mesquinho.

«Se o rapaz tem as ideias do pai...»

Mas que terá isto a ver com a contabilidade, a técnica de vendas, a prospecção de mercados, a estatística, a marketing, a geografia económica, a elaboração de planos comerciais a curto, médio ou longo prazo e outras coisas assim, que é o que verdadeiramente interessa a qualquer empresa comercial moderna e das dimensões daquela?

O rapaz cala-se. Ideias do pai... Ele sabe que o pai é um homem para quem a honestidade e o cumprimento do dever são coisas que se não discutem, porque são pura e simplesmente sagradas. Essa a lição que sempre recebeu (e que muito o honra) do homem que lhe deu o ser. E, porque é humano, porque é justo, sabe que o pai perfilha e é militante das convicções socialistas — e isso também o honra.

«Se tinha as ideias do pai...» Como se aqueles senhores, para além das rudimentares operações aritméticas de somar e multiplicar soubessem alguma coisa do que são ideais. Como se tivessem auto-

ridade para falar depreciativamente das ideias fosse de quem fxe — e muito especialmente das ideias do seu pai, homem essencialmente honesto.

Contudo, os senhores gerentes, circunspectos e cisudos, não insistem na pergunta, feita como que por acaso, nem esperam pela resposta. Mudam de rumo — e sempre sem entrarem na matéria restritamente profissional —, passam a indagar das andanças do jovem licenciado por Lisboa. Com quem convivia, com quem não convivia, se falava com fulano, com beltrano (estudantes da terra demasiado conhecidos como elementos das esquerdas), que grupos frequentava, se se filiara em algum partido («Aliás, hoje, a coisa mais natural e legítima deste mundo — pois não é verdade que vivemos em Democracia?» —) e mais isto, e mais aquilo, até que voltam a pergunta inicial:

«Se as não segues na prática, não concordarás, pelos menos, com as ideias de teu pai?»

O jovem licenciado de novo se cala. Tudo, aquilo, dito naquele jeito de quem lhe atira pedradas à sensibilidade — deixa-o inibido, atarantado. E doía-lhe, doía-lhe muito que lhe falassem assim das ideias políticas do pai — como se só um criminoso as pudesse perfilhar. E não vai colaborar na difamação das ideias do pai, que são honradas, generosas, justas.

— Bem. Bem. Terminou a entrevista. Podes retirar-te — disse o de fato escuro.

E o careca: «Depois de diremos qualquer coisa...»

Assim, sem mais nem menos. Sem uma só pergunta sobre o saber de profissional, de técnico. E resposta — nunca mais lhe chegou nenhuma.

O pai — era socialista...

Dia Mundial da Cooperação

Continuação da pág. 1

mo». Depois de exigirem a sua participação na elaboração de legislação em relação às cooperativas, o documento refere-se ao papel do Inscoop, considerando que ele «não tem conseguido dar satisfação às expectativas criadas com o seu apareamento e às finalidades

para que foi criado» e necessita para cumprir o seu papel de «estruturas adequadas, meios ao seu dispor, nomeadamente meios financeiros, maior peso dentro d Administração Pública e melhor articulação com as cooperativas». Esta manhã, foi entregue na mesa, uma moção de protesto pelo

não convite à Federação das Cooperativas de Produção.

Por outro lado, estão a decorrer na Voz do Operário as comemorações do Dia Mundial da Cooperação, com festas e jogos para além da venda de produtos de cooperativas agrícolas, artesanato e livros.

A Publicidade bem utilizada

- contribui para a redução de gastos de energia e do consumo de combustíveis
- ajuda a economizar tudo que não constitui consumo indispensável
- estimula as economias, os depósitos a prazo e outras formas de poupança
- contribui para a prevenção de acidentes, doenças e surtos epidémicos
- participa na generalização de hábitos de higiene e na defesa da salubridade pública
- cria o gosto pela leitura e pelo aproveitamento cultural e artístico dos tempos livres
- divulga as vantagens da educação física e da prática dos desportos
- sugere programas de utilização dos tempos livres e de gozo das férias
- ensina regras de alimentação e a preferir os melhores alimentos
- defende e orienta o consumidor
- melhora as condições de tráfego e de ambiente, das estradas e dos centros urbanos
- valoriza as qualidades dos produtos
- explica as vantagens de utilização dos serviços
- é uma arma na batalha pelo desenvolvimento económico e social do País

as Campanhas de Publicidade devem pois ser

- bem concebidas/estudadas cientificamente
- orientadas num sentido de utilidade social
- distribuídas pelos meios e veículos mais apropriados

Entregue as suas Campanhas a uma boa Agência de Publicidade

22

VISITE A

DECOMUR

NÃO PERDERA O SEU TEMPO

...UM "PRONTO-A-VESTIR" PARA SUA CASA...

ALCATIFA RAPADA * ALCATIFA DE PÉLO
ALCATIFA DE CARACULO * PAPEIS DE PAREDE

TUDO AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

DECOMUR

PORTO

Rua Clemente Meneses, 2
(ao Carregal)

Telefones: 23928/9

EM CONFERÊNCIA NACIONAL

Movimento Sindical reforça organização

Vai realizar-se até ao final do ano uma Conferência Nacional da Organização Sindical, promovida pela CGTP-Intersindical. Representando um passo decisivo no esforço de reestruturação do Movimento Sindical encetado pelo Congresso de Janeiro de 77, a Conferência visa adequar os sindicatos às «tarefas actuais de defesa do projecto constitucional e das conquistas dos trabalhadores, dos seus interesses e direitos».

A iniciativa partiu do secretariado da CGTP-IN e foi ontem ratificada pelo Conselho Geral da Central Sindical.

Segundo foi anunciado à Imprensa, espera-se que a Conferência contribua para a clarificação de uma prática político-sindical, e garantia de mobilização dos trabalhadores e das suas estruturas representativas para a defesa intransigente da unidade.

A organização sindical na empresa, a estrutura vertical e a verticalização, a definição

dos sectores de actividade, a estrutura horizontal, a organização e coordenação da actividade de federações e uniões, a organização das mulheres, dos jovens e dos reformados, são algumas das questões a debater durante os trabalhos. Será ainda analisada a organização interna das associações sindicais, a articulação das suas estruturas, e a utilização racional dos seus meios de acção.

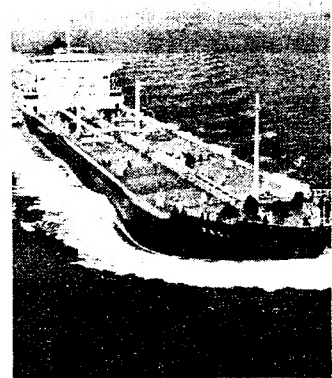
Reflectindo estas preocupações, a ordem de trabalhos contempla os seguintes pontos: situação do Movimento Sindical, reforço da democratização das estruturas e órgãos de participação dos trabalhadores, unidade do Movimento Sindical.

«Através da organização descentralizada, do empenho de toda a estrutura sindical, da participação activa dos trabalhadores, da recolha sistemática e exaustiva das expe-

riências, será possível transformar a conferência numa grande acção de massas e fazer das suas conclusões linhas seguras de orientação para o Movimento Sindical no campo da organização», segundo espera a CGTP-Intersindical.

Iniciativas como a Conferência Sindical Nacional sobre os Problemas da Mulher Trabalhadora (a realizar talvez em 4 e 5 de Novembro) ou os congressos sindicais de diversos sectores de actividade (metalúrgicos, têxteis, hotelaria) representam uma contribuição importante para a Conferência da Organização Sindical.

Esta iniciativa é aberta a todas as associações sindicais, independentemente da sua filiação na CGTP-IN, e orienta-se no sentido de assegurar «a livre expressão e discussão de todas as ideias e pontos de vista existentes no seio do Movimento Sindical e dos trabalhadores sem qualquer excepção».



Marinheiros propõem greve de quatro dias

O Sindicato dos Marinheiros Mercantes de Portugal decretará uma paralisação de quatro dias nos navios de comércio, no caso dos armadores e do Governo não aceitarem as reivindicações salariais no decurso da reunião de negociação que se realiza na próxima terça-feira.

Subtraindo-se deste modo as formas de luta conjuntas adoptadas pelos sindicatos do sector, que negociam neste momento os CCTs da Marinha de Comércio (sectores de mar e terra), o Sindicato dos Marinheiros opta mais uma vez pela proposta de greve como solução do conflito. Segundo um comunicado hoje distribuído, após uma reunião com os armadores e os representantes do Governo, a paralisação conta desde já com o apoio de 30 navios, 11 dos quais petroleiros da Saponata.

As negociações, no sector do mar, arrastam-se há quase um ano. O patronato invoca a grave situação económico-financeira da marinha portuguesa para propor aumentos salariais que os trabalhadores consideram absolutamente insuficientes, e pretende por outro lado, aumentar o horário de trabalho para 56 horas, nível que remonta a... 1963.

Lembrando que os salários praticados em Portugal se encontram abaixo dos mínimos internacionais preconizados pela OIT, os sindicatos argumentam com o aumento do custo de vida e a depreciação do poder de compra.

Além disso, os trabalhadores enjeitam responsabilidades numa crise que não se sentem obrigados a pagar, pois os seus órgãos representativos têm desenvolvido esforços insistentes no sentido de obter as soluções de fundo que se impõem.

Como forma de luta, encontram-se paralisadas as operações de cargas e descargas para além do horário normal. No sector de terra, prepara-se uma paralisação de meio-dia.

Vitória unitária nas Garagens

A lista unitária de esquerda venceu por larga margem as eleições para a direcção do Sindicato de Garagens, Postos de Abastecimento, Transportes e Offícios Correlativos do Centro e Sul, ontem realizadas.

Segundo números provisórios, a Lista «A», unitária, obteve 1092 votos, a Lista «B», conotada com o MRPP, 124 votos, e a Lista «C», afectada à UDP, 275 votos. Falta ainda apurar os resultados da mesa de voto de Portimão, bem como de 104 votos condicionados a operações de controlo de regularidade.

A afluência às urnas foi superior à que se verificara nas últimas eleições.

TIPOGRAFIA ROCHA (GAIA)

Aumentos desiguais geram conflito

Cumprindo uma decisão tomada em plenário, os trabalhadores da Tipografia Rocha, em Gaia, têm vindo a paralisar três vezes por semana, uma hora por dia, como forma de obrigar a entidade patronal a dialogar sobre as reivindicações apresentadas.

De acordo com um documento subscrito pelas comissões sindical e de trabalhadores tem sido prática da entidade patronal «tentar dividir os trabalhadores através de aumentos salariais».

A última situação destas aconteceu em Maio. Em vez do aumento de 500 escudos sobre o salário base do contrato, para todos, como forma proposto,

o patrão resolveu dar aumentos de 2.000, 1.200, 500 e 250 escudos. Foi igualmente reivindicado um subsídio de 5.000 escudos para a cantina em substituição dos 1.250 escudos que actualmente concede, mas a entidade patronal «recusou-se sempre ao diálogo».

Mesmo após uma reunião efectuada no passado dia 20 de Junho, na delegação do M.T., na qual foi assumido o compromisso de apresentação de uma proposta e de início do diálogo, tal não aconteceu. A partir daí os trabalhadores decidiram iniciar as paralisações até que a entidade patronal se resolva a discutir com os representantes dos trabalhadores.

Marginalização nas instituições de saúde e assistência

Reunidos no Porto, na passada quinta-feira, os trabalhadores das instituições particulares de saúde e assistência discutiram a aplicação dos aumentos da Função Pública e a definição do regime jurídico destas instituições.

No final aprovaram uma moção em que manifestam «ao Governo o seu total descontentamento pela situação em que se encontram, agravada com a saída do diploma sobre o aumento na Função Pública a partir de Janeiro, o qual, mais uma vez, consagra a dualidade de tratamento para um sector que desde sempre tem sofrido permanente marginalização». A moção exige, a seguir, «a aplicação desse aumento desde Janeiro, bem como a extensão do subsídio de alimentação a este sector».

GREVE À CONDUÇÃO

A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública (Zona Norte) acaba de aler-

tar os trabalhadores da Direcção Sub-Regional da Agricultura de Braga «para o perigo do desenvolvimento fora da estrutura sindical» da projectada greve à condução de viaturas por parte dos motoristas daquele organismo. Em comunicado agora distribuído o Sindicato adianta que, «independentemente da justeza destas reivindicações, que aliás estão a ser tratadas pelo Sindicato, a Direcção não pode deixar de denunciar a forma como foi desencadeada esta acção totalmente estranha às estruturas sindicais». E acentua: «A decisão de avançar para a «greve à condução» partiu de uma reunião em que estavam menos de 50 trabalhadores, alguns dos quais nem sequer ligados ao sector de condução e que foi convocada através de um comunicado anónimo».

E a concluir, sublinha: «O objectivo da reunião nem sequer era propriamente a discussão de problemas importantes para os trabalhadores, mas sim a tomada de posições com fins políticos inconfessáveis».

NA A. SIMÕES DA SILVA

Deslocações compulsivas para "limpar" terreno

Dezenas de trabalhadores da empresa de construção civil A. Simões da Silva viram-se na contingência de terem de rescindir os respectivos contratos com a empresa, porque a administração os colocou inesperadamente noutros locais de trabalho, para os quais não podiam transferir-se devido a encargos familiares além de outros.

Na firma as relações entre patrão e trabalhadores desenvolveram-se em harmonia enquanto mandava apenas o patrão, o próprio A. Simões da Silva. Depois que este se lançou a construir na Venezuela torres de apartamentos e se dedicou a essas obras, a administração da firma em Portugal, chefiada pelo eng.º Marques Lourenço (saneado da Intento pelos trabalhadores) tem degradado as relações laborais na empresa, a ponto de se viver agora num verdadeiro clima de terror, segundo descrevem os trabalhadores.

«Os novos administradores (na firma desde o ano passado) levaram para a empresa muito pessoal da sua confiança e parece que querem livrar-se do pessoal que já lá estava, criando-lhe condições de trabalho insustentáveis», dizem os trabalhadores.

A norma seguida é o envio de uma carta ao trabalhador em que lhe é comunicado que a partir de determinada data deve apresentar-se em certa obra, noutra localidade, por encerrar a obra na base de trabalho em que se encontrava, o que nem sequer corresponde à verdade.

Não se define como devia ser feito e como o consultor jurídico do Sindicato da Construção Civil já salientou à administração da firma se se trata de uma transferência ou de uma deslocação. Se for transferência, o trabalhador pode, ao abrigo do CCT, rescindir o contrato, recebendo as devidas indemnizações. Se for deslocação, o trabalhador tem direito a uma percentagem de 10 por cento sobre o vencimento normal, que aumentará para 30 por cento se o patrão não lhe garantir alimentação e para 40 por cento se além da alimen-

Patrões do Algarve devem um milhão à Previdência

O patronato algarvio deve actualmente à Previdência cerca de um milhão de contos — revelou a Direcção do Sindicato da Indústria Hoteleira do Distrito de Faro.

Violando os acordos celebrados para progressiva liquidação das dívidas, mostrando-se indiferente aos processos de execução fiscal que lhe são movidos, o patronato acumula dívidas a ritmo acelerado: de 270 mil contos em 1975, o débito à Previdência, no que respeita à Caixa do Distrito de Faro, subiu para 600 mil em 76, 700 mil em 77, e era já de 870 mil contos em Fevereiro do corrente ano. Este montante foi já ultrapassado, aproximando-se agora do milhão de contos.

Apesar de elevado, representa apenas uma pequena fatia do débito total à Previdência a

nível nacional, que se situa na ordem dos 18 milhões de contos.

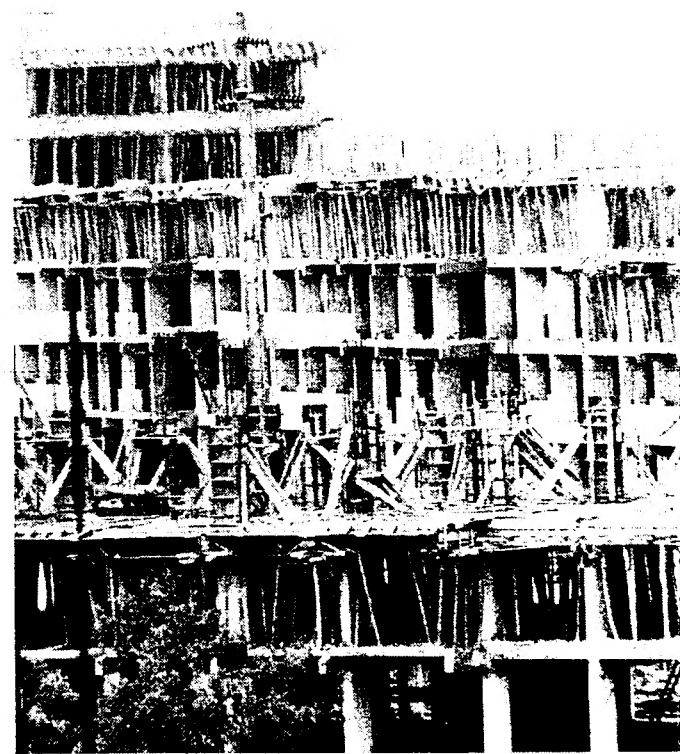
Os acordos celebrados nos últimos dois anos apenas permitiram recuperar 3,5 por cento das verbas em jogo, percentagem insignificante que mostra bem o desprezo do patronato pela palavra dada. Entre as empresas em dívida destacam-se a Torralta (mais de 77 mil contos), a Grão-Pará (mais de 16 mil), a Sarel e a Intercal, todas elas envolvidas ao patronato no termo da intervenção estatal.

Para o Sindicato resulta claro que a solução do problema passa pelo exercício do controlo operário, tal como em 1975. Graças a ele, a recuperação atingiu nesse ano 12 por cento do total, que, na altura, representava apenas um quarto das dívidas actuais.

tação a entidade patronal não garantir habitação condigna.

Nenhuma destas condições porém afirma respeito. Ao advogado dos trabalhadores, o advogado da firma disse que se trata de «um acordo tácito entre

cebeu a carta a 19 de Junho para se apresentar em S. João da Madeira no dia 21) foram o encarregado e o controlador das obras na Calçada da Ajuda, que se colocaram ao lado dos 22 trabalhadores daquela



Construção civil: sector onde a repressão progride

as partes», o que não é verdade. Tanto assim é que no Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil há cerca de vinte queixas por aquele comportamento ilegal e arbitrário da administração da A. Simões da Silva, além das rescisões contratuais que se conhecem.

Esta manobra visa atingir os trabalhadores «incómodos», os que aderem às greves e não são subservientes ao patronato. «A casa não despede ninguém mas serão tão chateados que acabarão por se ir embora», é o lema, confessado, segundo os trabalhadores, da nova administração.

A fúria «de deslocações» compulsivas atinge toda a gente. Os últimos trabalhadores a receber cartas (um deles re-

obra no passado dia 15 de Junho, na greve pela CCTV. Os trabalhadores da obra fizeram, posteriormente um plenário em que aprovaram uma moção de repúdio pelo afastamento dos dois trabalhadores, afastados. Os laços da administração têm interrogado individualmente os subscritores da moção numa tentativa de os dividir e desmobilizar.

Os trabalhadores pensam que a administração deve saber que, a serem colocados em tribunal, perderá todos estes processos e terá que pagar elevadas indemnizações, mas, enquanto a firma subsistir, administração vai ganhando o seu dinheiro à custa dos sacrifícios dos trabalhadores e seus familiares.

Sá Machado em Londres

A visita oficial que o Presidente da República, general Ramalho Eanes, efectua à Inglaterra de 14 a 17 de Novembro, foi discutida nas conversações travadas ontem entre o ministro dos Negócios Estrangeiros português, Vítor Sá Machado, e os ministros britânicos — declararam fontes oficiais inglesas.

Será a primeira vez que um Chefe de Estado português se desloca oficialmente à Grã-Bretanha desde a Revolução de Abril de 1974. O Presidente Eanes esteve em Londres em Maio do ano passado, com o objectivo de participar numa cimeira da NATO.

Entretanto, no final das dis-

cussões entre Sá Machado e David Owen, chefe da diplomacia britânica, um porta-voz do «Foreign Office» reafirmou o apoio da Grã-Bretanha à candidatura de Portugal à CEE.

O ministro português regressa hoje a Lisboa num voo da TAP, cerca das 13.40.

MENSAGEM DE BOUTEFLIKA

Sá Machado recebeu do seu homólogo argelino, Abdelaziz Bouteflika, a seguinte mensagem:

«Senhor Ministro, é para mim motivo de grande orgulho poder apresentar-lhe as mais calorosas felicitações da Argélia pelos acordos de

cooperação que, de forma tão feliz, acabam de coroar o encontro de Bissau entre o Presidente Ramalho Eanes e o presidente da República Popular de Angola. Este importante acontecimento, que consagra o reencontro entre os povos de Angola e de Portugal, enquadra-se no contexto particular que o continente africano actualmente atravessa e tem especial significado para aqueles que hoje ainda não podem conceber a cooperação com os países do Terceiro Mundo a não ser numa relação de domínio e exploração. A Argélia, que seguiu atentamente os esforços do vosso país no processo de descolonização, deseja aqui saudar este encontro como sendo um acontecimento importante na medida em que a cooperação que V. Ex.^a empreendeu com a República Popular de Angola demonstra bem o respeito e a amizade entre os dois países. As suas consequências serão positivas para a evolução das relações de Portugal com os Estados africanos».

música, museus, principais bibliotecas).

Como o título indica, é uma publicação-síntese que visa, essencialmente, o público com menor acesso às fontes de informação e cultura.

Este livro vai ser distribuído, gratuitamente, às pessoas colectivas inscritas no ficheiro da SECS. As organizações culturais, recreativas, etc., que o não receberam no espaço de um mês, caso estejam interessadas em possuir este trabalho, podem solicitá-lo para a Direcção-Geral da Divulgação, Palácio Foz, Praça dos Restauradores, Lisboa.

Pequeno Guia de Portugal

A Direcção-Geral da Divulgação, da Secretaria de Estado da Comunicação Social, correspondendo ao interesse manifestado por vários sectores da vida nacional e por organizações que pretendem informações de carácter genérico sobre a vida portuguesa, nos domínios de maior relevo, editou agora o livro «Portugal Pequeno Guia» que aborda os seguintes temas: a terra e o homem, Estado e política, economia, educação, justiça, política social, trabalho, política externa, cultura (língua e literatura, arquitectura, escultura, pintura, artes decorativas,

Partido Húngaro reforça solidariedade com PCP

A convite do Partido Comunista Português, visitou Portugal de 26 a 30 de Junho uma delegação do Partido Socialista Operário Húngaro, dirigida por Károly Németh, membro do Bureau Político e Secretário do Comité Central do PSOH e de que faziam também parte Ferenc Franc, membro do CC e primeiro secretário do Distrito de Békés e Gyula Horn, chefe adjunto do Departamento de Relações Internacionais do Comité Central.

Esta delegação teve conversações com uma delegação do PCP dirigida por Alvaro Cunha, secretário-geral do partido, e integrada por Octávio Pató, da Comissão Política e do Secretariado do CC, Angelo Veloso, membro suplente da Comissão Política, e Albano Nunes, do Comité Central e responsável da Secção Internacional.

Durante a sua estada em Portugal, a delegação do PSOH teve oportunidade de contactar directamente com diversos aspectos da actividade

do PCP e da realidade portuguesa, tendo, designadamente, visitado a fábrica Covina e a cidade do Porto onde, no dia 28 de Junho, se realizou um comício de amizade em honra da delegação.

Segundo um comunicado comum do PCP e do PSOH, as duas delegações «sublinharam a importância fundamental que, no presente contexto, assume o reforço da unidade do movimento comunista e operário internacional, na base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário».

As duas delegações «constataram o interesse recíproco, do povo húngaro e do povo português no desenvolvimento de relações de cooperação multilateral» entre os dois países.

Finalmente, o comunicado assinala que a visita da delegação do PSOH a Portugal e as conversações realizadas com o PCP «representam uma nova contribuição para o fortalecimento das relações fraternais entre os dois partidos e para a ampliação da sua cooperação internacionalista».

Empréstimo de 30 mil contos leva embaixador holandês aos Açores

A visita que o embaixador holandês em Lisboa efectua, na próxima semana, ao arquipélago dos Açores, pelo facto de ter recebido milhão e meio de florins (cerca de 30 mil contos) do empréstimo que os Países Baixos concederam recentemente ao nosso País.

O Laboratório de Ecologia Aplicada, em S. Miguel, o departamento de Ciências Agrárias, na Terceira, e o departamento de Oceanografia e Pescas, no Faial, repartem entre si a fatia açoriana do empréstimo da Holanda a instituições universitárias portuguesas.

O laboratório de Ecologia, que

o embaixador Huydecoper visita no dia 5, é um estabelecimento de investigação científica, que estuda os efeitos secundários dos pesticidas, o grau de poluição das águas interiores (a começar pelas lagoas das Sete Cidades, das Furnas e do Fogo) e a degradação a que as aves poderão sujeitar o ambiente. No seu equipamento foram já despendidos cerca de dois milhões de escudos e estão prestes a gastar-se outros dois milhões, sendo todo o material adquirido em Portugal, e com verbas parcialmente provenientes do empréstimo holandês para o desenvolvimento do ensino superior.

Festa em Cantanhede boicotada por retornados

Angra preocupada

Indivíduos ainda não identificados, dirigidos por um retornado, impediram a noite passada, em Cantanhede, o prosseguimento normal da «Festa de Verão», promovida pela direcção regional das Beiras do PCP.

Com frases de pendor fascista, os boicotadores, que foram engrossando progressivamente e incluíam gente da vila e das aldeias vizinhas, tentaram após a actuação da Brigada Vítor Jara, perturbar o espectáculo e invadir o palco montado no jardim, e destruir a aparelhagem e instrumentos, no que foram impedidos quer pela acção da PSP local quer pela segurança da própria festa.

Como entretanto, segundo nos informou um dirigente da DORB daquele partido, a situação se tornara tensa e insustentável, os organizadores decidiram interromper a iniciativa, prevenindo a sua realização para data

oportuna, conforme acordo estabelecido com o comando local da PSP.

Registe-se que o boicote, como outros ocorridos em datas anteriores era de certo modo previsível, pois os «boatos» de arruaça circulavam já na véspera, tendo por isso a PSP estacionado alguns elementos na zona da festa.

ANGRA DO HEROÍSMO, 1 — A Câmara Municipal de Angra do Heroísmo deliberou propor à Secretaria Regional da Agricultura e Pescas um projecto no sentido de esta proceder a uma campanha de extermínio de pardais na ilha Terceira.

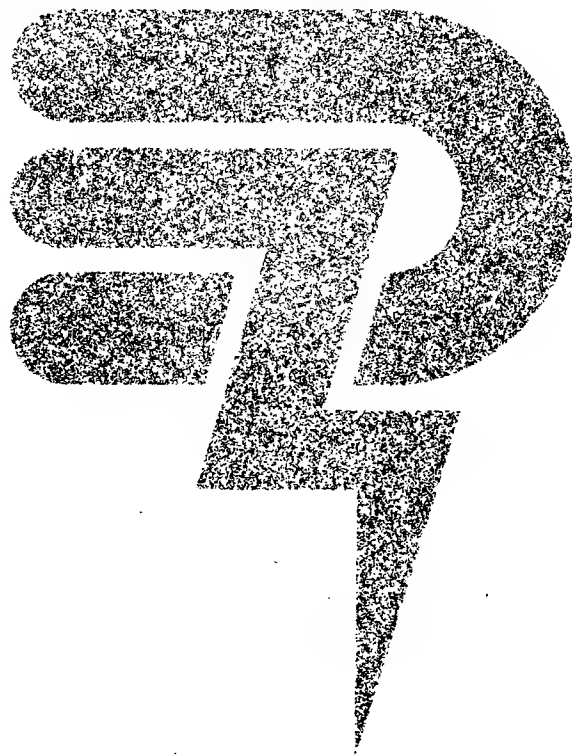
O motivo da deliberação foi o facto de tais pássaros estejam a provocar grandes estragos na lavoura terceirense.

Mário Soares e Manuel Alegre no Teatro Experimental de Cascais

Uma primeira fila de personalidades entre as quais Mário Soares, Manuel Alegre, Sottomayor Cardia e Vasco da Gama Fernandes, assistiu ontem à noite a antestreia do novo espectáculo do Teatro Experimental de Cascais (TEP), «As Profe-

cias do Bandarra».

Cerca de uma centena de pessoas, em que se viam críticos e gente do teatro, constituía o restante público que enchia a sala do antigo «Wonder Bar» do Casino do Estoril.



ELECTRICIDADE DE PORTUGAL

EDP

No início do nosso terceiro ano de actividade como Empresa Pública, resultante da fusão de 14 empresas ligadas à produção, transporte e distribuição de electricidade, continuamos ao serviço de Portugal e dos portugueses num esforço permanente de progresso e melhoria de serviços.

Somos uma Empresa que assegura 13.000 postos de trabalho directos. Nos últimos cinco anos, investimos 30 milhões de contos, e para os próximos cinco, temos programado um investimento de 136 milhões de contos. É por isso que, no presente, nos tentamos adiantar às necessidades do futuro.

EMPRESA PÚBLICA AO SERVIÇO DOS PORTUGUESES



Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

Novas edições

- NOVA LEI DO SELO — Tabela e Regulamento-Actualizada
Conforme o Dec.-Lei n.º 136/78 de 12 de Junho.
- INSTRUÇÕES DA NOVA LEI DO SELO
(Circular n.º 117/8 da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos)
Esclarecimento das dúvidas sobre a Nova Lei do Selo.
- GUIAS DE PAGAMENTO E LIVROS DE ESCRITURAÇÃO da Lei do Selo.
- ALTERAÇÕES AOS CÓDIGOS — publicadas em 12 de Junho
(3 adendas impressas só de um lado)
Livro I — Códigos da Contribuição Industrial: Imposto Profissional; Capitais; Transacções.
Livro II — Código da Sisa Sucessões e Doações
Livro III — Código da Contribuição Predial
- LIVROS DO PLANO OFICIAL DE CONTABILIDADE anotados e só a Lei de diversos Autores e Editores.

Vendem-se no:
REI DOS LIVROS
Rua da Conceição, 1-23
Telefone 369545 - Lisboa - 2

GTH

GRUPO TEATRO HOJE TEATRO DA GRAÇA

Tv.ª S. Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

ESTREIA 2.ª-FEIRA — DIA 3 PORTA FECHADA (HUIS-CLOS)

DE JEAN-PAUL SARTRE

TRADUÇÃO DE FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO

ANNA PAULA — JOAQUIM ROSA
J.M. ROSADO — LIA GAMA

ENCENAÇÃO — JORGE LISTOPAD
CENOGRAFIA — JOSÉ RODRIGUES

BILHETES À VENDA

TOMÁS



por ele mesmo

EDIÇÕES SABER PORQUÊ PREÇO 70\$00
a distribuição

PRECISA-SE

PESSOA COMPETENTE
PARA ORIENTAR ESTUDO
DE 2 ALUNOS DE 12 ANOS.
FREQUENTAM 3.º ANO
LICEAL ENSINO OFICIAL

RESPOSTA AO TELEFONE 606921
DEPOIS 18 HORAS



Uma morte cheia de interrogações

A morte de Humberto Delgado segundo Valério Ochetto

Com o título de «Em Pro da Verdade» (expressão de conotações algo anacrónicas, provincianas, oitocentistas, no falar português corrente), foi há algum tempo publicado pela Bertrand (na colecção Documentos de Todos os Tempos) e encontra-se à venda em milhares de livrarias, tabacarias e outros postos de venda de todo o País o trabalho do (jornalista?) italiano Valério Ochetto acerca da morte do general Humberto Delgado.

«O como e o porquê de um crime político» — diz o subtítulo, logo na capa. Ainda na capa, uma indicação atractiva: «Contém documentos inéditos e reveladores».

Tornaram-se incontáveis os títulos da bibliografia sobre este «caso» e a circunstância de

o «caso» em questão — a morte de Delgado, e os reais e aparentes mistérios que o envolvem — continuar ainda por resolver no foro judicial, tornam esta bibliografia certamente uma achega preciosa para o processo, e pode ir ilustrando o leitor interessado acerca de pormenores inumeráveis. Questão é que se trate de trabalhos avalizados pela honestidade de processos — que é o mínimo que nestes casos sempre se deve exigir, e é uma exigência de que um e outro autor por vezes não está à altura. Sobre este livro de Valério Ochetto (tal como sobre o de Pedro Ramos de Almeida a que aqui se fez referência oportunamente) pode-se dizer que é um trabalho sério, feito (feita a investigação que o precede e cujas conclusões nele se veiculam: feita a interpretação dos factos e dos documentos compulsados) com uma honestidade de processos que se deve registar.

Não é o jornalista, pouco ou nada conhecedor dos meandros do «caso», aquele que se encontra mais habilitado para falar do interesse pertinente dum trabalho como este. Essa é uma habilitação por certo mais daqueles que estão «a par» do que se passou então e se vem passando mais recentemente com implicações já no foro dos tribunais — e sobretudo uma habilitação moral daqueles que estão por assim dizer «dentro» dos acontecimentos, que foram de algum modo testemunhas do processo que se desenrolou com Delgado e à sua volta.

Na impossibilidade de aqui se fazer isso noutra condição que não a do simples jornalista curioso e interessado tanto quanto possível «deste caso» diga-se que «Em Pro da Verdade» é um livro interessante. Por muitas razões, que evidentemente, não prejudicam (bem pelo contrário) essa seriedade de processos de que atrás se falou. Interessante, até pela indicação dos documentos inéditos e reveladores» com

que a capa chama o leitor num apelo aliás com fundamento.

Só um relance pela entrada do trabalho de Ochetto, onde ele refere os motivos de interesse e actualidade que o «caso» da morte de Delgado hoje oferece à curiosidade e ao interesse nossos, dos portugueses, e, mais, já de proporções internacionais, como logo este livro atesta.

Um primeiro motivo de interesse diz Ochetto que consistirá no seguinte: «A estratégia de Delgado era mobilizar as massas para levar o Exército a intervir contra Salazar. Delgado acreditou no valor decisivo duma sublevação militar, com uma fé tão absoluta e indiscutível que, quando caiu na trágica cilada montada pela PIDE, pensava ir encontrar-se com um grupo de oficiais superiores para preparar um imminente pronunciamento armado. Uma estratégia que se revelou historicamente certa, realizando-se, depois da morte de Delgado, com a revolução de 25 de Abril de 1974».

«Contudo — Ochetto, ainda, e aqui um segundo motivo de interesse — o «caso» Delgado tem um valor ainda mais exemplar se se pensar que esta no centro de uma das «tramas negras» mais complexas e emaranhadas do nosso tempo com a participação de três componentes clássicos destas maquinações: o serviço secreto português, um espião provocador e um fascista italiano a soldo de várias polícias políticas, e, ao mesmo tempo, em contacto com os grupos mais extremistas do fascismo «bombarista» internacional (...)

E principalmente neste campo que se centram as investigações de Ochetto — das quais resulta este livro notável que persegue ainda, como o título sugere e o autor diz logo no início, «adular, finalmente e sem mais reticências, todos os aspectos e todas as responsabilidades deste caso angustante».

M. R.

Cabral do Nascimento homenageado no Funchal

FUNCHAL. 1 — A Secretaria Regional da Educação e Cultura, (SREC) vai homenagear nos dias 17 a 24 de Julho próximo o poeta Cabral do Nascimento, recentemente desaparecido, com diversas cerimónias em que serão evocadas as suas obras literárias.

Para esse efeito desloca-se, nessa altura, à Madeira, David

Mourão Ferreira que proferirá uma conferência e uma palestra sobre os trabalhos daquele escritor.

Também por iniciativa da SREC e com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura está prevista para a próxima quinzena de Outubro a vinda da Companhia Nacional de Bailado que efectuará três espectáculos no teatro Baltasar Dias.

Representante português explica acordo da EFTA com Espanha

O embaixador português em Genebra, que chefiou a delegação nas negociações entre a EFTA e a Espanha, com vista à celebração de um acordo integrado na zona do comércio livre», esclareceu, em declarações à ANOP, tratar-se para já de «um protocolo» que será integrado no «acordo final» (a ser assinado provavelmente em Setembro).

A celebração deste protocolo foi justificada por Adriano de Carvalho pelo facto de sendo a Espanha um país mais industrializado e com uma situação económica e financeira diferente da nossa, Portugal

«não poderia, de forma alguma, dar à Espanha, como vão dar os outros países da EFTA no seu mercado, o mesmo tratamento que os países do Mercado Comum lhe vão dar, em virtude do acordo de 1970».

Acresce, disse ainda Adriano de Carvalho, o facto de Portugal gozar de um estatuto especial na EFTA.

Por outro lado, disse o embaixador português, «os países da EFTA desejam que no mercado português os produtos espanhóis não tenham melhor tratamento, não tenham mais vantagens, nem mais facilidades que os produtos dos actuais países da EFTA».

EUROPA

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS ITALIANAS

Zaccagnini
é o candidato da DC

O Partido Democrático Cristão, que ocupa o Poder em Itália, escolheu o seu próprio candidato à presidência quando a votação para eleger um novo chefe de Estado entra hoje no terceiro dia.

Dirigentes da DC estiveram reunidos, até altas horas da noite, e decidiram acerca de um candidato secreto — uma decisão que poderia acabar com o impasse sobre um sucessor para Giovanni Leone, que se demitiu, em Junho, em face de alegações na imprensa de que fugira ao pagamento de impostos.

Fontes bem informadas disseram que o candidato da DC seria o secretário-geral do partido, Benigno Zaccagnini, um político moderado que se pode esperar que seja apoiado pelos influentes comunistas.

Após dois dias de escrutínios que pouco mais foram do que um ensaio para os partidos, o colégio eleitoral das duas Câmaras do Parlamento e delegados das regiões do país votam hoje, à tarde, sabendo que uma maioria simples de mais de 50 por cento escolherá o novo presidente.

Nos primeiros dois dias, os candidatos precisavam de uma maioria de dois terços, com os principais partidos apresentando, em vão, os seus próprios «porta-bandeiras», visto não terem chegado a acordo sobre quem ocuparia a chefia do Estado. Um cargo decorativo.

Os septuagenários Guido Gonella e Giorgio Amendola, representando, respectivamente, os democratas-cristãos e os comunistas, estiveram à frente, nas votações de ontem, do socialista Pietro Nenni, de 87 anos.

Remo Gaspari, vice-presidente da DC, abandonou ontem, à noite, uma sessão das cúpulas do partido e declarou aos repórteres que os democratas-cristãos resolveram apresentar um candidato nas restantes votações.

O partido governamental informou estar disposto a considerar um candidato não democrata-cristão, mas o seu poder ser eleito se puder contar com o apoio dos comunistas.

Os socialistas teimam em que o seu próprio «candidato laico», alheio às fileiras democratas-cristãs, apoiadas pelo Vaticano,

Comunistas sem programa comum
para o Parlamento Europeu

Os partidos comunistas da Europa dos Nove não se apresentarão com um programa comum às eleições para o Parlamento Europeu, marcadas para Junho de 79.

Esta decisão foi tomada na reunião dos membros dos comités centrais dos partidos comunistas dos países da CEE, reunidos ontem no Luxemburgo, para «trocarem opiniões», na perspectiva daquelas eleições.

Por outro lado, o PC irlandês não participará nesta eleição a fim de marcar a sua rejeição da Europa dos Nove. «Não estamos satisfeitos com o que a Europa nos trouxe», declarou o repre-

sentante da Irlanda, segundo fonte próxima da reunião. «Cada partido Comunista decide da sua participação de uma forma totalmente independente, embora favorecendo uma cooperação sobre os temas de interesse comum para os trabalhadores e os povos dos seus países», indica o comunicado publicado na sexta-feira.

Entre estes temas principais, figuram a defesa dos interesses dos trabalhadores face à crise, uma maior democratização no seio da Europa e um alargamento da cooperação internacional, tanto no interior como exterior do Mercado Comum.

Certas delegações, nomeadamente as do Benelux e da Irlanda, manifestaram por outro lado, o receio de que os países economicamente fortes da Europa se imponham aos outros. Os PC europeus reafirmaram o seu desejo de que a comunidade europeia não se transforme num novo bloco. «Somos resolutamente contra a política dos blocos», salientou Jacques Denis (PC francês). O PCF acrescentou, sempre se opôs ao alargamento da Comunidade à Espanha por razões económicas.

Os PC europeus decidiram reunir-se de novo, em breve, em local e data não referidos.

DESARMAMENTO

Reacções ao documento final

O documento final da Sessão Extraordinária da ONU sobre desarmamento suscitou já as mais diversas reacções por parte dos países que participaram aos trabalhos abertos no dia 23 de Maio e que terminaram hoje de manhã com uma verdadeira maratona oratória.

Quarenta e quatro oradores participaram na sessão de encerramento durante mais de oito horas a fio. Os trabalhos da Sessão terminaram com a aprovação por consenso de um documento final de 28 páginas e 121 parágrafos que constitui, num libelo aceite na generalidade, um sumário dos votos e aspirações que se manifestaram em matéria de desarmamento, nestes últimos anos na ONU. Este documento final, no plano prático, reflecte o acordo que se conseguiu realizar para a reformulação dos mecanismos existentes de negociações internacionais sobre o desarmamento.

Israel, a Albânia e o Vietname, manifestaram por esta ordem na tribuna da Assembleia a sua discordância com o consenso pelo qual esta declaração final fora adoptada.

«Repetimos que não nos associaremos de maneira nenhuma ao estratagema nuclear das superpotências», sob a forma de uma proibição total das experiências nucleares, declarou o representante da China, Chen Chu.

Este estratagema, disse o delegado chinês, é unicamente destinado a «manter e a consolidar o monopólio e a supremacia, nuclea-

res das superpotências e a atar as mãos dos outros países». O representante da China disse que o seu país «não será o primeiro a fazer uso de armas nucleares em qualquer momento ou em qualquer circunstância, estando pronto a desempenhar o seu papel no sentido de se chegar a uma proibição total e a destruição completa das armas nucleares».

A França, por seu lado, recusou-se a uma cessação das experiências nucleares que não seja uma medida de desarmamento efectivo, segundo declarou na Assembleia o vice-presidente da delegação francesa Pierre Taittinger.

A França «considera erróneo pensar-se que a cessação das experiências possa favorecer um congelamento efectivo dos armamentos nucleares». A cessação das experiências «não traz por si nenhuma contribuição determinante a prevenção de novos tipos de armas ou a não proliferação», acrescentou Taittinger.

O representante dos Estados Unidos, James Leonart, manifestou a satisfação do seu país em ver a França regressar a «uma participação activa nas negociações sobre o desarmamento». «Também nos regozijamos com a perspectiva de ver participar nestas negociações brevemente a República Popular da China», acrescentou James Leonart disse também que os Estados Unidos davam o seu apoio à criação de zonas isentas de armas nucleares «segundo modalidades apropriadas».



O candidato da DC, Zaccagnini

Giscard
tem planos
para a América Latina

O presidente francês Valéry Giscard d'Estaing declarou perante a imprensa internacional que durante a sua visita a Espanha foram estudados «grandes projectos económicos» franco-espanhóis para a América Latina, destinados principalmente à Argentina, ao México, e à Venezuela.

A Espanha oferece à França o seu ascendente e a sua experiência nesta região do mundo, em troca de planos similares hispano-franceses para a África francófona.

O chefe de Estado francês convidou o primeiro ministro espanhol Adolfo Suárez a visitar a França

AMÉRICA LATINA

Frente Nacional
pela Redemocratização
foi ontem lançada no Brasil

Várias individualidades políticas da oposição ao regime militar brasileiro lançaram oficialmente ontem à noite, em São Paulo, a Frente Nacional pela Redemocratização.

O Governo decretou, pouco tempo antes, a censura às informações relativas a este movimento de oposição nas estações de rádio e televisão do país.

A cerimónia desenrolou-se na Assembleia Legislativa de São Paulo — único local permitido pelas autoridades, numa sala a transbordar de gente, na presença do senador Magalhães Pinto, candidato à Presidência da República dissidente do Partido Governamental «ARENA», do general de reserva Euler Bentes Monteiro, candidato possível à presidência em nome da oposição o deputado Ulysses Guimarães, presidente do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), único partido de oposição legal.

Os dirigentes da Frente Nacional pela Redemocratização sublinharam que «não se trata de um partido político mas de um movimento destinado a agrupar todos os opositores ao regime militar favoráveis ao fim do arbitrário, pela amnistia ampla e sem restrições, pela convocação de uma Assembleia Constituinte, por eleições presidenciais e legislativas directas, pela abolição da censura».

«Somos pessoas de diversas tendências. Não temos, nem procuramos a unanimidade dos nossos programas, mas estamos de acordo sobre um ponto: Lutar pelo regresso da nação soberana», disse o senador Magalhães Pinto.

O general Euler Bentes Monteiro, que goza de simpatias dentro de alguns círculos das forças armadas no activo, declarou que a sua adesão permitiria «evitar o perigo de confrontações». Salientou «as graves dificuldades económicas e financeiras» que atravessa o país e expressou a esperança de que «a nação fale e reconstrua as instituições democráticas do país».

O deputado Ulysses de Magalhães criticou violentamente a censura decretada pelas autoridades: «Esta censura confessa a fraqueza do Governo», disse.

O senador Paulo Brossard, dirigente do MDB no senado declarou que «apenas aqueles que detêm o poder ilegítimamente podem pretender que a frente seja ilegal».

O sindicato dos jornalistas profissionais de São Paulo protestou na noite passada contra as medidas de censura, acentuando num comunicado que «os jornalistas de São Paulo não podem aceitar este novo atentado a um direito sagrado da população, como é o direito a informação».

Entretanto, o programa político da Frente Nacional pela Redemocratização, será divulgado hoje durante a sua primeira concentração pública em São Paulo.

EUA

Explosões em Nova Iorque
fazem 160 feridos

A polícia passa hoje a pente fino montões de escombros procurando pistas para o que ou quem fez explodir uma carrinha de gelados, ferindo cerca de 160 pessoas na área de Wall Street, cheia de transeuntes.

A tremenda deflagração no bairro financeiro de Nova Iorque, ontem, à hora do almoço, arrancou janelas de «arranha-céus» e fez cair uma chuva de estilhaços de vidro e de destroços sobre as multidões em baixo. Dezasseite pessoas ficaram gravemente feridas.

A polícia, que investiga todas as possíveis causas do rebentamento, incluindo uma disputa interna na Icecream Corporation, a quem pertencia a carrinha, informou inicialmente suspeitar que uma bomba fora colocada no veículo. Contudo, mais tarde, disse não ter a certeza disso e que ensaios em laboratório eram necessários para indicar a causa da explosão.

O «New York Daily News» afirma que o Movimento Nacional de Libertação de Porto Rico, um grupo militante, lhe telefonara, poucas horas depois da deflagração, a reivindicar a responsabilidade, mas um informador da polícia declarou não acreditar na veracidade da chamada.

Muitas pessoas que transitavam ao longo da rua estreita, onde ocorreu o rebentamento,

disseram ter visto uma bola de fogo atingir mais de 20 metros de altura, reduzindo a viatura a uma massa de metal retorcido.

Uma senhora idosa foi arremessada pelo ar, devido à violência da explosão, caindo sobre um montão de estilhaços de vidro «Parecia uma zona de guerra, com bombas rebentando aqui e ali», observou um homem.

Se se vier a apurar que a explosão foi feita por motivos políticos, seria a segunda vez nos últimos anos, que o bairro financeiro de Wall Street era alvo de tais atentados.

Em Janeiro de 1975, um ataque desencadeado pelo mesmo grupo extremista contra Frances Tavern, um local histórico da guerra revolucionária, matou quatro pessoas e feriu mais 53.

Três meses antes, o grupo reivindicou a responsabilidade por uma deflagração que destruiu um automóvel na mesma área em que ocorreu o rebentamento de ontem, mas ninguém ficou ferido.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

CARTAS DA HOLANDA

Imediatamente depois da II Guerra Mundial, a «wederopbouw-ideologie», ideologia da reconstrução, mobilizou todas as forças criadoras e dominou todos os sectores da vida pública e privada, nos Países Baixos. A testa da lista de prioridades, estava inscrito, naturalmente, o levantamento da economia abalada. Não se concluiu, porém, que à vida cultural se tenha imposto um lugar de espera na bicha dos adiados.

O ministério da Cultura e o Ministério da Educação já, nos fins dos anos 40, se viam atribuída uma parte substancial do orçamento de Estado, que nunca foi regateada pela oposição, atingindo, hoje, os vinte bilhões de florins (25 por cento do budget!). Este esforço foi visível, como se sabe, em todos os chamados «welfare States», e muito especialmente nos países socialistas.

Características da Holanda são a tradicional curiosidade, a abertura sem preconceitos, e o intercâmbio activíssimo de que este país dá mostras, no tocante às criações culturais de outros povos.

Como se calcula, a música não pode constituir excepção à regra, numa terra em que a maioria dos indivíduos cultiva um instrumento. Nos anos 20, van Dale, compositor, pianista acabado e publicista incansável, percorria a Holanda num esforço de fazer conhecida a jovem música da União Soviética. Regressando da sua última ida a Moscovo, em 1939, explicou pacientemente aos jornalistas ansiosos que não na Rússia, e sim na Alemanha, olhos vigilantes lhe seguiam os passos.

Se alguém contribuiu muito

para atenuar os efeitos da guerra fria, neste canto da Europa, seriam justamente homens como Van Dale...

A partir de 1950, uma vaga anual de música, de ballet e de teatro, vinda de todos os lugares do mundo, abate-se durante um mês sobre este país, três vezes mais pequeno que Portugal, e que, por diques só conhece os que tanto maravilham o nosso Ramalho Ortigão.

UM MUSEU ONDE O PÓ NÃO TEM LUGAR

O Museu Municipal de Haia é um símbolo. Abriga uma colecção única de três mil instrumentos musicais, conservados pelo desvelo e entusiasmo do musicólogo Rob van Acht, grande amigo de M. Giacometti; dispõe de uma biblioteca de música com cerca de cem mil títulos, entre os quais preciosíssimos manuscritos, ao cuidado de Dick van den Hut, um dos participantes no congresso de bibliotecários da especialidade a realizar brevemente em Lisboa.

O museu de Haia é um símbolo porque explica muitas coisas possíveis num país onde normalmente não seriam possíveis.

Scheurleer era um banqueiro hagueano cujo amor pelas artes — estranho Mecenas em tão estranho século! — o levou à bancarrota. Tanto a colecção de instrumentos como o cerne da biblioteca, hoje pertença do Haags Gemeente Museum, foram recolhidos peça a peça por aquele descendente da burguesia calvinista simples no

viver e activa no produzir, da província costeira da Holanda. Nos últimos meses da Guerra, os hitlerianos acharam os jardins do Museu a seu gosto, para disparar os V-5 sobre Londres; debaixo do fogo, funcio-



nários do Museu fizeram acartar livros e instrumentos para lugar seguro, servindo-se dos insuspeitos veículos dos varredores da cidade, os quais se prontificaram conscientemente a enfrentar os riscos que a operação envolvia...

Quem, vindo de Lisboa, penetra nas instalações da avenida Stadhouders, sem ter lido o dístico, não entende o que vê. Diariamente, especialistas executam demonstrações em instrumentos antigos — saltérios e cistres, serpentes e oboés, cravos e virginais, etc. Amadores de (re)construção de instrumentos esque-

cidos vêm observar e medir os modelos conservados, e interrogar Scheurwater, um mágico extraordinário, que está a ser pago magnanimamente para devolver a alma original ao frágil corpo de cedro dum cravo italiano do século XVII. Todas as semanas há vários concertos e conferências a que acorrem centenas de pessoas. Editam-se discos a fim de ressuscitar instrumentos que repousam nos escaparates. É um museu que vive, um museu onde não há lugar para o pó.

MÚSICA FOLCLÓRICA NO HOLLAND FESTIVAL

Rob van Acht, conservador do Gemeente Museum, tomou sobre si a responsabilidade de organizar a rubrica de música folclórica, uma novidade no Holland Festival. Sublinhe-se que esta manifestação, reunindo artistas desde Toronto, a Bucarest, passando por Bilbao e San Sebastian, esteve este ano sob o lema: «a relação entre a música popular e a música clássica». Nestas condições, quem se admirará que a escolha tenha recaído, em Portugal, sobre o cistre (guitarra) de Carlos Paredes e sobre a voz de Adriano Correia de Oliveira?

O APOIO DA EMBAIXADA DE PORTUGAL EM HAIA

Os primeiros contactos do Gemeente Museum com a Embaixada em Haia, visando a uma colaboração efectiva no intercâmbio cultural, datam de

Fevereiro deste ano. Como é habitual, nestas circunstâncias, as delegações dos países representados no festival holandês, subsidiam as viagens dos seus artistas convidados, enquanto fornecem aos organizadores todo o apoio cultural que lhes seja solicitado. Assim aconteceu, excepto com a delegação portuguesa na Holanda, chefiada pelo sr. Marques. O apoio financeiro prometido levianamente (como diz o secretário da Embaixada) pelo adido de imprensa, sr. Ferreira, custou a este um amargo puxão de orelhas e uma despesa inesperada ao Museu Municipal de Haia. O apoio cultural custou aos portugueses esclarecidos a leitura, na imprensa holandesa, da vergonhosa afirmação feita pelos serviços diplomáticos: «o fado é o coração de Portugal».

Finalmente custou a Carlos Paredes, a Fernando Alvim, a Adriano Correia de Oliveira e ao autor destas linhas a indignação dum convite do Embaixador, redigido em língua francesa (!), para a «Fête Nationale», antecipada para o dia 9 de Junho, sexta-feira, e realizada a horas em que os imigrantes portugueses têm as mãos demasiado ocupadas com trabalho para poderem folhear «OS LUSÍADAS»...

A GUITARRA DE CARLOS PAREDES

Nos fins do século XVIII, o nosso Silva Leite, «mestre de capella», na Sé do Porto, e autor do «Tratado de Guitarra», publicado em 1796, fazia imprimir em Amsterdão, seis sona-

tas para guitarra, violino e duas trompas ad libitum...

A impressão desta música nos Países Baixos não pode ser atribuída apenas a um avanço da técnica holandesa, neste campo, como muitos supõem. Silva Leite refere-se às seis sonatas como «correndo impressas na Holanda». Na verdade, o cistre, na forma da guitarra inglesa ou alemã, que fora introduzido em Portugal, era conhecido e cultivado em toda a Europa Ocidental. O musicólogo Van Acht gosta até de afirmar que o cistre era o alaúde da Europa do Norte, de onde desapareceu totalmente, incluindo a Inglaterra.

Na sua forma mais evoluída — com um maior volume de som e um timbre inconfundível — este cistre sobrevive apenas entre nós, onde sofreu modificações importantes que lhe deram a riqueza harmónica que se lhe conhece.

Isto é o facto de que a música de Paredes — prendendo fundas raízes no nosso folclore urbano, enquanto se alimenta de sugestões dos antepassados da guitarra portuguesa — ilustrou perfeitamente a relação música popular/música erudita, tema do Holland Festival, fez com que a sua presença nas principais cidades holandesas fosse saudada com manifestações de entusiasmo e carinho, pouco habituais nas gentes do Norte brumoso.

«PAREDES NÃO QUERERÁ FICAR?»

A modéstia de Paredes não lhe permitiu reeponder serenamente aos aplausos das salas cheias de Haia, Roterdão, Amsterdão e Haarlem. Foi ne-

Continua na pág. 15

LEALTO ABERTO P de ESPANHA (metro PALHAVA) teléf. 77 09 69

grupo 4 APRESENTA

a sátira musical

de ARY DOS SANTOS, AUGUSTO SOBRAL, RUI MENDES, FERNANDO TORDO, PAULO DE CARVALHO, PEDRO OSÓRIO encenação de RUI MENDES

O caso da MÃOZINHA MISTERIOSA

com subsidio do S.E.C.

espectáculo não aconselhável a menores de 13 anos

3.^{as}, 4.^{as}, 5.^{as}, e 6.^{as}, FEIRAS: ÀS 21.45
SÁBADOS: ÀS 20.30 E 23 HORAS
DOMINGOS: ÀS 16 E 21 HORAS
3.º MÊS
UM CASO SÉRIO «DE MORRER A RIR» COM

HENRIQUETA MAYA **PAULO DE CARVALHO** **FERNANDO TORDO** **RUI MENDES**
MORAIS E CASTRO **LUISA BASTO** **PEDRO OSÓRIO** **HELENA ISABEL**
FERNANDA COIMBRA **CARLOS GONÇALVES** **ALVARO FARIA** **ADELAIDE FERREIRA**
PAULO GODINHO **MANUEL MENDONÇA**

UM DOS PERSONAGENS MAIS FASCINANTES E MISTERIOSOS DA HISTÓRIA UNIVERSAL!

CAGLIOSTRO

Nas mais poderosas cortes da Europa e até no Vaticano se refletiram as consequências da sua perturbante personalidade. E havia razões para isso...

BEKIM FEMIU • CURD JURGENS
ROSANNA SCHIAFFINO
EVELYN STEWART • MASSIMO GIROTTI

REALIZAÇÃO DE Daniele Pettinari

MUSICA DE MANUEL DE SICA

MUNDIAL FILMES
HOJE - ESTREIA ÀS 15.30 IMPÉRIO

Interdito a menores de 13 anos

Música Popular de Angola no ZODIACO

Está a actuar no Bar Zodiaco — Rua Santana à Lapa 103-B, Lisboa, um dos mais representativos elementos da música popular angolana-Bonga.

Bonga está no Zodiaco em últimos dias de actuação em Portugal até dia 4-7-78.

O espectáculo começa às 22h 30m

O Zodiaco retomou o seu horário habitual até às 2h

TEATRO A CENTELHA

APRESENTA

Quatro dias de Viagem

Desde aqui até à terra do Homem Novo

Todas as noites às 21.30 h a partir de 27 de Junho no Auditório da Feira — Viseu

(Subsidiado pela Secretaria de Estado da Cultura)

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

FICHA:

Realização e montagem: Lauro António (Portugal-1977/78)

Fotografia: Abel Escoto

Texto: Lauro António e Maria

Eduarda Reis Colares

Voz: Lia Gama

Distribuição em Portugal: Instituto Português de Cinema

Cinema: Apolo 70 (em complemento a Há Festa na Aldeia)

Classificação: Para todos

Há temas quase óbvios para documentários cinematográficos: os graffiti nas ruas de Lisboa, os cartazes partidários, os cartoons dos jornais. Temas quase óbvios porque, tratando-se de manifestações sociais de carácter efêmero, são, ao mesmo tempo, sinais que importa guardar para quem um dia, à distância, se resolve extrair deles as lições e os testemunhos de uma História que, alvoroçadamente, construímos.

E, assim, saudável que haja quem queira fazer esse trabalho reflexivo.

Desta feita Lauro António (um homem metido no cinema até aos ossos: crítico, programador de Filmes Lusomundo,

"O Zé Povinho na Revolução" de Lauro António

realizador...) escolheu, e bem, o cartoon para tema de uma curta-metragem ora estreada: **O Zé Povinho na Revolução**.

Porém, se a escolha é feliz, bastante discutível me parece a sua «mise-en-pratique», a sua realização. Com efeito quem queira fazer um trabalho deste tipo deve, à partida, ter uma ideia muito clara da forma de seleccionar e de organizar o material constituído pelos próprios cartoons. Há várias opções possíveis (não quero aqui, dirigisticamente valorizar qualquer das que me ocorrem) mas é necessário uma decisão num sentido determinado.

Quer-me parecer que Lauro António se recusou a tomá-la. O que fica, então? Um amontoado de cartoons providos dos mais diversos quadrantes (estéticos e políticos) ao qual não se dá uma arrumação que faça um qualquer sentido. Nem a selecção é a mais significativa (ao nível, por exemplo, dos cartoons de Sam ou das fotomontagens do «Jornal Novo» da era de Portela havia exemplos bem mais importantes que os apresentados) nem ela obedece a qualquer propósito definido e claro. Por outro lado

o texto (dito por Lia Gama) é, as mais das vezes, criticamente nulo, isto é, recusa-se a tomar partido, sendo, quase sempre, apenas descritivo dos acontecimentos que foram ocorrendo ao longo de ano e meio de processo revolucionário.

Do ponto de vista do modo como nos são presentes os cartoons creio ser também discutível a escolha feita. Quase nunca um cartoon nos é mostrado na sua integralidade, preferindo Lauro António o pormenor, o excerto. Não é por acaso que, classicamente, essa não é a via geralmente escolhida. Ao contrário, é costume apresentar as obras (desenhos, pinturas, etc.) na sua totalidade e só depois se descer à análise; ou, então, segue-se o caminho inverso, do particular para o geral. Uma mostra quase só de excertos é que não parece muito curial.

Resta dizer que **O Zé Povinho na Revolução** tem, apesar disso, bastante interesse: o interesse que lhe vem do próprio material que utiliza, os cartoons que testemunham uma História em marcha, infelizmente usados de forma muito limitada.

Carlos Paredes

Continuação da pag. 14

cessário que os braços possantes de Adriano o arrastassem literalmente para o tablado, dissuadindo-o a furtar-se ao delírio de um público que seguiu ansioso as ameaças do sr. António Barreto às vitórias da reforma agrária, e que, por isso, tão bem soube entender a parábola com texto (holandês) e guitarra — «O OURO E O TRIGO»...

Uma senhora holandesa entregou uma contribuição para a Muralha d'Aço e interpretou assim a conjugação da viola e guitarra: «uma força persistente, imparável sobre a qual se levanta límpido o canto da liberdade».

O diário Haagsche Courant,

de 5 de Junho, teve estas palavras: «o apogeu (do Holland Festival) foi-nos dado por Carlos Paredes, mestre da guitarra portuguesa. Suspende a respiração ouvi-lo tocar».

A biblioteca do Museu Municipal de Haia ofereceu a Paredes material interessantíssimo, nomeadamente cópia das sonatas de Francesco Geminiani para cistre inglês, violino e violoncelo.

Rob van Acht possibilitou-lhe o experimentar de diversos tipos de cistres antigos, guitarras inglesas e de uma guitarra portuguesa do século XIX.

Mas a reacção mais curiosa, a homenagem menos esperada, veio de O. Mensink, tam-

bém musicólogo ao serviço do Gemmente Museum, — escandalizado com o facto de que as autoridades portuguesas não se tenham ainda lembrado de estimular o nosso guitarrista a abrir uma escola em Lisboa, a fim de perpetuar o cistre, nesta forma e a este nível.

Mensink disse-me só isto: «Paredes não querará ficar?».

Expliquei-lhe que não. Que Portugal é que afinal lhe dá a arte que uma pequena parte de Portugal teima em negar-lhe...

Mensink teve um sorriso breve, sem gestos nem palavras. Quando, na Holanda, alguém sorri desta maneira quer dizer que entendeu e que lamenta. Haia, 10 de Junho de 1978

SÉRGIO AZEVEDO

apresenta no

TEATRO

ABC

Tel. 26 02 45

HOJE 2 SESSÕES

As 20.30 e 22.45

AOS DOMINGOS:

«Matinéas» às 16 h.

Folga às 2.ªs-feiras



A REVISTA
QUE CERTOS
DEMOCRATAS
JÁ NÃO
PRETENDEM
FAZER CALAR...



VERA MÓNICA
Éxito em «A Filha
de D. Afonso Henriques»

- FLORBELA
- OCTÁVIO DE MATOS
- ANABELA
- ANTÓNIO CALVÁRIO
- VERA MÓNICA
- NINA FLORES
- VICTOR NORTE
- JOÃO LUÍS
- LIA SARA

A frente de uma
grande companhia

TRINDADE

INATEL

Apresenta

Hoje, às 21.30 e só até

ao dia 9 de Julho

«OS CÓMICOS»

com a peça

O EDEN CINEMA

original de

Marguerite Duras

Domingo (espectáculo único)

às 16 horas

Segunda-feira (descanso)

(Não acons. a men. 18 anos)

Hoje



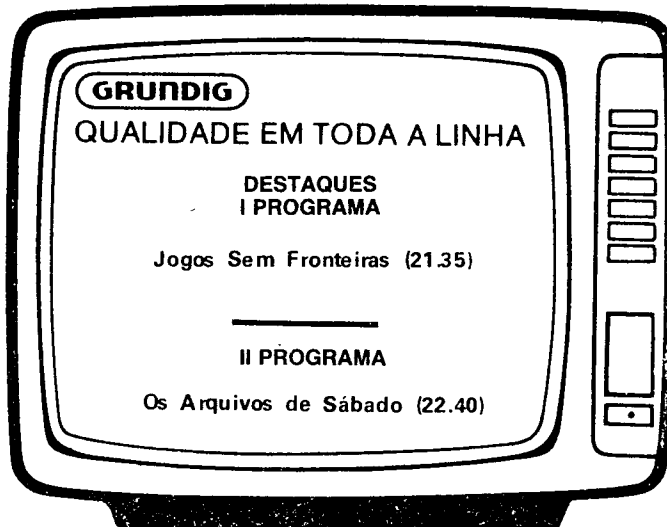
O Duo Ouro Negro que hoje actua no II Programa pelas 22.40

I PROGRAMA

- 16.30 Formação Contínua de Professores do Ensino Primário
- 17.00 Telejornal — 1.ª edição.
- 17.15 Desporto 78
- 17.35 Torneio de Natação «Rainha Santa» — transmissão directa da Piscina Municipal de Coimbra.
- 19.05 Em Foco
- 19.55 Cinema de Animação
- 20.25 Tropicália
- 21.00 Telejornal — 2.ª edição.
- 21.30 O Tempo
- 21.35 Jogos Sem Fronteiras — hoje em Gromitz, na Alemanha.
- 23.05 Telejornal — 3.ª edição.
- 23.10 Reportagem do Exterior
- 00.15 Fecho

II PROGRAMA

- 21.00 Telejornal
- 21.30 Concerto
- 22.05 Cinema de Animação
- 22.40 Os Arquivos de Sábado — dos anos de 1964 e 1966.
- 23.30 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

12.30: Missa de Domingo; 13.10: Eurovisão — Automóvilis mo — Grande Prémio de França; 15.15: «A Lenda do Coiote»; 17.00: Telejornal — 1.ª edição; 17.15: TV Rural; 17.50: A Loja do Mestre André; 19.30: Grande Encontro; 20.25: Os Marretas; 21.00: Telejornal — 2.ª edição; 21.30: O Tempo; 21.35: A Festa da Música; 22.05: «Homem Rico, Homem Pobre» — 3.º episódio; 22.55: Telejornal; 23.05: Fecho.

II PROGRAMA

21.00: Telejornal; 21.30: Cinemateca — «O Amor de Jeanne Ney»; 22.55: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 88 27 86 - 89 98 26

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Grandes Festejos Populares no Teatro

Á DOQUE

de 12 a 2 de Julho

Preços Únicos 80.00 50.00

Poderá ver a Revista

ROUPA VELHA

Todos os dias às 21.30 horas

«Matinée» ao Domingo, às 16 horas

E DEPOIS DA REVISTA TEMOS BAILARICO

NOS FINS DE SEMANA E NAS VÉSPERAS E DIAS

DOS SANTOS POPULARES

Comes e Bebés (Baratinhos)

- sardinhas • caldo-verde • iscas • chouriço-assado •
- pastelinhos de bacalhau • vinho tinto e branco •
- etc etc

DURANTE O ARRAIAL TEREMOS CANTIGAS e SURPRESAS

Va ao ÁDOQUE Divertir-se por pouco dinheiro

LARGO MARTIM MONIZ (Metro Socorro) Tel 874476

A BARRACA

SUBS E C

Rua Alexandre Herculano, 70

Telefone: 68 63 00 — (M/13)

3.ª a SÁB.: 20H30 — 22H30

DOMINGO: 16H00 — 21H30

TEATRO DO NOSSO TEMPO

apresenta

TEATRO PARA CRIANÇAS

«UM... DOIS... TRÊS... CINCO HISTÓRIAS DUMA VEZ...»

Encenação de Luis Mata

Sábados, Domingos e Feriados — 16 horas

Pr. José Fontana, 12-B

Telef. 57 40 37

DE "A BOLA", COM DEVIDA VÉNIA Sapatos de pele de gente com solas de pó e lama

Homero Serpa, nosso prezado camarada de «A Bola», é autor de um texto que, integrado no «Dia Mundial da Criança», se torna belo conto que, com a devida vénia, pedimos licença para transcrever.

A montra do estabelecimento do bairro anunciava a grande corrida. Os meninos com a barriguinha cheia e abaulada como um tamborzinho miraram o cartaz sugestivo, pedindo a sua comparência no domingo, logo de manhãzinha. Os meninos com a barriguinha gaseada de feijocas devoraram, primeiro, os rebuçados e as bolas de berlim antes da figurinha grotesca simbolizando a partida da prova de domingo.

Os meninos inscreveram-se. Com à-vontade, os habituados a conviver, com paradoxal acanhamento, os mais expeditos no jogo da bola e no assalto aos quintais.

O comércio local apurou-se nas gentilezas. Havia medalhas e outros prémios. Quais outros? Ora, prémios para crianças: chocolates, pacotinhos de bolachas de baunilha e envólucros transparentes que albergavam coloridos mundos de guloseimas.

Os senhores apareceram muito cedo, marcaram a rua com um grande traço branco, arvoraram duas bandeiras e muniram-se de apitos. As senhoras, de camisolas justas e calças de ganga cara, sorriam com o apetite da novidade. Não chovia. Estavam abertas as janelas. Nas ruas, havia gente e lixo por recolher. Muitos automóveis dormiam a manhã e deixavam limpo o ar de domingo.

No meio dos meninos, saltitou a miúda irreverente, uniseixo, expedita. Queria correr. Os organizadores olharam para ela e não encontraram contrariedade no regulamento. Dizia meninos, não dizia interdito a meninas. Ela alinhou. Os miúdos olharam-na com superioridade, com machismo, com inconcebível desprezo: o que é que esta faz aqui? Não sabe que as corridas são para os homens? A menina não se importou.

Os adultos saltitavam de passeio para passeio. Quantos são? Os cruzamentos encontram-se vigiados? É que rua é pista para doidos e a vida humana coisa para os inconscientes. O cão deitou-se sobre a linha de chegada. Era uma incrível atitude do amigo das crianças, sabotar assim a prova, logo no início. Ainda para mais, com pulgas e talvez carraças. Sabia-se lá se aquele cão vivia em casa burguesa ou sob as varandas dos prédios?

Ela era a única menina. Saltitava como um pardalinho sem complexos: Eu já ganhei uma prova de natação, cheguei à água e, pumba, ganhei. Os meninos não sabiam nadar.

Os putos viram-na entrar na água de cabeça, pês afastados, num mergulho espalhafatado. E pensaram na hipótese, inadmissível, dela correr mais do que eles. Se era boa nadadora, se não tinha medo da água do rio e do mar, safal, também era rapazinha capaz de os bater. Olharam-na de soslaio. Um deles ainda protestou: é, senhor, isto não é só para rapazes?!

A moça exaltou-se: olha lá, ó miúdo, começas cedo? A menina corria muito. Menos, porém, que o miúdo, que se apresentou à partida sem equipamento. Ou antes com o equipamento de todos os dias — calções desfiados presos por um único suspensório, camisa ou qualquer coisa parecida, sapatos de pele de gente com solas de pó e lama.

Junto à linha branca como fronteira traçada no alcatrão, o menino recebeu uma medalha porque tinha corrido como um gamo acossado pela matilha e a menina um pacote de bolachas apetitosas. A menina cobiçou a medalha, o menino desejou as bolachas.

No sol recortado de sombras, os adultos batiam palmas simpáticos. E a miúda, ladina e irreverente, garantia: no outro dia, na praia, ganhei aos medriscos dos rapazes. Eles nem sabiam nadar...

Homero Serpa

OLIMPIADAS DE 1980 HÁ JÁ QUEM PROCURE O EMBLEMA OFICIAL

Por IURI ZEMLIANKI



A mascote «Topa» anda em viagem pela URSS

O emblema oficial da Olimpíada-80 aparece em lembranças, roupa, louça, perfumaria e muitos outros artigos de amplo consumo, enquanto que o talismã, o conhecido Ursinho Micha, surge em cartazes e tecidos, brinquedos e porta-chaves. Cerca de mil e duzentas empresas soviéticas adquiriram já a autorização do Comité Organizador Olimpíada-80 para a produção de quase 6 mil tipos de artigos com o emblema e talismã. Todavia, a utilização do emblema e talismã olímpicos com objectivos comerciais, constitui uma parte do programa económico do Comité Organizador dos 22.º Jogos Olímpicos.

Entretanto, o emblema olímpico está registado, como marca fabril, em 42 países do mundo. Dezenas de empresas estão interessadas em obter autorização do Comité Organizador para reproduzir nos seus artigos os símbolos dos Jogos Olímpicos de Moscovo. Levando o facto em consideração, o Comité Organizador recorre aos serviços de firmas interessadas estrangeiras, assinando acordos nos termos

dos quais estas firmas se tornam representantes oficiais (agentes) do CO para a utilização comercial do emblema e talismã da Olimpíada-80 em determinados países e regiões do mundo.

Foi a «Interexport», organização jugoslava de comércio externo, que se tornou o primeiro agente comercial do Comité Organizador. O acordo com essa firma foi assinado em Março de 1976. Durante os dois anos seguintes os organizadores da Olimpíada moscovita assinaram mais nove acordos com intermediários estrangeiros. As dez firmas agentes, cuja actividade abrange praticamente todo o mundo, são possuidoras de licenças do Comité Organizador para a utilização comercial do emblema e do talismã dos próximos Jogos Olímpicos.

A firma americana «Sport Licensing», por exemplo, tem o direito de conceder a autorização para se reproduzir o emblema e o talismã olímpicos nos artigos das firmas dos EUA e dos países da América Latina; na Checoslováquia, o Comité Organizador está representado pela organização de Comércio Externo «Injeb»; na Alemanha Federal e noutros países da Europa Ocidental de expressão alemã, pela firma «Atlas-Verlag»; na Índia, pela Paladj Badjadji; no Japão pela

Makuhodo; na França e noutros países francófonos, pela firma francesa «Sorin», que já concluiu ou está em vias de concluir, acordos com cerca de dez grandes firmas e companhias francesas.

A «Sport Licensing» realiza actualmente uma ampla propaganda, cujo objectivo é o de mostrar aos empresários da América do Norte e do Sul, as vantagens que lhes proporciona o emblema e talismã Olimpíada na URSS, caso estes sejam reproduzidos nos artigos das suas empresas. O alegre Micha, o ursinho do talismã olímpico, goza de uma popularidade especial nos EUA. A NBC, a companhia de televisão norte-americana que adquiriu o direito exclusivo para a transmissão dos 22.ºs Jogos Olímpicos para os Estados Unidos, planeia, neste momento, rodar um desenho animado cujo protagonista será o Micha.

TURISMO

Os turistas que visitarem Moscovo em 1980 para assistir aos Jogos Olímpicos poderão, não só seguir as competições, mas também familiarizarem-se com a capital soviética e visitar outras cidades de interesse histórico, como Zagorsk, Rostov, Yaroslavl, Kostroma, Ivanovo e Vladimir, entre outras. Um departamento especial

da Inturist (organismo que trata dos assuntos respeitantes ao turismo) está actualmente a elaborar um vasto programa olímpico de itinerários, que na totalidade compreendem 135 cidades.

Os interessados poderão, nomeadamente visitar as antigas cidades da Ásia Central: Samarkanda, Khiva e Bukhara, cidades siberianas, centros de veraneio e termas na Crimeia e no Cáucaso, as capitais de quinze Repúblicas Soviéticas, entre outras localidades e, claro, as cinco cidades onde decorrerão as competições olímpicas, Moscovo, Kiev, Minsk, Tallinn e Leninegrado.

Fomento desportivo

A Câmara Municipal de Faro vai solicitar apoio estatal para aquisição dos terrenos destinados ao futuro complexo desportivo da cidade.

Situados junto da zona em que serão implantados os edifícios destinados ao ensino superior, os terrenos têm uma área de quinze hectares e existem já dotações para a construção de uma pista de atletismo e de uma piscina coberta, cujo arranque está apenas dependente da aquisição dos terrenos.

Joaquim Melo está de volta

Aí temos novamente em actividade, o benfiquista Joaquim Melo que, durante a disputa do campeonato nacional de Atletismo, em Coimbra, no momento em que disputava o salto com vara, sofreu grave acidente, de que resultou fractura de parte da rótula direita e corpos estranhos no cotovelo esquerdo.

Operado pelo dr. Ferreira Ribeiro, Joaquim Melo está num processo de reabilitação física, enquanto continua a leccionar no Liceu D. Pedro V e a treinar-se no Estádio da Luz, com vista à recuperação funcional. Perdeu um dos melhores degraus que estavam à sua frente (o decatlo internacional de Madrid, para onde estava seleccionado) mas a sua força de vontade faz acreditar que dentro de um mês, estará de novo apto a prosseguir uma carreira já marcada por êxitos saborosos e «records» bonitos.

tam-se numa partida de carácter particular as turmas de voleibol de iniciados masculinos do Núcleo de Gouveia e da Associação Académica de Coimbra.

TÊNIS

Até amanhã, no Estádio Nacional, disputa-se o troféu «Alfredo Vaz Pinto», por tenistas (menores de 16 anos) representantes de vários distritos. Viana do Castelo — Luís Miguel Coutinho, João Rodrigues Maio e Apúrio Cunha Guimarães; Porto — Alexandre Saraiya, António Saraiva Jr., João Guedes, José Garrido Jr., José Maria Santiago, Pedro Cordeiro, Rui Cunha, Diogo Nápoles, Luís Paiva Brandão e Paulo Spratley; Coimbra — Mário Jorge Albuquerque, Paulo Domingues, Rui Batista e Filipe Póvoas; Lisboa — Jorge Dias, Paulo Jorge Martins, Miguel Moncada, João Araújo, Alexandre Bruxelas, Filipe Alvarenga, José Tanqueiro, Sotero Rebolo, Paulo Travassos, Rui Martins, Pedro Carvalho e Miguel Garcia.

ATLETISMO

Vão disputar-se este fim-de-semana, em Semide (Miranda do Alentejo), duas provas de atletismo: 100 metros e 200 metros.



Em Västera (Suécia) bela proeza do sportinguista Fernando Mamede: venceu uma prova de 3000 metros conseguindo o 2.º melhor tempo português (7m. 52.3 s.) derrotando, entre outros, o famoso Dick Quax (da Nova Zelândia). Na mesma prova, o também «leão» Aniceto Simões foi 6.º classificado (7m. 58.8 s.). Por seu turno, o colega José Carvalho foi 2.º nos 400 m. barreiras (50.9 s.).

da do Corco) provas de atletismo, cujo programa é o seguinte: Infantis — 1000 metros; Iniciados — 1500 metros; Juvenis — 4000 metros; Juniores e Seniores — 6000 metros. Estas corridas estão integradas nas «Festas de S. Pedro» e a organização pertence à Associação Recreativa e Cultural de Semide.

Organizado pelo núcleo de atletismo da Lousã e com o apoio da DGD, (Delegação em Coimbra) vão realizar-se amanhã na Lousã, várias provas de atletismo. Às 11 horas, o «Grande Prémio da Lousã» com o percurso de 6900 metros. Às 9 h e 45, a «Marcha Atlética», a 2.ª prova deste género que se realiza no Distrito de Coimbra, e a 1.ª vez que se realiza naquela vila.

TIRO COM ARCO

Este fim-de-semana, em Lameira (Múrcia) a selecção portuguesa de tiro com arco participa no campeonato nacional de Espanha. Treinada por José Roberto, a nossa representação foi entregue a Madalena Martins, Aurinda Vieira, Luis Martins, Daniel Buco, Manuel Reia e Carlos Vieira.

Modalidades em desfile

ANDEBOL

A selecção dinamarquesa de andebol de sete venceu o «Torneio Internacional de Lisboa», ao derrotar a sua congénere portuguesa, por 20-19 (8-9 ao intervalo), no último encontro da competição, realizada na pavilhão da Ajuda, em Lisboa. No outro jogo da noite, a turma soviética do «Zaporozje» bateu o «Saar», da Alemanha Federal, por 28-19.

A Dinamarca (com 6 pontos) ficou em 1.º lugar, seguida do «Zaporozje» (4) Portugal (2) e «Saar» (zero pontos).

LUTAS AMADORAS

Cerca de 150 crianças participaram nas «Beiradas de Lutas Amadoras», que se realizam hoje e amanhã, na Guarda, promovidas pela delegação distrital da Direcção-Geral dos Desportos. Essas 150 crianças representarão os núcleos de lutas amadoras das delegações distritais de Aveiro, Coimbra, Viseu e Guarda, e as delegações da DGD de Porto e Bragança que quiseram assim associar-se a esta jornada de convívio e amizade das crianças beirãs.

VOLEIBOL

Benfica e Leixões disputam amanhã no pavilhão Inatel, na Guarda, a final da «Taça de Portugal» de voleibol feminino, seniores. É a primeira vez que se realiza na Guarda a final nacional de uma prova federativa, na categoria máxima.

Antes deste jogo, que se efectua às 16 horas, defrontar-se-ão as duas equipas de

CURSOS

MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO-VERIFICAÇÃO
Sistemas IBM e UNIVAC
Início dos cursos: 6-7-78
DACTILOGRAFIA
Este curso tem início todos os dias
Informações e inscrições no
EXTERNATO CONTINENTAL
Rua do Arsenal, 100-1.º
Telef. 36 42 72

APARTAMENTOS NO ALGARVE EM JULHO

ARMAÇÃO DE PÉRA
1 quarto duplo + sala + cozinha + casa de banho — max. 4 pessoas

PRAIA DA OURA
2 quartos + sala + cozinha + casa de banho — max. 6 pessoas
Por dia e apartamento 1200\$00
Informações e Reservas

TURI

AGÊNCIAS DE VIAGENS E TURISMO
TURGÉS Av. Bombeiros de Lisboa 117-118-119-120-121-122-123-124-125-126-127-128-129-130-131-132-133-134-135-136-137-138-139-140-141-142-143-144-145-146-147-148-149-150-151-152-153-154-155-156-157-158-159-160-161-162-163-164-165-166-167-168-169-170-171-172-173-174-175-176-177-178-179-180-181-182-183-184-185-186-187-188-189-190-191-192-193-194-195-196-197-198-199-200-201-202-203-204-205-206-207-208-209-210-211-212-213-214-215-216-217-218-219-220-221-222-223-224-225-226-227-228-229-230-231-232-233-234-235-236-237-238-239-240-241-242-243-244-245-246-247-248-249-250-251-252-253-254-255-256-257-258-259-260-261-262-263-264-265-266-267-268-269-270-271-272-273-274-275-276-277-278-279-280-281-282-283-284-285-286-287-288-289-290-291-292-293-294-295-296-297-298-299-300-301-302-303-304-305-306-307-308-309-310-311-312-313-314-315-316-317-318-319-320-321-322-323-324-325-326-327-328-329-330-331-332-333-334-335-336-337-338-339-340-341-342-343-344-345-346-347-348-349-350-351-352-353-354-355-356-357-358-359-360-361-362-363-364-365-366-367-368-369-370-371-372-373-374-375-376-377-378-379-380-381-382-383-384-385-386-387-388-389-390-391-392-393-394-395-396-397-398-399-400-401-402-403-404-405-406-407-408-409-410-411-412-413-414-415-416-417-418-419-420-421-422-423-424-425-426-427-428-429-430-431-432-433-434-435-436-437-438-439-440-441-442-443-444-445-446-447-448-449-450-451-452-453-454-455-456-457-458-459-460-461-462-463-464-465-466-467-468-469-470-471-472-473-474-475-476-477-478-479-480-481-482-483-484-485-486-487-488-489-490-491-492-493-494-495-496-497-498-499-500-501-502-503-504-505-506-507-508-509-510-511-512-513-514-515-516-517-518-519-520-521-522-523-524-525-526-527-528-529-530-531-532-533-534-535-536-537-538-539-540-541-542-543-544-545-546-547-548-549-550-551-552-553-554-555-556-557-558-559-560-561-562-563-564-565-566-567-568-569-570-571-572-573-574-575-576-577-578-579-580-581-582-583-584-585-586-587-588-589-590-591-592-593-594-595-596-597-598-599-600-601-602-603-604-605-606-607-608-609-610-611-612-613-614-615-616-617-618-619-620-621-622-623-624-625-626-627-628-629-630-631-632-633-634-635-636-637-638-639-640-641-642-643-644-645-646-647-648-649-650-651-652-653-654-655-656-657-658-659-660-661-662-663-664-665-666-667-668-669-670-671-672-673-674-675-676-677-678-679-680-681-682-683-684-685-686-687-688-689-690-691-692-693-694-695-696-697-698-699-700-701-702-703-704-705-706-707-708-709-710-711-712-713-714-715-716-717-718-719-720-721-722-723-724-725-726-727-728-729-730-731-732-733-734-735-736-737-738-739-740-741-742-743-744-745-746-747-748-749-750-751-752-753-754-755-756-757-758-759-760-761-762-763-764-765-766-767-768-769-770-771-772-773-774-775-776-777-778-779-780-781-782-783-784-785-786-787-788-789-790-791-792-793-794-795-796-797-798-799-800-801-802-803-804-805-806-807-808-809-810-811-812-813-814-815-816-817-818-819-820-821-822-823-824-825-826-827-828-829-830-831-832-833-834-835-836-837-838-839-840-841-842-843-844-845-846-847-848-849-850-851-852-853-854-855-856-857-858-859-860-861-862-863-864-865-866-867-868-869-870-871-872-873-874-875-876-877-878-879-880-881-882-883-884-885-886-887-888-889-890-891-892-893-894-895-896-897-898-899-900-901-902-903-904-905-906-907-908-909-910-911-912-913-914-915-916-917-918-919-920-921-922-923-924-925-926-927-928-929-930-931-932-933-934-935-936-937-938-939-940-941-942-943-944-945-946-947-948-949-950-951-952-953-954-955-956-957-958-959-960-961-962-963-964-965-966-967-968-969-970-971-972-973-974-975-976-977-978-979-980-981-982-983-984-985-986-987-988-989-990-991-992-993-994-995-996-997-998-999-1000-1001-1002-1003-1004-1005-1006-1007-1008-1009-1010-1011-1012-1013-1014-1015-1016-1017-1018-1019-1020-1021-1022-1023-1024-1025-1026-1027-1028-1029-1030-1031-1032-1033-1034-1035-1036-1037-1038-1039-1040-1041-1042-1043-1044-1045-1046-1047-1048-1049-1050-1051-1052-1053-1054-1055-1056-1057-1058-1059-1060-1061-1062-1063-1064-1065-1066-1067-1068-1069-1070-1071-1072-1073-1074-1075-1076-1077-1078-1079-1080-1081-1082-1083-1084-1085-1086-1087-1088-1089-1090-1091-1092-1093-1094-1095-1096-1097-1098-1099-1100-1101-1102-1103-1104-1105-1106-1107-1108-1109-1110-1111-1112-1113-1114-1115-1116-1117-1118-1119-1120-1121-1122-1123-1124-1125-1126-1127-1128-1129-1130-1131-1132-1133-1134-1135-1136-1137-1138-1139-1140-1141-1142-1143-1144-1145-1146-1147-1148-1149-1150-1151-1152-1153-1154-1155-1156-1157-1158-1159-1160-1161-1162-1163-1164-1165-1166-1167-1168-1169-1170-1171-1172-1173-1174-1175-1176-1177-1178-1179-1180-1181-1182-1183-1184-1185-1186-1187-1188-1189-1190-1191-1192-1193-1194-1195-1196-1197-1198-1199-1200-1201-1202-1203-1204-1205-1206-1207-1208-1209-1210-1211-1212-1213-1214-1215-1216-1217-1218-1219-1220-1221-1222-1223-1224-1225-1226-1227-1228-1229-1230-1231-1232-1233-1234-1235-1236-1237-1238-1239-1240-1241-1242-1243-1244-1245-1246-1247-1248-1249-1250-1251-1252-1253-1254-1255-1256-1257-1258-1259-1260-1261-1262-1263-1264-1265-1266-1267-1268-1269-1270-1271-1272-1273-1274-1275-1276-1277-1278-1279-1280-1281-1282-1283-1284-1285-1286-1287-1288-1289-1290-1291-1292-1293-1294-1295-1296-1297-1298-1299-1300-1301-1302-1303-1304-1305-1306-1307-1308-1309-1310-1311-1312-1313-1314-1315-1316-1317-1318-1319-1320-1321-1322-1323-1324-1325-1326-1327-1328-1329-1330-1331-1332-1333-1334-1335-1336-1337-1338-1339-1340-1341-1342-1343-1344-1345-1346-1347-1348-1349-1350-1351-1352-1353-1354-1355-1356-1357-1358-1359-1360-1361-1362-1363-1364-1365-1366-1367-1368-1369-1370-1371-1372-1373-1374-1375-1376-1377-1378-1379-1380-1381-1382-1383-1384-1385-1386-1387-1388-1389-1390-1391-1392-1393-1394-1395-1396-1397-1398-1399-1400-1401-1402-1403-1404-1405-1406-1407-1408-1409-1410-1411-1412-1413-1414-1415-1416-1417-1418-1419-1420-1421-1422-1423-1424-1425-1426-1427-1428-1429-1430-1431-1432-1433-1434-1435-1436-1437-1438-1439-1440-1441-1442-1443-1444-1445-1446-1447-1448-1449-1450-1451-1452-1453-1454-1455-1456-1457-1458-1459-1460-1461-1462-1463-1464-1465-1466-1467-1468-1469-1470-1471-1472-1473-1474-1475-1476-1477-1478-1479-1480-1481-1482-1483-1484-1485-1486-1487-1488-1489-1490-1491-1492-1493-1494-1495-1496-1497-1498-1499-1500-1501-1502-1503-1504-1505-1506-1507-1508-1509-1510-1511-1512-1513-1514-1515-1516-1517-1518-1519-1520-1521-1522-1523-1524-1525-1526-1527-1528-1529-1530-1531-1532-1533-1534-1535-1536-1537-1538-1539-1540-1541-1542-1543-1544-1545-1546-1547-1548-1549-1550-1551-1552-1553-1554-1555-1556-1557-1558-1559-1560-1561-1562-1563-1564-1565-1566-1567-1568-1569-1570-1571-1572-1573-1574-1575

O NOSSO CONVIDADO

CARLOS PINHÃO
(Redactor de "A Bola")

Um nada de pessimismo

Bem bom que o Sporting tivesse arrecadado a Taça de Portugal, depois de o F.C. Porto ter ganho o «Nacional». Isto não é antibenfiquismo primário, eu até sou do Benfica, se é obrigatório ter clube, é contra os monopólios e o Benfica tendia a monopolizar a questão.

Quanto ao balanço do futebol nacional, seria tudo, agora no defeso em que estamos, estamos?, com o Sporting nas Chinãs e o Benfica a voltar dos Canadá, seria tudo, se não tivesse havido, agora, o «Mundial» a que não fomos, claro que não fomos, a norma é não irmos, o que se estranha é que se estranha a nossa ausência e, no fim, ninguém estranhou se não nós e, entre nós, eu, pelo menos, não estranhei.

Repara-se: em dez tentativas

(quarenta anos), só uma vez (1966) chegámos à fase final e, para mal dos nossos pecados (futebolísticos), o Eusébio nem tem filhos, tem filhas.

Quanto à Argentina, ganhou a Argentina, tal como a Inglaterra ganhou em Inglaterra, tal como a Alemanha ganhou na Alemanha e ainda hoje, no Brasil, se não percebeu como é que o Schiggia deu aquele nó no Bigode e o Uruguai saiu do Maracanã com o título, em 1950, mas que é isto? onde é que eu já vou? pediram-me só o balanço de uma só época e fui parar a 1950, uma época de quê? de futebol? ah, das outras modalidades também? mas a natação, o atletismo e o ciclismo só agora é que começam a aquecer, fazemos o balanço ao princípio?, a recepção à partida?

Vai em jeito de previsões.

Vai o Carlos Lopes ganhar, lá por fora, muitas voltas, mas não vai ganhar a última volta e, lamentavelmente, só a última é que conta para a classificação.

Vai o Agostinho, em muitas etapas, chegar com o mesmo tempo dos outros quando a gente queria é que os outros chegassem com o mesmo tempo dele.

Vai o Rui Abreu prometer muito.

Pessimismo?... Talvez antes má vontade, contra-vontade, porque não me estava nada a apetecer fazer esta estória, mas pediram-me, não quis dizer que não, toma, saiu isto...

Carlos Pinhão
(redactor de "A Bola")



Pede-se-me também uma foto, junto-lhe uma legenda, aproveito para pinhoar a questão, uma espécie de jogada individual, não me convidassem, não é?, a verdade é que, para mim, este foi o momento mais importante da época: estive no Maputo e participei na inauguração da Pista dos Continuadores, eu e um jornalista senegalês e outro jornalista argelino fomos ao pódio entregar as medalhas às três primeiras de uma renhida corrida, muito se vai falar do desporto moçambicano, eu avanço já com este pouquinho... C. P.

"TAÇA DAS TAÇAS", EM HÓQUEI PATINADO

Esta noite: Oeiras-Voltregá

«Pensamos arrebatá-lo ao troféu ao Oeiras, para o que nos sentimos preparados física e psicologicamente, de maneira a tentarmos obter um bom resultado, cá, e sentirmo-nos mais à vontade, lá» — afirmou o técnico do Voltregá, o espanhol Pedro Gallen, à sua chegada a Lisboa, pela tarde de ontem. No ringue de Oeiras, às 22 horas de hoje, será iniciada a primeira «mão» da final da Taça das Taças, precisamente entre oeirenses e espanhóis.

Pedro Gallen adiantaria porém, estar «consciente do valor» dos hoqueístas de Oeiras, que considerou «de categoria internacional». No entanto, em seu entender ambas as equipas «se equilibram quanto à sua capacidade técnica», pelo que será «muito difícil alguém prever com o mínimo de rigor, quem virá a apossar-se da taça». Finalmente, Gallen declarou ainda que, «muito gosta-

ria que este encontro pudesse, de algum modo, contribuir para estreitar os laços de amizade entre portugueses e espanhóis.

Para o encontro de hoje, que será arbitrado pelo alemão federal Horst Brune, as equipas deverão formar assim:

Oeiras — Carlos Alves, José Rosado, Vitor Rosado, Salema e Carvalho. Suplentes: José Manuel, Cristóvão e José Pereira.

Voltregá — Anglada, Humberto Ferrer, Ordeig, Nogué e Arboix. Suplentes: Martin, Zabala e Torné.

Dia 15, em Voltregá, joga-se a 2.ª «mão» desta «Taça das Taças».

LISBOA JOGA NA RFA

A selecção de Lisboa, escolhida por José Lisboa, já se encontra em Darmstadt (RFA), para participar no torneio internacional desta cidade, que se

disputa hoje e amanhã. A equipa de Lisboa é constituída pelos seguintes jogadores: Ramalhe (Benfica), Évora (Cascais), Garrancho (Benfica), Sobrinho (Sporting), Fernando Pereira (Sporting), Piruças (Benfica), Virgílio (Benfica) e Picas (Sporting).

BASQUETEBOL

Sangalhos 'encesta' castigos

A Federação de Basquetebol, face aos graves incidentes ocorridos no Pavilhão de Embra (Marinha Grande) por ocasião da final da «Taça de Portugal», disputada entre o Sangalhos e o Sporting, aplicou uma mão-cheia de castigos. Ora veja-se:

a) Multa de cinco contos e interdição do seu recinto de jogos por quatro encontros oficiais, ao Sangalhos.

b) Três meses de suspensão ao dirigente sangalhesse Feliciano Godinho Neves, «por tentativa de agressão a um fiscal do jogo».

c) Dois meses de suspensão ao treinador Manuel da Costa Barbosa e outro tanto ao colega Humberto Simões Neves (ambos do Sangalhos) «por injúrias aos oficiais de jogo».

d) Cinco jogos de suspensão ao jogador sangalhesse Carlos Santiago e dois ao parceiro Nelson Costa.

Não há dúvida que este rol de penalizações afecta profundamente o Sangalhos, marcando com sinal negro o final de uma temporada que fora de grande brilhantismo para a turma basquetebolística mais representativa da Bairrada.

Futebol à torreira do Sol

Ainda há jogos oficiais, nesta altura do ano. Amanhã, pelas 16 horas, têm lugar o encontro Famalicão-Beira Mar (para apuramento do campeão da 2.ª Divisão) e o embate Juventude-Alfaiades de Lordelo (que conta para a «liguilha»). Por seu turno, para se encontrar o titular da 3.ª Divisão, dois espectáculos previstos: Salgueiros-Aves e Sarilheira-Caldas.

Também se processa (pelas 11 horas, em Tomar) a final do torneio de juvenis. Oponentes: as formações do Vitória de Setúbal e dos «Cracks de Lamego».

JUNIORES NA FINAL

Pelas 17 horas, no Estádio da Tapadinha, processa-se a final do torneio «Alfredo Teixeira Moreira», confrontando-se as formações de juniores do Sporting e do Vitória de Setúbal.

SALÃO

Esta noite (23 horas) no campo do Futebol Benfica, jogam as turmas dos Leais Amigos e do Bairro das Cruzes, na final de um torneio de futebol em Salão.

INICIADOS

DE BRAÇO DADO

Realiza-se amanhã, no campo dos Penedos, em Gatões, a jornada final do «Torneio Amizade-78», de iniciados. Pelas 9 e 45, para os 3.º e 4.º lugares, jogarão as equipas do Gatões e de Figueiró do Campo. Pelas 11 e 15, é a final do torneio entre as equipas da Praia da Leirosa e do Grupo Desportivo Sourense.

SPORT LISBOA E BENFICA

Em assembleia geral extraordinária, a realizar, a partir das 15 horas de hoje, no Estádio da Luz, os sócios do Benfica irão responder à proposta, que reuniu um elevado número de assinaturas, para que o clube possa vir a ter jogadores estrangeiros de futebol nas suas fileiras.

Há duas correntes em oposição, desconhecendo-se qual levará a melhor.

PAÇOS DE FERREIRA TEM ORIENTADOR

António Jesus (ex-futebolista do Varzim) é o novo técnico do Paços de Ferreira.

DINHEIRINHO PARA KEMPES

O argentino Mário Kempes poderá vir a receber uma boa maquia do Valencia, se adquirir a nacionalidade espanhola. A vedeta do último Campeonato do Mundo receberá 40 milhões de pesetas (mais de 20 mil contos) por obter a dupla nacionalidade.

LUQUE ABRE A BOCA

O Dortmund, da 1.ª Divisão de futebol da Alemanha Federal, está interessado no concurso do avançado centro argentino Leopoldo Luque. Um intermediário do jogador pediu ao clube alemão 750 000 dólares (quase 34 milhões de escudos), pelo dianteiro da selecção argentina, soma considerada «excessiva».

ITÁLIA PREPARA-SE

Conquistado o 4.º lugar no Campeonato do Mundo, a Federação Italiana de Futebol elaborou já um calendário de jogos de preparação da equipa transalpina para a fase final do Campeonato da Europa, que se disputará na Itália daqui a dois anos. A Itália, na sua qualidade de país organizador, está já apurada para esta fase final.

De acordo com o esquema da Federação, a equipa italiana fará os seguintes seis jogos de carácter particular na temporada de 1978-79: 20 de Setembro 1978 — Itália-Bulgária; 23 de Setembro 1978 — Itália-Turquia; 8 de Novembro 1978 — Checoslováquia-Itália;

20 de Dezembro 1978 Itália-Espanha; 20 ou 25 de Fevereiro 1979 Holanda-Itália; 13 Junho 1979 Jugoslávia-Itália.

EM ESPANHA

Os futebolistas argentinos Alberto Tarantini (que no domingo passado foi campeão do mundo) e Jorge Lopez, viajam para Espanha a fim de tratarem do seu futuro — revelaram fontes desportivas de Buenos Aires. Lopez, do «Argeninos Juniores», já se encontra em Espanha acompanhado do presidente do seu clube, Prospero Soli, para negociar os trâmites finais da sua transferência para o Burgos. Por seu turno, Tarantini viaja amanhã para contactar com os dirigentes do Zaragoza, com os quais, aliás, está de acordo para um possível ingresso no clube. Tarantini, que está livre (depois de ter abandonado o «Boca Juniors»), afirmou ao matutino argentino «Diario Popular» que «pretende abandonar a Argentina para se fixar nos Estados Unidos ou Espanha».

O TRAÇO DE PARGANA



Agostinho e Martins discretos no 'Tour'

O holandês Jan Raas, ao vencer o primeiro troço da etapa de ontem da Volta à França em Bicicleta, tornou-se «camisola amarela», com um segundo de vantagem sobre o belga Freddy Maertens. Joaquim Agostinho foi 55.º no troço da manhã e integrou-se no pelotão da frente no troço vespertino, ocupando na classificação geral o 45.º lugar, com mais um segundo do que o «camisola amarela». José Martins entrou com o pelotão no segundo troço, mas atrasou-se no primeiro, ocupando o 78.º lugar, com 18 segundos a mais.

O único acidente verificado nesta etapa, para além das médias elevadas em ambos os troços, ocorreu de manhã, quando uma queda envolvendo cinco ciclistas obrigou o espanhol Andaino, da Kas, a desistir. Andaino foi internado num hospital, com uma clavícula fracturada.

As classificações dos dez primeiros de cada troço e na geral são as seguintes:

PRIMEIRO TROÇO: 1.º, Jan Raas, 3.24.21; 2.º, Freddy Maertens, 3.24.22; 3.º, Jacques Esclassan; 4.º, Gerben Karstens; 5.º, Jean-François Pescheux; 6.º, Jean-Louis Gauthier; 7.º, Sean Kelly; 8.º, Pierre Bazzo; 9.º, Yvon Bertin, todos com o mesmo tempo do 2.º.

SEGUNDO TROÇO: 1.º, Walter Planckaert, 2.22.14; 2.º, Freddy Maertens; 3.º, Jean-François Pescheux; 4.º, Klaus-Peter Thaler; 5.º, José

Suárez-Cuevas; 6.º, Jacques Esclassan; 7.º, Jacques Bossis; 8.º, Yvon Bertin; 9.º, Willy Teirlinck; 10.º, Jan Raas, todos com o mesmo tempo do vencedor.

GERAL: 1.º, Jan Raas, 5.46.35; 2.º, Freddy Maertens, 5.46.36; 3.º, Walter Planckaert; 4.º, Jean-François Pescheux; 5.º, Jacques Esclassan; 6.º, Yvon Bertin; 7.º, Jacques Bossis; 8.º, Jean-Louis Gauthier; 9.º, Thaler; 10.º, Willy Teirlinck, todos com o mesmo tempo do segundo classificado.

FÉRIAS 1978

COSTA VERDE

ESTÁDIAS DE 1 SEMANA

Desde 1.925 escudos, por pessoa, são as condições especiais que o

HOTEL DO PARQUE VIANA DO CASTELO

oferece para as suas férias de 2.º ano.

Peça-nos programa detalhado e faça a sua reserva através dos telefones 24151.5 ou no seu agente de viagens

PRECISA-SE TIPOGRAFO

compositor manual. Tipografia Dias Godinho, Marinha Grande.

ÉVORA

Terminou Primeiro Festival de Teatro Amador

Com a representação da peça «O Velho da Horta», de Gil Vicente, pela Companhia de Teatro do Centro Cultural de Évora, terminou hoje o I Festival de Teatro Amador «Caminhada».

Com organização a cargo da Delegação Regional de Évora, do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ) e da Casa da Cultura da Juventude de Évora, o festival «Caminhada» iniciou-se no passado dia 2 e teve como objectivo a descentralização dos grupos amadores do distrito e o melhor aproveitamento cultural.

Nas conclusões finais, apresentadas após a sessão de encerramento, considera-se que «com as condições humanas e verbais de que a organização dispôs, este festival foi um êxito».

Salientando a forma como

os grupos e a organização, ajudando a eleger boas relações humanas, se comportaram, «dentro de um espírito de militância pelo teatro», as conclusões adiantam que o público assistente a todos os espetáculos se cifrou em cerca de três mil pessoas, o que significa um número «bastante interessante».

Quanto às condições para a realização de festivais futuros, considera-se dever existir, por parte das entidades locais, onde os espetáculos são realizados, «maior motivação, participação e produtividade».

Ao mesmo tempo, a organização do festival propõe a formação da «Comissão Regional de Évora do Teatro Amador» (CRETA), com vista a «unificar esforços e coordenar iniciativas» que levem à dinamização e criação de grupos de teatro amador.

Portalegre já tem telefone directo

Foi inaugurado, meia-noite de ontem, o serviço automático telefónico na rede de Portalegre.

Para o efeito foi montada, em edifício recentemente construído naquela cidade, uma estação automática de selectores de coordenadas com capacidade para 2800 linhas, o que vai permitir satisfazer todas as requisições de telefones pendentes na mesma rede. Foi, ao mesmo tempo montada uma estação interurbana automática terminal.

Assim, e a partir da data in-

dicada, os assinantes de Portalegre poderão não só estabelecer comunicações telefónicas automáticas entre si, mas também com outras redes do País já beneficiando de igual serviço, conforme indicações constantes da lista telefónica suplementar oportunamente distribuída e de anúncios que vão ser divulgadas através da Imprensa.

Os investimentos com estes trabalhos, que se integram no plano de automatização da rede telefónica nacional, atingiram cerca de 40 000 contos.

"Alabarda" faz ligação entre as ilhas dos Açores

PONTA DELGADA, 1 — Na próxima semana, é esperada em Ponta Delgada a lancha de desembarque «Alabarda», que sob o comando do primeiro-tenente Mário Ciriaco Soares Sousa vem prestar apoio ao transporte logístico entre as diversas ilhas dos Açores.

Encontra-se já no arquipélago o draga-minas «S. Roque», que sob o comando do capitão-te-

nente Carlos Fernando Calhau Feitoria efectua durante o Verão diversos trabalhos de demolição de rochas e de baixios.

Os trabalhos do «S. Roque», com o auxílio de uma secção de mergulhadores-sapadores, começam pelos acessos aos portos de Fajã Grande e Lajes, ambos nas Flores, prolongando-se por S. Jorge, Graciosa e outras ilhas.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO AS 09.00 H.	
Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco e havia neblina em alguns locais.	
TEMPERATURAS DO AR	
V. DO CASTELO	21°
B. GANÇÂ	16°
V. REAL	19°
PORTO	18°
P. DOURADAS	14°
COIMBRA	19°
PORTALEGRE	21°
LISBOA	19°
ÉVORA	18°
SINES	19°
BEJA	19°
S. AGRES	17°
FARO	21°
P. DELGADA	18°
FUNCHAL	18°

TEMPERATURAS EXTREMAS	
F. DE C. RODRIGO	
Máxima	27,5°
MONTALEGRE	
Mínima	9,5°

MARÉS DE HOJE			
PREIA-MAR	BAIXA-MAR		
0.00	3,5 m	5.53	1,4 m
12.31	3,6 m	18.23	1,4 m
DIA 2			
0.54	3,5 m	6.37	1,4 m
13.19	3,7 m	19.06	1,3 m
DIA 3			
1.41	3,6 m	7.16	1,3 m
14.02	3,8 m	19.45	1,3 m
PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ			
Céu geralmente limpo; vento fraco soprando durante a tarde moderado de Norte na Faixa Costeira a Sul do Cabo Carvoeiro; pequena subida de temperatura.			
			
NASCER AS 6.16 OCASO AS 21.05			
			
DIA 5 DIA 13 DIA 20 DIA 26			

Álvaro Cassuto dirige hoje a orquestra sinfónica da RDP num concerto que, às 17 horas, se realiza no Teatro Municipal de São Luiz. Será solista Vasco Barbosa, violinista, que interpretará obras de Wagner, Schubert e Luís de Freitas Branco.

Os cem anos de Laranjo Coelho serão amanhã evocados com uma homenagem prestada pelo Município de Castelo de Vide, a que se associa a Academia Portuguesa de História, da qual o homenageado foi presidente. Laranjo Coelho, falecido há dez anos, foi conservador da Torre do Tombo e deixou uma valiosa biblioteca.

Se gosta de jazz e está no Porto vá hoje, às 22 horas, à sala de espectáculos da Cooperativa do Povo Português onde o grupo lisboeta «Magikyce» apresenta um concerto.

Como ler braille por banda magnética será hoje explicado na Biblioteca Nacional, onde as Associações Luís Braille e da Liga de Cegos João de Deus promovem uma exposição dos aparelhos «dígicassetes».

Roteiro Cultural

Sobre a qualidade de vida falará Helena Neves, às 17 horas, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, integrada no ciclo «Espaço e modo de vida».

Festa de Cabo Verde e Guiné, para assinalar o 3.º aniversário da República de Cabo Verde, amanhã, às 16

horas, nas instalações da Associação de Cabo-verdianos e Guineenses, com a participação de estudantes daquele país.

Quem está em Viseu ou lá vive, pode ver a partir de hoje uma exposição de pintura do artista Henrique Tavares, a inaugurar esta tarde na sala da Comissão de Turismo da Câmara Municipal daquela cidade.

Leve os seus filhos a ver «Histórias de Hakim», hoje, no Teatro António Pedro, no Porto, pela Companhia do Teatro Experimental do Porto,

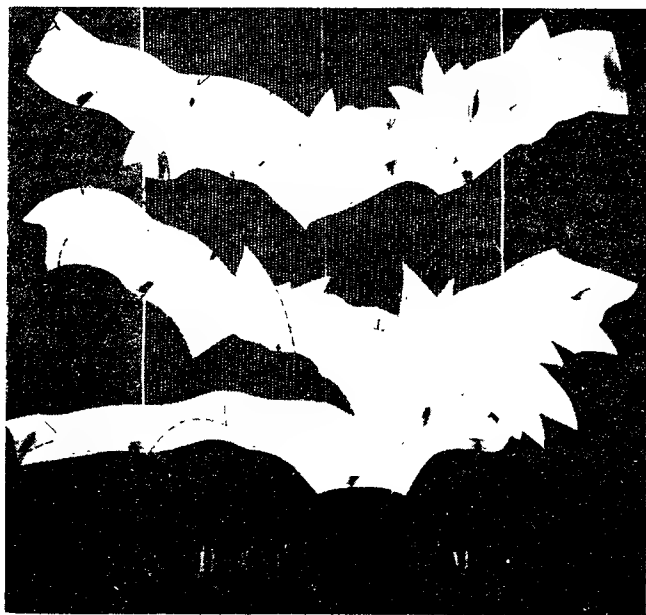
com encenação de Jorge Pinto e cenários do escultor José Rodrigues.

As bandas filarmónicas de Coimbra efectuem hoje uma série de concertos no parque da cidade, numa iniciativa da Casa da Cultura da Juventude de Coimbra com o apoio do Município e do FAOJ, que visa despertar o gosto pela cultura musical em espaços abertos.

Rock em Vale de Cambra é aliciente para quem hoje se encontra em Aveiro e pode deslocar-se àquela localidade para ouvir, pelas 16 horas, um concerto que promete animação.

A exposição de arte portuguesa contemporânea integrada no ciclo de actividades culturais «Nordeste-78», que percorrerá diversas cidades e vilas do Norte do País, está agora patente ao público no salão nobre da Câmara Municipal de Vila Real. De notar que somente metade da colecção foi exposta, devido à falta de instalações para ser apresentada na íntegra.

Um acontecimento cultural é a expressão de Manuel Baptista que a partir de segunda-feira estará aberta ao público na Galeria 111, ao Campo Pequeno. A mostra constará de 23 quadros, colagens de tela sobre tela, e poderá ser vista e apreciada até próximo do fim do mês.



Um dos 23 trabalhos de Manuel Baptista

rádio

1.º Programa

18.00: Parte do espectáculo dos «100 Anos de Gravação Sonora», realizado no Coliseu dos Recreios; 19.30: Orquestras; 20.00: Jornal da noite; 20.30: Música variada; 21.00: 35.º episódio do folhetim «O Primo Basílio», de Eça de Queiroz, numa adaptação de Judite Navarro; 21.20: Contaponto; 24.00: Último jornal; 00.20: Jazz; 00.30: Conjuntos; 01.00: Som na madrugada.

2.º Programa

16.00: Ópera; 18.15: A gravação dos trabalhos de câmara; 19.30: «Tristão», suite para orquestra, de Jef Maes; 20.00: Poema sinfónico; 21.00: Ciclo Georges Enescu (6.º programa); 22.00: Concerto pelo Grupo de Metais de Lisboa; 22.23: Quinteto n.º 3, em sol menor, K. 516, de Mozart; 23.00: Intercâmbio musical; 23.50: Obras de Tchaikovsky; 01.00: Fecho.

3.º Programa Nacional e Regional (294m)

18.00: Vertical; 18.20: Prevenção e saúde, pelo dr. José Matildes; 18.40: O caso da semana, por Silva Pires; 19.05: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; 20.15: Top vertical; 21.05: Quando o telefone toca; 22.00: Suplemento — hóquei em patins, relato do jogo Oeiras-Voltegrá; 23.30: Quando o telefone toca; 24.00: Suplemento (continuação); 00.05: Suplemento desportivo, por Jorge Schnitzer; 00.15: Dia a dia com o passado; 00.30: Enciclopédia, por Francisco Mata; 01.05: Tempo internacional; 02.00: Fecho.

3.º Programa Local (187.5m)

16.00: Convite; 18.00: Compasso; 18.15: Sal e pimenta (repetição); 19.03: Implacável, por Carvalho Ramos; 20.40: Serviço de agenda; 21.00: Fecho.

4.º Programa

Emissão Total em Estereofonia

16.00: Gong; 19.00: Em órbita; 20.00: Fórum, realização de Jorge Lopes; 22.00: Auditório; 00.00: Prisma, realização de Fernando Quinas; 02.00: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

18.08: Apelo; 18.15: Aoencontro da palavra; 18.30: Transmissão do terço (Porto); 19.00: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; 20.00: Objectivo; 20.53: Apelo; 21.05: Pentagrama; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas vivos; 23.30: No mundo do trabalho; 23.55: Fecho.

palavras cruzadas

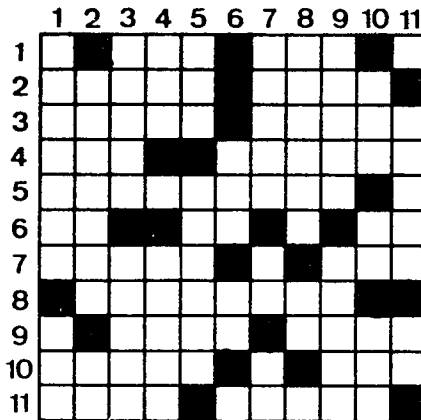
COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12078

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Virtude. Ecoa.
- Adeja. Cantiga.
- Vaguear. Freguesia do concelho de Belmonte.
- Grande quantidade. Tapume.
- Misturaram.
- Vossa Alteza. Alternativa. Cério (s.q.).
- Em má hora (ant.). Soa.
- Tornado morno.
- Jarro (planta). Vegetação normal dos campos e lameiros.
- Cidade de França. Pronome pessoal.
- Luz da Lua. Faz serão.

VERTICAIS:

- Realizava. Desgraça.
- Perfumara. Estréito de desmoronamento.
- Capricho. Poisa no mar (o avião).
- Epoca. Habitar.
- Oceano. Ecoaras.
- Cidade de França. Em o.
- Extrair. Bano (s.q.). Crença.
- Rogaram. Oferta.
- Encolizem. Regresso.
- Clandestine (inv.). Cobalto (s.q.).
- Passa rapidamente.
- Que e do ar. Campeão.



Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

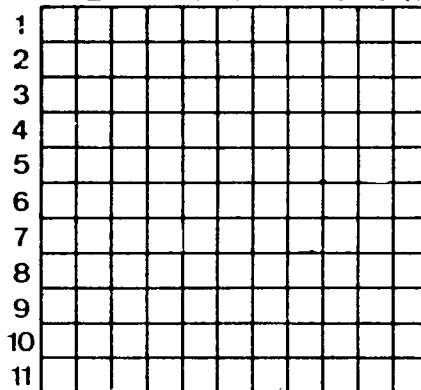
NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8138

HORIZONTAIS:

- Mulher casada. Preposição.
- Vais para fora. Ratem.
- Planta Têxtil do Ceará. Frota.
- Prefixo que designa ar. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
- Rio da Suíça. Espaço de doze meses.
- Causas amargura a.
- Lodos. Vi.
- O mesmo que aleia. Batera.
- Em mais alto grau. Enguia. O sono das crianças.
- Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Apalavam.
- Cura. Cidade do Japão.

VERTICAIS:

- Foge do perigo. Patrões.
- Cure. Península da Indochina, situada ao S. do continente asiático, entre o mar da China e o mar das Índias.
- Mais mal. Lavrei.
- Sufixo que designa abundância. Corda para enlaçar os chifres dos touros (Ribat).
- Extensão de terra cercada de terra.
- Arara. Camponês.
- Agora. Rezas.
- Carta de jogar. Quarto interior de dormir.
- Meteria em mala. Antes de Cristo.
- Em a. Cidade de Itália.
- Animais da classe dos acari-deos. Preposição e artigo.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12077

HORIZONTAIS:

- Mã. NUNCA DE.
- Areal. Riscos.
- Samarra.
- Aba. Novas.
- Re. Coram.
- Cás.
- Osos Biscar.
- Altoara.
- Eixe. Taba.
- Mala. Asaro.
- Raso. Be. Si.

VERTICAIS:

- MA. ARVORE
- Arabe. Imã
- Coaxas
- Nas. Castelo
- Ulanos.
- Mor. BOM
- Cravana. Ea
- Airam. Sras
- Srs. Acabas
- Doa. Ari
- Es. FRUTO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8137

HORIZONTAIS:

- Ares. Cor. Ba.
- Amada. Acre
- Aspa. Rata.
- Aviãsse.
- Ode. Após.
- Adido. Am.
- Acorra. Fria
- la. Ais. Lama
- Srs. Eu. Ar
- Petronio
- Mama. Saros

VERTICAIS:

- As. Cais
- Ras. Carpa
- Empadão. Sem
- Saavedra. Ta
- Iriar
- Carradas. Os.
- Apso. Ena!
- Ratão. Fluir
- Cassara. Oó
- Br. Mina
- Aereo. Aaro

Provérbio: NUNCA DE MÁ ARVORE, BOM FRUTO

Programas

Lisboa

TURNO 18

Até às 22 horas

AGUIAR — Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A. Tel. 764629-768343.
ALAMEDA — Alameda das Linhas de Torres, 201-B. Tel. 790942. **ANUNCIADA** — R. do Vigário, 74. Tel. 886360. **BRANCO** — Av. Duque de Loulé, 61-65. Tel. 45048. **CHINDE** — Rua Agostinho Lourenço, 6-B. Tel. 890331. **DALVA** — Av. Duque de Ávila, 125. Tel. 45225. **DELÍO** — R. Acores, 32. Tel. 572388. **EUROPA** — Av. General Roçadas, 27-A-B. Tel. 843880. **EUSIL** — Rua Barão de Sabrosa, 104. Tel. 841912. **FERRÃO** — Rua da Mouraria, 12. Tel. 860464. **FIN-DOR** — Rua D. Maria Pia, 514. Telef. 687949. **GUERRA** — Rua Andrade, 32-36. Tel. 845513. **GALENO** — Av. Oscar Monteiro Torres 38-A. Tel. 774920. **HILGILUZ** — Rua de Pedrouços, 50-52. Telef. 610280. **JANEIRO** — Av. Álvares Cabral, 100. Tel. 661453. **LIBERAL** — Av. da Liberdade, 219. Tel. 43641. **LÍBIA** — Av. da Igreja, 4-B-C. Tel. 891681. **LUPI NOGUEIRA** — Rua da Creche, 4-10. Tel. 631631. **MADRE DE DEUS** — Rua da Margem, 15-B. Tel. 382470. **MARQUES** — Estrada de Benfica, 648. Tel. 700096. **REBOCHO** — Rua Ten.-Coronel Ribeiro dos Reis, 12-B. Telef. 743871. **RODRIGUES & AIRES** — Rua da Lapa, 52-54. Tel. 662246. **SAGRES** — Av. Luis Bivar, 69-71. Tel. 547213. **SALUTAR** — R. B. 75-A-B. (B. Liberdade). Tel. 683694. **URBANO FREITAS** — Rua Silva Carvalho, 1-9. Tel. 662838. **VERITAS** — Rua da Misericórdia, 135. Tel. 327564-327563. **ZEMA** — Rua General Justiniano Padrel, 21. Tel. 832580. **ZIRA** — P. Casas Novas, Lote 66. (B. Encarnação). Tel. 311216-310172.

Permanente

DALVA — Av. Duque de Ávila, 125. Tel. 45225. **BRANCO** — Av. Duque de Loulé, 61-65. Tel. 45048. **EUROPA** — Av. General Roçadas, 27-A-B. Telef. 843880. **EUSIL** — Rua Barão de Sabrosa, 104. Tel. 841912. **FERRÃO** — Rua da Mouraria, 12. Tel. 860464. **JANEIRO** — Av. Álvares Cabral, 100. Tel. 661453. **MARQUES** — Estr. de Benfica, 648. Tel. 700096. **LUPI NOGUEIRA** — Rua da Creche, 4-10. Tel. 631635. **SAGRES** — Av. Luis de Bivar, 69-71. Tel. 547213. **ZIRA** — P. Casas Novas, Lote 66. Tel. 311216-310172.

NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

Outra Banda

ALMADA — Nuno Álvares — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39. Tel. 2750504. **COVA DA PIEDADE** — Atlântico — Av. Rainha D. Leonor, 45-A. Tel. 2764466. **LARANJEIRO** — Feijó — Rua Borges Rego, 7. Tel. 2499011. **COSTA DA CAPARICA** — Higienica — Av. da República, 23. Tel. 2400020. **SESIMBRA** — Leão — Av. da Liberdade, 13. Telef. 2233471. **BARREIRO** — Picarra — Av. do Bocado, 65-A. Tel. 2074771. **Mascarenhas Neto** — Rua Almeida Garrett, 1. Tel. 2076454. Até às 19 horas. **SEIXAL**

— Soromenho — Rua Paiva Coelho, 38. Tel. 2218560. **MONTUJO** — Diogo — Rua Almirante Reis, 50. Tel. 2310032. **MOITA** — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga, Tel. 239025. **ALHOS VEDROS** — Gusmão — Rua Cândido dos Reis, 30. Tel. 204020. **ALCOCHETE** — Gameiro — Largo António dos Santos Jorge, 15. Tel. 234100.

Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Av. Combatentes G. Guerra, 166. Tel. 2113953. **CARCVELO** — Central — Até às 24 e das 0 às 9 horas. **PAÇO DE ARCOS** — Godinho — Av. Patrao Lopes, 4. Tel. 2432039. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **OEIRAS** — Central — Rua Conde Ferreira, 29. Tel. 2430058. Até às 24 horas. **PARADE** — Brandão — Av. da República, 77-C. Tel. 2471054. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **PARADE** — Junqueira-Mendes — Até às 21 horas. **MURTAL** — Primavera — Rua das Parreiras, 2. Tel. 2472278. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **AMOREIRA** — Amoreira — Tels. 262313-267314. Até às 22 horas. **CASCAIS** — Nova — Estr. de Alvide, Fontainhas. Tel. 281044. Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA — Flama — Rua Elias Garcia, 78-B. Tel. 932485. Permanente. **Igreja** — P. da Igreja, 22-A. Tel. 937740. Até às 22 horas. **DAMAIA** — Lemos — Rua de Goa, 21-A. Tel. 971121. **QUELUZ** — Zeller — Rua da República, 83. Tel. 950045. **CAMARATE** — Nova — Rua Cidade Lisboa, 94. Tel. 2518726. **CACÉM** — Central — Rua Elias Garcia, 55. Tel. 294554. **MEM MARTINS** — Quilma — Estr. de Mem Martins, 285. Tel. 2910012. Até às 24 horas. **MERCES** — Claro Russo — Permanente. **RIO DE MOURO** — Riomouro — Av. Oscar Mont. Torres, 8. Tel. Até às 23 horas. **SINTRA** — Gomes da Silva — (Portela). Permanente. **COLARES** — Abreja — Tel. 299088.

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

NACIONAL — Rua Senhora da Luz, 156. Foz. Tel. 680833. **S. DINIS** — Rua de S. Dinis, 428. Tel. 482281. **SOEIRO** — Rua de Santos Pousada, 71. Tel. 51370. **VITALIA** — Praça da Liberdade, 34. Tel. 24133. **ALBERTO FERREIRA** — Rua da Estação, 100. Tel. 51302. **ANTERO DE QUEENTAL** — Rua Antero de Queental, 520. Tel. 485048. **HERCULANO** — Rua Alexandre Herculanio, 384. Tel. 27948.

(De dia e toda a noite)

BOAVISTA — Rua da Boavista, 601. Tel. 25443. **ANTUNES** — Rua do Bonjardim, 485. Tel. 27936. **COSME** — Rua de Costa Cabral, 584. Tel. 481511. **PEREIRO** — Rua da Preciosa, 35. Tel. 681027.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

STA. CRUZ — Rua das Padeiras, 94. Tel. 23569.

ABCINE

803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A — As 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.30 horas
007 ORDEM PARA MATAR
 Não acons. men. 13 anos
SALA B — Não acons. men. 13 anos
 As 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
ANNIE HALL
 Com Woody Allen

ALVALADE

897480

Av. de Roma

Hoje e amanhã às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas
VIVA KNEIVEL
 Com: Evel Knievel, Gene Kelly, Lauren Hutton, Red Buttons
 Colorido — Não acons. men. 13 anos

APOLO

763319

Av. Julio Dinis, 10-A 4ª semana
 As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
 A obra prima do cinema alegre!

HÁ FESTA NA ALDEIA
 Hoje às 23.30 horas — (18 anos)
CABARET
 Amanhã às 11.00 horas — Para todos — Manhã infantil —
AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA

AVIS

547163

Av. Duque D'Ávila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30 horas
 Não acons. men. 13 anos
VIVA KNEIVEL
 Evel Knievel, joga os seus nervos de aço e as suas rodas num desafio impossível!

BERNA

776098

Av. Marques de Tomar

Hoje às 15.00, 18.00 e 21.15h
 Peter O'Toole, George C. Scott, Richard Harris em
A BÍBLIA
 um filme de John Huston
 Technicolor
 Não acons. men. 13 anos — 70m/m

CALEIDOSCOPIO

795093

Campo Grande

Sessões às 14.00, 17.30 e 21.00h
DOCTOR JIVAGO
 Omar Sharif, Geraldine Chaplin, Julie Christie
 um filme de David Lean
 Technicolor
 Não acons. men. 13 anos

CASTIL

580194

Rua Castilho

15.30, 18.30, 21.30
 Uma comédia alucinante de Peter Bogdanovich, com Barbara Streisand e Ryan O'Neal
QUE SE PASSA DOUTOR?
 (What's up, doc)
 Não acons. men. 13 anos
 Agora em versão integral

CINEBOLSO

573407

Rua Actor Taborda, 27-B
 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
 As dnres fénas de uma inocente jovem de 16 anos
FELICIA
 Interdito a menores de 18 anos
 As 24 horas — Grupo C 14 anos
O FILHO
 Com: Yves Montand, Lea Massari

CINE-CITY

Rua Tomas Ribeiro, 34 3ª semana
 As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
 Int. men. 13 anos
O GOSTO DA AVENTURA
 As 23.45 horas
POR FAVOR NÃO ME MORDAM O PESCOÇO
 Amanhã às 23.45 — Int. men. 18 anos
O BAILE DOS BOMBEIROS

CONDES

322523

Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30h
ADEUS AMIGO
 com Bronson-Delon
 Int. men. 13 anos

DOIS MIL

2100055

Av. Bombeiros Voluntários Lote 113 — Algés

As 15.30, 18 e 21.30 horas
OS DOIS MAGOS DA BOLA
 Não acons. men. 13 anos

D. JOÃO V

971794

Praça Centro Comercial — Damaia

As 16 e 21.15h — M. 6 anos
 — Comédia —
HERBIE NO RALLY DE MONTE CARLO
 As 23.45h — Não acons. m. 18 anos
LINGUAGEM DO AMOR N.º 2
 — A vida sexual —

EDEN

320768

P. dos Restauradores, 21

As 14, 16.30, 19 e 21.30h
AS AVENTURAS BREJEIRAS DE TOM JONES
 Não acons. men. 18 anos
 Hoje às 00.30 horas — (18 anos)
 — Kung Fu à meia-noite —
5 INDOMÁVEIS PATIFES

ESTUDIO

555135/5

Al. Afonso Henriques, 35

Estreia às 15, 17, 19 e 21.30 horas
 Int. men. de 18 anos
 O assassino é a sua religião
 E tudo o que verá é a realidade!
O CASO SHARON TATE

ESTUDIO 444

779095

Av. Defensores de Chaves, 83

As 15.30, 18.30, 21.30 e 24 horas
A NOITE DE IGUANA
 Um filme de John Huston baseado no célebre romance de Tennessee Williams
 Com: Richard Burton, Ava Gardner
 Filme de qualidade
 Comis. Classif. Espectáculos
 Não acons. menores 13 anos

EUROPA

661016

R. Almeida — Sousa, 35

As 15.15 e 21.30 horas — Para todos
 A gastronomia do riso servido em doses duplas!
O GRANDE RESTAURANTE
 Louis de Funès e Bernard Blier
 Hoje e amanhã às 24h — Gr. B 10 anos
 — Sessões da meia-noite —
A QUEDA DO IMPERIO ROMANO
 Sophia Loren, Stephen Boyd

IMPERIO

555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Estreia as 15.15, 18.30 e 21.30 horas
 Int. men. de 18 anos
 Bekim Femi, Curd Jurdens, Rossana Schiaffino em
CAGLIOSTRO
 um filme de Daniele Pattinari

LONDRES

801313

Av. de Roma, 7-A

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h
 Não acons. men. 18 anos
JULIA
 6ª semana
 Com Jane Fonda

MONUMENTAL

555131

P. Duque de Saldanha

As 15, 18.15 e 21.30 horas
SINBAD E O OLHO DO TIGRE
 Não acons. men. 13 anos

MUNDIAL

538743

R. Martens Ferrao, 12-A

15 e 21 horas
 2ª semana
CLEOPATRA
 em 70 m/m
 Elizabeth Taylor, Richard Burton, Rex Harrison
 Não acons. m. 18 anos
 O filme começa a projectar-se logo após o início das sessões

NIMAS

574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

15, 18 e 21.15 horas
NASHVILLE
 de Robert Altman
 Int. menores de 13 anos

NOVOCINE

840678

Av. General Roçadas, 7

Hoje e amanhã às 15.15 e 21.15h
CASSANDRA CROSSING
 Com: Burt Lancaster e Sophia Loren
 Não acons. men. 18 anos
 Hoje às 00.15h — Int. men. 18 anos
 Constantemente em busca de sexo!
LACOS ESCALDANTES

ODEON

326283/4

R. Condes, 12 a 20

As 15.15, 18.15 e 21.15 h
 Não acons. men. 13 anos

DUAS ALMAS — DOIS DESTINOS

Com Rasesh Khanna
 Amitabh Bachchan e Rekha
 (filme e projectado no início da sessão)

OLYMPIA

325309

Rua Condes, 11 a 23

Sessões continuas a partir das 14.00 horas
RELAÇOS ESCALDANTES
 Cont. cen. event. chocantes
 Int. a men. 18 anos

PATHE

821933

R. Francisco Sanches, 122

As 14, 16.30, 19 e 21.30 h
 Sadhana, Sanjay, Balraj Sahni em
O FILHO DO PECADO
 um filme de Devendra Goel
 Eastmancolor
 Não acons. m. 13 anos

POLITEAMA

326305

R. Portas de St.º Antão

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30 horas
O VINGADOR SOU EU
 C. Robert Wood
 Não acons. men. 18 anos

QUARTETO

771378

R. Flores do Lima, 16

SALA 1 — As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23 horas
 N. ac. m. 18 anos
BONNIE E CLYDE
SALA 2 — As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 horas
 Int. men. 18 anos
A MULHER, O CORPO E O ESPÍRITO
 Real. Gilles Carle
SALA 3 — As 15, 17, 19, 21 e 23 h
OH, SERAFINA!
 N. ac. men. 18 anos
SALA 4 — As 15, 17, 19, 21 e 23 h
CONTOS IMORAIS
 Int. men. 18 anos

RESTELO

810375

Av. Torre de Belém

As 15, 18.15 e 21.30 horas
 Não acons. men. 18 anos
OS CAVALEIROS DO CEU
 Em 6ª semana
 Com: James Coburn, Susannah York, Robert Culp e Charles Aznavour
 As 00.15 horas — Int. men. 18 anos
DOCES PENETRAÇÕES

ROMA

887778

Av. de Roma, Lote JRB

Hoje e amanhã não há espectáculos
 2ª feira — continua a exibição de —
RAIVA NOS OLHOS

ROXY

548560

Av. Almirante Reis, 20

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 horas
OS MAIS SELVAGENS DO OESTE
 Com: Lee Marvin e Charles Bronson
 Int. men. 13 anos

SÃO JORGE

579144 - 579344

Av. da Liberdade, 175

As 15.15, 18.15 e 21.30
 3ª semana
 Spencer Tracy e Mickey Rooney
O MUNDO MALUÇO
 A Comédia louca de Stanley Kramer
 Grupo B — 10 anos

SATÉLITE

562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

15, 17, 19 e 21.30
 Não acons. men. 13 anos
SORRISOS DE UMA NOITE DE VERÃO
 com Ulla Jacobsson e Harriet Andersson
 N. B. — Projectação do filme cinco minutos após o início do espectáculo

STAR

804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

3ª semana
 As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
 Int. men. 13 anos
 Uma comédia deliciosa
O GOSTO PELA AVENTURA
 Michel Piccoli, Sylvia Kristel e Gerard Depardieu

TERMINAL (CINE-ESTUDIO)

37*573

Estação do Rossio

As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h
NÃO HA DOIS SEM TRÊS
 11ª semana
 Richard Dreyfuss
 Não acons. men. 13 anos

TIVOLI

570595



RENASCENÇA GRAFICA S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO 185-1
TELEFONES 66431/2/3
REDAÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS
TECNICOS: RUA LUZ SORIANO 44
TELEFONES 321154-5, 322717/2-3
32229, 32781/2
SERVIÇO DE NOITE (DEPOIS DAS 21)
PORTO 321154, PUBLICIDADE 368740
MENSAGENS GRAVADAS 320229
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOA, TELEX 12363
LISBOA - PORTUGAL

"Goze as suas férias — o resto é connosco" diz a PSP

Com o «slogan» «Goze as suas férias... o resto é connosco», a Polícia de Segurança Pública iniciou hoje uma campanha de segurança visando especialmente a protecção das casas abandonadas durante o período de férias.

Numa conferência de Imprensa realizada ontem no Comando-Geral, os majores Aparício e Borges anunciaram que este ano, antes de partirem para férias, as pessoas deverão dirigir-se à esquadra mais próxima e declarar o número e o tipo de objectos de valor que deixam em suas casas.

Recorde-se, a propósito, que o ano passado foram vigiadas, no quadro desta campanha, cerca de 60 mil casas. Este ano, esse número será consideravelmente maior dado que a referida campanha abrange pela primeira vez o concelho do Porto.

Franco Nogueira — o mais lido nos Açores

PONTA DELGADA, 1 — O livro de Franco Nogueira sobre Salazar foi o mais vendido na última semana, nos Açores, de entre todas as obras editadas no continente.

Entretanto, duas obras de poesia de jovens autores açorianos são as que na segunda quinzena do mês mais se têm vendido em Ponta Delgada: «Emoção», de Eduardo Bettencourt Pinto, e «Chamas na noite», de Brites Araújo.

Outra obra de temática regional muito vendida nas últimas semanas tem sido «Esboço histórico dos Açores», de Francisco Carreiro da Costa.

GRANDE CIRCUITO de ITÁLIA

maravilhosas viagens de 8 dias

ROMA — ORVIETO — SIENA
S. GIMIGNANO — FLORENÇA
BOLOGNA — RAVENNA
VENEZA — MILÃO

partidas semanais de Maio a Outubro

TUDO INCLUIDO

preços sensacionais



Av. da Liberdade 223 - LISBOA - Tel. 581121
Rua Nova de Almeida 18 - LISBOA - Tel. 581141
Av. da Liberdade 223 - LISBOA - Tel. 581121
Praça da República 1 - LISBOA - Tel. 21331

nome WAT em Portugal

ESCOLA VISCONDE JUROMENHA

Professores suspensos serão reintegrados

Serão já reintegrados na próxima segunda-feira os 71 professores suspensos durante mais de dois meses por uma decisão arbitrária do MEC.

Este levantamento da suspensão foi decidido após uma reunião entre o secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário, dr. Aldónio Gomes, e a direcção do Sindicato dos Professores da Zona da Grande Lisboa. «A vitória dos professores da Escola Preparatória Visconde de Juromenha é a vitória da acção sindical dos professores durante estes dois meses, demonstrando exemplarmente que quando lutamos com firmeza e unidade é possível vencer», afirma o Sindicato em comunicado.

Para além disso, «no que respeita à ilegal nomeação por parte do MEC de um encarre-

gado de direcção, ainda em funções, foi garantido que o Despacho 129/78 se aplica também àquela escola, pelo que se deverão realizar eleições até 15 de Julho».

A direcção do Sindicato, conclui o comunicado, «saúda os professores da Escola Preparatória Visconde de Juromenha pela actuação exemplar de mobilização, unidade e luta que ao longo destes dois meses demonstraram, apesar das condições difíceis em que este processo decorreu. De qualquer modo, este processo não terminou, pois há ilegalidades e foram feitas ofensas graves à dignidade do corpo docente que terão de ser reparadas, pelo que o Sindicato exigiu que o inquérito fosse levado às últimas consequências e punidos os verdadeiros responsáveis

pela situação criada nesta escola, incluindo os que se encontrem dentro do próprio MEC».

O processo na Escola Visconde de Juromenha começou em 26 de Abril e viria a culminar com o encerramento da Escola em 29 de Abril por forças da GNR. Só viria a reabrir em 22 de Maio, mas com a suspensão de 71 professores e a substituição por professores que tinham respondido a um «anúncio».

O encarregado da direcção que para ali foi nomeado provocou também grandes contestações por parte de todo o corpo docente. Mas as eleições até 15 de Julho resolverão também essa «ilegalidade». A Escola Visconde de Juromenha, a partir de segunda-feira, vai voltar à normalidade.

Não há alternativa à política de preços

— afirma Basílio Horta

«Não há alternativa, a nível económico, à política de ajustamento de preços», declarou o ministro do Comércio e Turismo, Basílio Horta, quando usava da palavra num almoço da Associação dos Diplomatas de Lisboa, em que participava como convidado.

O ministro CDS integrou esta afirmação no decorrer de uma breve análise da situação política e económica portuguesa. Quanto ao primeiro aspecto (político), Basílio Horta garantiu que a democracia portue-

sa se consolida a passos largos e que as instituições do País funcionam em clima de tranquilidade e de paz, apesar das naturais «diferenças de pontos de vista políticos».

Reafirmou que, para a recuperação da economia portuguesa, é necessário que Portugal exporte mais e importe menos, nomeadamente produtos alimentares, nos quais despendeu no ano passado mais de 30 milhões de contos, e sublinhou, a propósito do auxílio estrangeiro, que não bastam os

empréstimos para ajudar a resolver o problema económico português, pois também é necessário que o estrangeiro importe mais de Portugal, a par de mais investimentos externos em novos empreendimentos, essenciais para fazer face ao desemprego no País, que considerou realidade preocupante.

O dirigente do CDS explicou ainda que, «apesar de impopulares», as medidas de austeridade que têm vindo a ser decretadas pelo Governo são absolutamente necessárias à recuperação económica.

AINDA O CASO DE JOANE

Processo contra "destruidores" está em fase avançada

PORTO, 1 — De acordo com o juiz do Tribunal de Família, a GNR tinha sido incumbida de zelar pelas pedras da igreja românica de Joane, que fora destruída há meses por «buldozers», não devendo, portanto, ter permitido a remoção, anteontem efectuada, sob a orientação do pároco. Esta informação foi prestada ontem à tarde ao «DL», que na oportunidade tomou conhecimento de que o processo-crime instaurado contra os responsáveis pela destruição da igreja que possuía um fresco do séc. XVI se encontra em fase «bastante avançada».

Ainda segundo conseguimos saber, o tribunal foi informado de que a remoção se traduziu

apenas por um «arrumar as pedras para o lado». Contactada a Câmara Municipal de Famalicão fomos informados por um vereador de que sobre o caso havia apenas conhecimento de um pedido de continuação das obras da igreja nova, o qual será apreciado na reunião do próximo dia 11.

Por sua vez, contactado o posto da GNR de Joane, o respectivo comandante, manifestando pouca lisura, limitou-se a dizer: «Não lhe posso dizer nada porque estava de folga».

Entretanto, através do tenente Santos, do posto de Barcelos, que abrange Joane, conseguimos saber que os trabalhos de remoção pararam quando a GNR chegou ao local e que

os responsáveis incorreram numa desobediência que poderá ser punida se for caso disso. Garantiu-nos, porém, que uma pedra que continha vestígios do fresco estava preservada. Onde? A cargo da «Comissão Fabriqueira» que como se sabe é apodada de responsável pela destruição da igreja.

Recorde-se que pouco tempo após o acto de destruição da igreja, a Junta Distrital de Braga aprovou por larga maioria uma proposta em que se exigia a reconstrução da igreja no sítio onde ela estava implantada, dado o valor histórico do local: havia sido um tribunal romano e, mais tarde, um convento da Ordem dos Templários.

Canal da Crítica

O nosso redactor Mário Castim interrompe durante algumas semanas a habitual crítica de Televisão, pelo que não se publicará, no referido período, o Canal da Crítica.

Entretanto, Mário Castim, estará presente no nosso Jornal com algumas crónicas do Tribunal de Polícia.

PS escolhe hoje data e local do Congresso

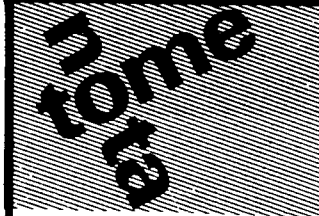
A data e local do próximo Congresso do Partido Socialista serão hoje marcados no decorrer da reunião da sua Comissão Nacional que tem lugar nas instalações do Largo do Rato em Lisboa.

O secretário-geral do partido, dr. Mário Soares, deverá fazer, no decorrer dos trabalhos, uma comunicação sobre a situação política aos membros da CN do PS.

Entretanto, num hotel de Se-

túbal, a comissão da Federação distrital do PS, reúne-se também esta tarde, com a presença de Maldonado Gonelha, Eduardo Pereira e os governadores civis de Évora e Setúbal, respectivamente Fausto Martins e Mata Cáceres.

Outra iniciativa do PS, previsto para hoje, é o I Encontro Nacional de Jovens Trabalhadores Socialistas, que debaterá entre outros, problemas sindicais e de desemprego.



O PALMA CAVALÃO DA MANHÃ

Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele. O «Diário da Manhã» que imita o outro, essa voz de antigamente, não pode deixar de ser classificada como «um jornal da direita» e, frequentemente, defende posições da «extrema-direita». Sem histerismos, sem insultos, sem excessos verbais o temos dito quando para informar ou situar se torna necessário dizê-lo. E nada mais da nossa parte a explicar aos leitores a propósito

do editorial feroz com que «O Dia» (1-7-78) reagiu às referências do «Diário de Lisboa» à não nomeação do coronel Pires Veloso e à anunciada constituição de uma associação de pára-quedistas.

Um Vitorino Nemésio que não era um «esquerdista à portuguesa» e que «O Dia» não terá considerado suspeito de ser agente de Moscovo, voltando-lhes as costas, os qualificou, situou e lhes deu o devido desprezo.

Os próprios insultos, as calúnias rasteiras, as intrigas, as insinuações, definem um jornal e caracterizam os seus jornalistas. Cada qual veste a pele do lobo que quer ser ou que não é capaz de deixar de ser.

Pobre «diário da manhã», são os cidadãos deste País que o castigam e, como Vitorino Nemésio, como nós, o desprezam.

Greve de fome em Alcoentre Presos reivindicam direito a nome próprio

Prossegue a greve de fome, iniciada no dia 29, de cerca de duas centenas de presos da cadeia de Alcoentre. Entre as reivindicações destes reclusos (delito comum) constam a exigência de serem tratados pelos seus nomes e poderem usar o seu próprio vestuário. Pela sua parte, o director-geral dos Serviços Prisionais considera que as reivindicações dos presos são razoáveis e deverão ser atendidas.

Enquanto se processa o inquérito ordenado pelos Serviços Prisionais à actuação dos guardas (os reclusos acusam-nos de violências e espancamentos) os presos pretendem que participem na elaboração de um outro inquérito, às condições em que ali vivem, o Ministério da Justiça, Provedoria da Justiça e Ordem dos Advogados.

Sabe-se entretanto que os guardas visados pelas queixas dos reclusos foram transferidos, do contacto directo com os presos, para serviços de vigilância periférica nas mesmas instalações prisionais.

Refira-se que o ambiente de tensão na cadeia de Alcoentre se verifica, sobretudo, a partir de uma tentativa frustrada de fuga, no passado dia 21. Nessa altura, os carcereiros deram pela «manobra» e os fugitivos não tiveram outra alternativa que não fosse fugir para as próprias celas. Aconteceu que a cela de um dos presos se fechou antes de o homem ali se «refugiar» e, na circunstância, terá sido brutalmente agredido por um guarda a ponto de ter de ser internado no hospital de Caxias, onde ainda se encontra.

Outro facto que poderá estar na origem de um aumento da tensão relaciona-se com a falta de trabalho na cadeia — segundo um responsável

Entretanto, os reclusos aceitam, e consideram interlocutor válido para apresentar as suas reivindicações, o actual director da cadeia, Palma Vaz, cujos sentimentos humanos e sentido de justiça não põem em causa

Minas da Panasqueira

Confederação do Trabalho requer intervenção do Governo

A Confederação Mundial do Trabalho apelou junto do Ministério do Trabalho português no sentido da resolução urgente do conflito existente nas minas da Panasqueira.

Segundo informa o boletim daquela organização sindical, de tendência autogestionária e reformista, as sanções impostas aos mineiros pela Companhia assumem um «carácter inaceitável». De facto, a administração da empresa realizou descon-

tos exagerados nos salários dos trabalhadores, a pretexto de uma greve, invocando para o efeito os prejuízos causados pela paralisação.

A intervenção da CMT ocorre no momento em que o conflito se agudiza, podendo levar no decorrer da próxima semana, a formas extremas de luta.

Segundo a Confederação, «o que se passa em Portugal ilustra uma vez mais o carácter nefasto das exigências do FMI». E acrescenta a CMT: «a enorme subida de preço dos artigos de primeira necessidade e dos serviços públicos (principalmente os transportes) e ao mesmo tempo os baixíssimos salários provam o carácter de classe desta austeridade draconiana que, entretanto, é compatível com uma subida nos salários dos quadros superiores e com o facto da empresa mineira da Panasqueira, filial de multinacionais, estar isenta de pagar o imposto industrial ao Estado».

Ciclo de Poesia no Porto

PORTO, 1 — O Ciclo de Poesia Portuguesa Contemporânea que tem estado a decorrer nesta cidade será hoje encerrado com uma palestra de Joaquim Manuel Magalhães que fará a introdução à poesia dos anos 70, seguida de leitura de poemas de autores recentes.

Ontem falou o prof. OXSCAR Lopes sobre poetas posteriores ao «Orpheu» e Eugénio de Andrade leu poemas de Jorge de Sena.



sete
PONTO
sete

AGENDA SEMANAL DOS TEMPOS LIVRES

ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

sete
PONTO
setesuplemento
semanal

cinema

jorge leitão
ramos

3

teatro

carlos porto

6-7

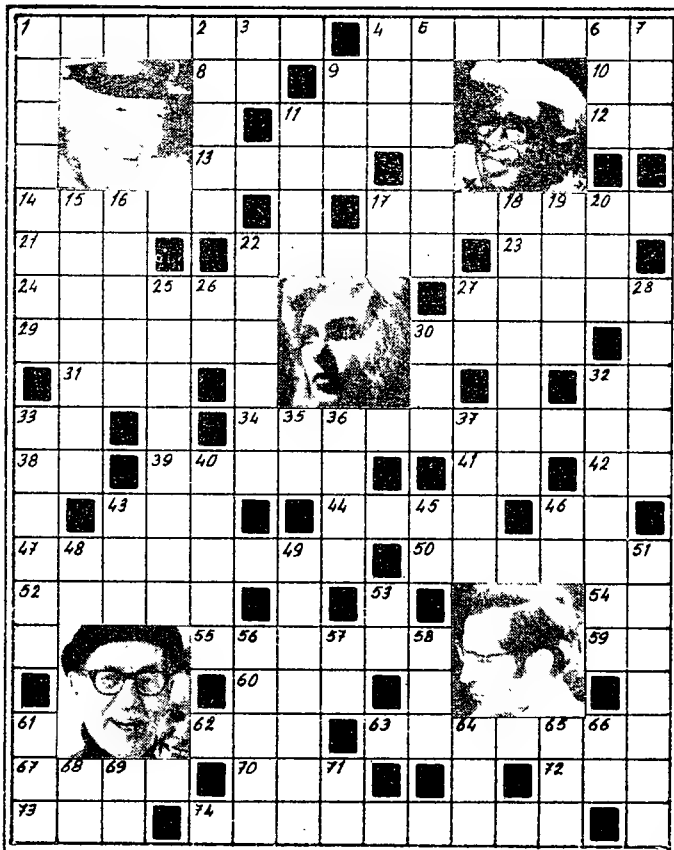
televisão

8

Lisboa, 1 a 7
de Julho de 1978

palavras cruzadas

SOLUÇÃO



HORIZONTAIS:

1/14 — Este nosso presidente fez um discurso na ONU de mais de duas mil palavras. 4/66 — É um dos famosos irmãos

Marx. 8 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. 9 — Ave trepadora. 10 — Clima. 11 — Joeiras. 12 — Freguesia do concelho de Ponte de Lima. 13 — Cidade da Úmbria. 17/52 — É o primeiro-ministro indiano que obteve nos EUA urânio para o seu país. 21 — Cursos de água natural, e abundante.

22 — Cadeia de montanhas da URSS, entre a Europa e a Ásia. 23 — Pronome possessivo. 24 — Estêreis. 27 — Unir. 29 — Motriz. 30 — Um dos Estados do Brasil. 31 — Preposição. 32 — Pronome reflexo. 33 — Centiare. 34 — Ele foi o homem que governou o destino de milhões de americanos de 1953 a 1960 e, a quem se atribuiu um suposto idílio com a sua motorista de guerra. 38 — Campão. 39 — Auréola. 41 — Género de palmeiras do Brasil. 42 — Ruim. 43 — Semelhante. 44 — Vale espanhol dos Pireneus. 46 — Ilha francesa do oceano Atlântico. 47 — Veneraram. 50/62 — Embora detentora de dois «Óscares», esta actriz americana continua a viver na sombra do marido, o famoso actor Paul Newman. 54 — Pronome pessoal. 55 — Foram para fora. 59 — Érbio (s.q.). 60 — Sua Senhoria. 62 — Matemática. 70 — Título honorífico na Índia. 72 — Ninho. 73 — Patrão. 74 — Cheio.

VERTICAIS:

1 — Rasgaram. 2 — Deixas em testamento. 3 — Tempo do verbo haver. 4 — Grande. 5 — Pistas. 6 — Tens. 7 — Agora. 9 — Fruto da azeit. 11 — Ligar. 15 — Esbeltas. 16 — Escuridão (fig). 17 — Nota Musical. 18 — Tornou morno. 19 — Importuna. 20 — Ilha também chamada de Santo Estevão. 22 — empregarem. 25 — Exercera domínio sobre. 26 — Sufixo que designa estado. 27 — Centiare. 28 — Vassourara o forno depois de aquecido. 30 — Acrescentando uma vogal é célebre residência real construída num dos pináculos da serra de Sintra. 32 — Germe (fig). 33 — Sedimento. 35 — Bismuto (s.q.). 36 — Ecoam. 37 — Cântico religioso. 40 — Irritais. 43 — Colocou. 45 — Neste momento. 46 — Rado (s.q.). 48 — Preposição. 49 — Ver ao longe. 51 — Terraços. 53 — Bário (s.q.). 56 — Guarneceira de asas. 57 — Batráquio. 58 — Punhado. 61 — Gosta muito de. 64 — Claridade. 65 — Espaço de doze meses. 66 — Zomba. 68 — Amónio (s.q.). 69 — Letra grega. 71 — Cidade da antiga Caldeia.

VERTICAIS:

1 — Romperam. 2 — Legas. 3 — Há. 4 — Grã. 5 — Rastos. 6 — Has. 7 — Ora. 9 — Ata. 11 — Unir. 15 — Aírosas. 16 — Noite. 17 — Mi. 18 — Amornou. 19 — Reta. 20 — Juá. 22 — Usarem. 25 — Dominara. 26 — Or. 27 — Ca. 28 — Raera. 30 — Pen. 32 — Semente. 33 — Camada. 35 — Bi. 36 — Soam. 37 — Hino. 40 — Irais. 43 — Pós. 45 — Já. 46 — Rn. 48 — De. 49 — Avistar. 51 — Eirados. 53 — Ba. 56 — Asara. 57 — Rã. 58 — Maio. 61 — Ama. 64 — Dia. 65 — Ano. 66 — Ri. 68 — Am. 69 — Ro. 71 — Ur.

HORIZONTAIS:

1/14 — RAMALHO EANE. 4/66 — GROUCHO MARX. 8 — Ea. 9 — Ara. 10 — Ar. 11 — Utas. 12 — Sa. 13 — Ama. 17/52 — MORARJI DESAI. 21 — Rio. 22 — Urais. 23 — Meu. 24 — Aridos. 27 — Motora. 30 — Pará. 31 — Sem. 32 — Se. 33 — Ca. 34 — EISENHOWER. 38 — As. 39 — Nimbo. 41 — lu. 42 — Má. 43 — Par. 44 — Aran. 46 — Re. 47 — Adoram. 50/62 — JOANNE WOODWARD. 54 — Ti. 55 — Sairam. 59 — Er. 60 — Ssa. 62 — Mat. 70 — Rau. 72 — Nio. 73 — amo. 74 — Carregado.



Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica do Distrito de Lisboa

INFORMAÇÃO C.C.T.V.

Foi apresentada às Associações Patronais em 29.5.78 a proposta de revisão do CCTV/Metalurgia e Metalomecânica.

Esta proposta apresenta a síntese das alterações apontadas pelos trabalhadores ao anteprojecto posto à discussão pelos Sindicatos.

A exemplo doutros processos anteriores, o Sindicato tem já à disposição, dos delegados sindicais, exemplares da proposta apresentada que estes deverão levar para conhecimento dos trabalhadores.

Decidiu a direcção, no entanto, não promover uma excessivamente grande edição da proposta pelas seguintes razões:

1. A proposta é um texto de duração temporária, pois a sua existência esgota-se no decorrer das negociações, não sendo pois um texto definitivo e apercebemo-nos já que a distribuição que antes se fazia levantava problemas por confundir os vários textos divulgados com o texto definitivo.

2. Importa promover o esclarecimento dos trabalhadores sobre o conteúdo da proposta e pensamos que isso deverá ser feito através dos delegados sindicais que assim estarão a desempenhar uma das funções para que foram eleitos, e não através da distribuição dum texto pesado e extenso.

3. Será, no entanto, feita, em comunicação a sair em breve, a divulgação dos pontos mais importantes da proposta de CCTV, para fácil conhecimento de todos os trabalhadores.

Lisboa, 30 de Junho de 1978.

A Direcção

AUTOMÓVEIS VENDEMOS

Material novo, preço saldo: grelhas, pára-choques, painéis, «charriots», guarda-lamas, portas, transmissões, embaladeiras e todos os bocados já feitos para carroçarias apodrecidas. Vendemos quase, quase

tudo para todas as marcas. Entregamos em dias certos no local.

Brevemente, servi-lo-emos em Lisboa, na nossa Filial, Rua de São Bento, 344-346. Para o ajudar, ligue Salvacar 2932648

AUTOMÓVEIS

Novos — Usados — Velhos

Pronto Pagamento
Telef. 2932648

AUTOMÓVEIS VENDE

NÃO DEIXE DE CONSULTAR
A SALVACAR / Tel. 293 26 48

PEUGEOT-403 Diesel ...
MORRIS-Diesel ...
AUSTIN-Diesel ...
CARRINHA BEDFORD
Fechada utilitária ...
PEUGEOT-504-CL-Diesel ...
Renault R8 S ...
Cortina 1600 GT ...
Morris Marina ... 1974
Morris 1000 ... 1973
Mini Ima ... 1973
Renault 4 L ... 1973
Ford Capri 3000 ... 1973
Datsun 1600 SSS ... 1973
Fiat 1500 ... 1965
Fiat 600 D ... 1965

Temos muitas mais unidades em «stock» a diesel e gasolina. Facilita-se pagamento e troca. Estamos na Estrada Nacional Estoril-Sintra (junto ao Autódromo) Linho. Todos os dias até às 20 h., mesmo ao sábado.

AMORTECEDORES

Reparo e Reconstruo
todas as marcas,
com garantia

MENDES Tel. 76 84 23

R. Capitão Ramires, 2-A

(Ao Campo Pequeno)

REPRESENTANTE

dos amortecedores «J. M.»

FILIAL

Av. Gomes Pereira, 61-B

(A Benfica)

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente N.º 61 816, para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE ESTÉRES DOS ÁCIDOS TIOCARBÁMICOS».

Trata:

CLARKE, MODET & C.ª LTD.

Patentes e Marcas

Rua Castilho, 201-3.º Esq.

LISBOA

CÓDIGO DA ESTRADA (QUESTIONÁRIO)

por Américo Areal

nova
edição

Actualizada de acordo com a Portaria n.º 122/78 de 1-3-1978 — 60\$00

evite o acidente!

CONHEÇA AS DEZENAS DE ALTERAÇÕES INTRODUZIDAS NO CÓDIGO DA ESTRADA.

Sinais de perigo, de proibição, de obrigação, de informação e painéis adicionais

Edições ASA

pedidos:

EDIÇÕES ASA • R. Mártires da Liberdade, 112 • Apart. 285
Telef. 22279/70 • Porto

REPRESENTAÇÕES LITERARIAS ASA • R. Jardim do Regedor, 19-2.º-Dt.º (Aos Restauradores) • Telef. 327262 • Lisboa

CURSOS DE VERÃO

cial

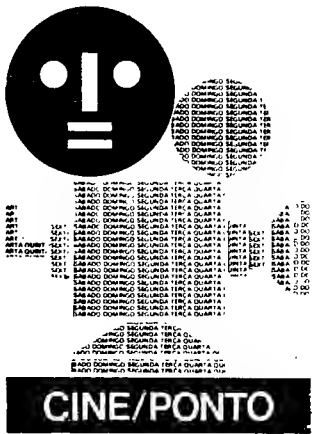
CENTRO DE LÍNGUAS

JULHO — AGOSTO — SETEMBRO

FRANCÊS • INGLÊS • ALEMÃO

PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

AV. DA REPÚBLICA, 14 — TEL. 53 37 33



ANNIE HALL

de Woody Allen
(USA-1977)

Um filme raro numa sala difícil ou o destino particular de uma das melhores películas do ano. **Annie Hall**, três óscares para Woody Allen, um sucesso em todo o mundo menos neste país do Ocidente da Europa. E, porém, ele tem todas as qualidades para isso. Vá lá a gente perceber as estranhas motivações do público de cinema...

Cinema ABCine-sala B (15, 17, 19, 21.30, 23.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

NASHVILLE

de Robert Altman
(USA-1974/75)

O espectáculo da América em vinte, trinta trajectórias que atravessam este filme vindas dos quatro cantos sociais e culturais do mais poderoso país do mundo. O retrato do americano médio no caleidoscópio frenético do **show-business** (Termo que, aqui, engloba a política, a canção, o cinema, a família, o amor, quer dizer, a vida).

Cinema Nimas (15, 18, 21.15 h)
(interdito a men. 13 anos)

SORRISOS DE UMA NOITE DE VERÃO

de Ingmar Bergman
(Suécia - 1955)

Uma comédia soberba de ironia. Um conjunto de actores de primeira água para um dos clássicos de Ingmar Bergman e, já, do cinema. Uma reposição a saudar vivamente.

Cinema Satélite (15, 17, 19, 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

JÚLIA

de Fred Zinnemann
(USA - 1977)

Duas actrizes (Vanessa Redgrave e Jane Fonda) para um filme cujo vigor interno acaba por fazer estilhaçar um certo academismo na encenação. A história de um amor entre mulher que salta para o palco do mundo em ebulição e o transforma.

Cinema Londres (14.15, 16.30, 18.45, 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

BONNIE E CLYDE

de Arthur Penn
(USA - 1967)

«Um filme que marcou uma viragem no cinema americano e, portanto, no cinema mundial. Os géneros cinematográficos a tecerem-se uns nos outros até à construção de um objecto-filme impossível de enquadrar em qualquer deles. Faye Dunaway, absolutamente sublime.

Cinema Quarteto-sala 1 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h)
(não acons. men. 18 anos)

A NOITE DE IGUANA

de John Huston
(USA - 1964)

«O universo fervente e mórbido de Tennessee Williams num filme de um dos patriarcas de Hollywood: John Huston. A possibilidade, ainda, de ver o trabalho de alguns **has been** inimitáveis (Ava Gardner, Deborah Kerr, Richard Burton) e a (falsa) explosão da «loli» que, então, aquecia o imaginário de todos os quarentões americanos: Sue Lyon.

Cinema Estúdio 444 (15.30, 18.30, 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

HÁ FESTA NA ALDEIA

de Jacques Tati
(França - 1948)

«A primeira longa-metragem de Tati. Onde já era detectável o génio do seu autor mas onde ainda existiam, também, algumas falhas mais ou menos evidentes. Uma reposição que chega na sequência do sucesso (inesperado) de **As férias do sr. Hulot**.



Acantora do final de «Nashville», de Robert Altman

O ZÉ POVINHO NA REVOLUÇÃO

de Lauro António
(Portugal-1977/78)011

Uma curta-metragem sobre os **cartoons** dos tempos depois de Abril feita sem grande destreza, pouco rigor e nenhuma linha definida. Um filme «bonito» numa óptica de decorador. Um texto pouco claro, em muleta ambigua. Lauro António em regressão com referência a **Prefácio a Virgílio Ferreira**.

Cinema Apolo 70 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30h)
(para todos)

O MUNDO MALUCO

de Stanley Kramer
(USA-1963)

Uma supercomédia sem grande humor mas com a particularidade de juntar, num mesmo filme, quase todos os actores cómicos do cinema americano vivos à data da sua realização

Cinema S. Jorge (15.15, 18.15 e 21.30h)
(Grupo B-10 anos)

NÃO HÁ DOIS SEM TRÊS

de Herbert Ross
(USA-1977)

Três actores e um texto podem fazer um filme, mesmo um sucesso. Não o fazem, porém, mais que **entertainment**.

Cinema Terminal (11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30h)
(não acons. men. 13 anos)

OH, SERAFINA!

de Alberto Lattuada
(Itália-1977)

Lattuada na decadência. Entre duas ou três coisas divertidas, uma mão pesada faz afundar o filme. As nádegas de Angelica Ippolito a venderem-se bem.

Cinema Quarteto-sala 3 (15,17,19,21,23 h)
(nao acons. men. 18 anos)

A MULHER, O CORPO E O ESPÍRITO

de Gilles Carle
(Canadá-1976)

Um sucesso, claro. O corpo de Carole Laure, o seu talento, o seu vigor, fazem vender um filme que não é mais que a exploração de uma actriz. Nem ela, nem Gilles Carle, nem nós, merecíamos esta estreiteza tintada de intelectual.

Cinema Quarteto-sala 2 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h)
(interdito a men. 18 anos)

O GOSTO DA AVENTURA

de Francis Girod
(França-Itália-1976)

A senilidade mexidinha e precoce de Girod consegue fazer de actores como Gérard Depardieu e Michel Piccoli uma espécie particular de cabotinos-imbécis. Um filme desesperadamente estupidificante.

Cinemas City e Star (14.30, 16.45, 19 e 21.30 h)
(interdito a men. 13 anos)

CLEÓPATRA

de Joseph L. Mankiewicz
(USA-1963)

A super super produção que ia levando a 20th Century-Fox à falência. Apesar do peso dos meios de produção é, porém, possível ver neste filme um certo espectáculo do poder que Mankiewicz consegue fazer passar.

Cinema Mundial (15, 18.15 e 21 h)
(não acons. men. 18 anos)

CINEMA PORTUGUÊS DOCUMENTAL

"A CAVALGADA SEGUNDO S. JOÃO, O BAPTISTA" DE JOÃO MATOS SILVA

FICHA:
Realização: João Matos Silva (Portugal-1976)
Fotografia: (16 mm/cor): José Luis Carvalhosa.
Som: Carlos Alberto Lopes
Texto: José Alfacinha Silva
Locução: Cândido Mota
Montagem: João Matos Silva, Monique Bairrão
Produção: Cinequipa, Telecine
Duração: 58 minutos

Há só duas maneiras de fazer cinema documental: ou assumir que se fala de fora ao jeito estrito de uma reportagem; ou se está por dentro das coisas e, então, se pode falar do lugar mesmo que a câmara vê. **A Cavalgada segundo S. João, o Baptista** não só não está em nenhum desses lugares como parece não saber de onde, porquê, para quem e para quê existe.

De facto é muito evidente que não havia no realizador um projecto inicial para além de ir filmar uma festa tradicional de Monforte da Beira. A crença de que aquilo que é uno, sólido e coerente no real possa, automaticamente, transportar essas qualidades para o filme, ainda uma vez se mostra desastrosamente ingénuo e falacioso. Disso teve, parece-me, consciência o próprio realizador mas quando já era tarde: na mesa de montagem. Na realidade a muleta de sectionar o filme em «cenas» divididas por cartões a titulá-las é nem mais nem menos que o reflexo da impossibilidade de ligar o material prévio que era «insignificante» (no sentido etimológico do termo). Surge assim um filme que não tem qualquer ponte que o ponha em contacto com a festa que acontece no real. Vejam-se, por exemplo, as várias entrevistas, o diálogo de surdos que se vai estabelecendo, o sem-sentido de algumas das questões postas, a impotência em compreender o que se passa. Veja-se que a única entrevista com alguma coerência (onde o diálogo minimamente existe) é aquela feita com um operário metalúrgico, ou seja, com alguém já dentro de uma linguagem urbana.

Por outro lado é lamentável a falta de qualidade técnica desta película, a todos os níveis. Da cor ao som passando pela iluminação (as cenas nocturnas são, a este respeito, do mais puro amadorismo), tudo tem, um nível inferior ao trabalho de profissionais que a Cinequipa tem a obrigação de apresentar. Claro que é argumentável a falta de recursos financeiros (este filme foi orçamentado em 350 contos, aproximadamente).

Julgo porém que não é solução ir-se ficando no compromisso entre a má qualidade técnica e o pouco-dinheiro gasto. Além disso nem tudo é imputável à falta de verba.

Assim é que não: fica-se com um esboço de filme nas mãos, documentalmente impréstatil (não há, nele, um mínimo de pesquisa histórica ou étnica) e comercialmente inexibível. Ou seja, nada.

JORGE LEITÃO RAMOS

AOS PRODUTORES DE PERAS

Torna-se público que a Junta Nacional das Frutas vai adquirir à Produção até um máximo de 1500 toneladas de **PERAS**. Os produtores interessados na venda dessa espécie frutícola deverão dirigir-se aos organismos representativos da Lavoura (Comissões Liquidatárias de ex-Grémios e congéneres) que lhes facultarão os elementos necessários constantes da circular n.º 3/78 deste Organismo.

Informa-se ainda os interessados que o **período de inscrição vai de 6 a 19 de Julho**, devendo a mesma ser feita por escrito e dirigida à

ESTAÇÃO FRUTEIRA de
JUNTA NACIONAL DAS FRUTAS
Apartado 3 — CASTANHEIRA DO RIBATEJO

com indicação legível do nome (completo) e residência do produtor, local dos pomares e seus acessos e ainda a quantidade estimada de fruta por variedades.

Para outras informações (calibres, preços, etc.) deverão os interessados contactar a referida Estação Fruteira — Tel. 23181 ou 22910.

UMA CIDADE NOVA: CHANDIGARH

«Que Chandigarh seja uma cidade nova, símbolo da liberdade da Índia, livre das tradições e expressão da fé da nação no futuro». Este desejo de Jawahar Lal Nehru, formulado após a independência, no ano de 1947, parece ter-se realizado, no essencial, um quarto de século mais tarde. Nenhuma cidade na Índia parece tão actual e humana como Chandigarh, nem tão diferente do ambiente urbano habitual. Claro que o encontro de dois visionários, o antigo primeiro-ministro (de 1947 a 1964) e o grande arquitecto francês Le Corbusier, tiveram muita importância no seu êxito.

Nehru queria criar uma capital para a parte do Punjab atribuída à Índia após a grande partilha do poder. O Britânico, uma cidade que simbolesse o «a e o depois», o fim do povo da Índia, e onde se junta assim dezenas de milhares de Sikhs e de hindus que, depois de mortos nos anos, tinham fugido da metade ocidental do Punjab que não formava parte do Paquistão. Povos urbanistas indianos eram capazes de se adaptar à tarefa e Nova Delhi desejava a construção de um novo tipo de cidade, internacional. Le Corbusier, apesar de não conhecer uma cidade moderna dos tempos modernos, não pode haver novas arquitecturas sem uma nova cidade, a e a e. Aqui a que o plano urbanístico traz, assim como os princípios de funcionamento e a sede dos três poderes, executivo, legislativo e judicial, do novo Estado do Punjab. Cria uma nova organização.

Chandigarh é delimitada por dois rios a este e a oeste, com pontão de ligação a nordeste os edifícios parlamentares da parte norte do município. A sugestão mantém-se aberta. Apesar de se encontrar na história da arquitectura o conjunto do Capitolio, a Assembleia, a sede do poder de 100 metros quadrados de base que tem em cima um cone branco do mundo e uma forma piramidal, o secretariado, com 16 de 200 metros de comprimento com quadras, se encontra e o Supremo Tribunal, marcado por uma estrutura de arcos e colunas, com a possibilidade de economia a construção da Casa do Governo, que de costas para a montanha, devia cobrir o conjunto abandonado e a vasta esplanada que uma de diferentes edifícios, mistura-se com terrenos abandonados, o que aumenta o aspecto isolado desta obra desproporcionada.

Para mais, as sedes dos três poderes tiveram de ser movidas quando em 1966 o Estado do Punjab foi dividido e os dez milhões de pessoas que viviam a leste tinham de se separar dos onze milhões e quinhentos mil que viviam a oeste. Chandigarh é, pois, desde então a capital de dois estados, a Haryana e o Punjab. Também se tornou, depois desta divisão, um terreno da União Indiana, adquire também uma terceira administração, a que representa o governo central. As decisões de urbanismo, as escolas arquitectónicas, têm em todo o caso, uma autoridade única e continuam a ser feitas no espírito de Le Corbusier. Pense que esta terra, guiado daquilo que temos feito, deixando nos a arquitecto principal, Sharma, discípulo, continuou a conservar a obra do pai da cidade.

De resto, essa obra, muito para além de Chandigarh, influenciou na Índia, cria uma geração de arquitectos e também, para ela, estimulou o sentido estético, em todo o território do país.

Mesmo as estações de gasolina são desenhadas com cuidado.

NÃO MAIS DE DEZ MINUTOS A PÉ

Não se pode dizer o mesmo de outra inovação trazida por Le Corbusier, o plano de urbanismo. Situada a sul do Capitolio a cidade está dividida em sectores iguais de 1200 por 800 metros de lado cada um. Prevista para acolher duzentos mil habitantes, só tem actualmente trezentos mil. Cada sector de três mil a vinte mil habitantes, dizem Sharma, foi concebida como uma unidade independente, com lojas, escolas e serviços sanitários. So se pode entrar e sair dele por quatro pontos, o que protege o sector da circulação. Esta, das vias principais às habitações, imita a circulação da seiva de uma árvore. Por outro lado, os peões, para irem de um ponto a outro de um sector, não precisam de andar mais de dez minutos. Todas as lojas estão abrigadas do sol. O plano de vocação administrativa e universitária, Chandigarh tem um pequeno número de pequenas e médias indústrias não poluentes e todas as máquinas de terra. Para controlar os espaços verdes e as águas são através das fitas que ao mesmo tempo separam e unem os sectores. O maior desses espaços verdes e todas as tardes visitado por os estudantes do grande «campus» que fica perto. Há muito espaço em Chandigarh, mas é bom saber que para a cidade ser construída foram destruídas mais de vinte aldeias.

A composição socio-profissional dos habitantes de Chandigarh explica o bom aspecto da cidade e a espécie de respeito que a certos funcionários de todas as categorias, professores, estudantes, militares, situada quase a igual distância da China e do Paquistão, os dois adversários da nova Chandigarh possui uma base estratégica importante. Os seus moradores são privilegiados que pertencem ao seu conjunto aquilo a que se convencionou chamar a «classe média». Não há romarias desmesuradas, como nas grandes metrópoles anglo-indianas, nem pobreza total. De resto, a cidade parece revelar aqueles que não correspondam ao seu standard ou a sua função.

Chandigarh é a capital de uma região em crescente prosperidade, com culturas intensas de cereais de alto rendimento, o mais alto do país. Assim os cultivadores não se dirigem para ali a fim de procurar trabalho mas nos seus sectores novos e rurais. As migrações provêm mais da modernização da agricultura, do que da sua pauperização. De resto, os hindus, muito empreendedores, não aceitam trabalhos ruins e mal remunerados. Eles buscam empregos especializados, de carácter técnico e não hesitam em partir para a Europa ou para o Próximo Oriente. A ruralização, transição para meio urbano de um habitante de um modo de vida camponês, é limitada ao mínimo. A fim de desencorajar o aumento de alguns bairros marginais, a administração agora actualmente os populares em pequenos prédios de três andares, bastante bem conhecidos. Cada família (seis pessoas em média) dispõe de uns 30 metros quadrados por 30 a 35 rupees. Nos meios populares tanto do campo como das cidades parte das



UM CONTRASTE: A ÍNDIA MIL



actividades do lar decorrem fora de casa. E é fora de casa que se cozinha que se come, excepto a noite de jantar de gangueiros, durante o inverno de modo a descomprimir a divisão única familiar, as casas são geralmente formadas por essa divisão, uma pequena cozinha, uma sala de jantar e um quarto ou um quarto. Os arquitectos também tomaram em conta o facto de as pessoas, quando mais pobres são mais desejaram encontrar outras pessoas e participar na vida comunitária.

O FREIO DOS INTERESSES ESTABELECIDOS

Porque não repetir a experiência de Chandigarh? Por falta de vontade política? Por falta de imaginação? Porque o exemplo não é transponível?

Porque o preço da obra não faz recuar os dirigentes? Por todas estas razões, mas sobretudo porque os «interesses estabelecidos» como se diz, se opõem a toda e qualquer inovação.

As cidades — na parte de mais de um milhão de habitantes e perto de cinquenta por cento a um milhão, enquanto que três mil e bem localizadas têm entre mil e bem mil pessoas e que há quinhentas e setenta e seis mil aldeias — e a sua existência, e uma vida extremamente são para os possidentes que vivem da exploração humana, fontes de riqueza insustentáveis. Que dirigentes políticos tem a coragem de mudar este estado de coisas? Para mais, a produção agrícola alimentar não é tanta que possa permitir ao sector urbano que este se asenda em bem-estar, mas

ANDIGARH



LE MAR



uar
es
s
em

n

nta
a
o
do

terras cultiváveis. Também é certo que construir em benefício de populações privilegiadas, como em Chandigarh não atenua a pobreza urbana nem a pauperização rural que a alimenta. A maioria dos aglomerados irão aumentar desmesuradamente em redor de velhos centros de habitações vetustas. **Todas as cidades foram mal concebidas**, declara-nos um jovem arquitecto, Ray Rewal. **Não há uma política coerente de urbanismo. As cidades coloniais (Calcuta e Bombaim) morrem à falta de créditos para assegurar a sua manutenção, mas as novas cidades não aparecem. Era preciso começar a fazer umas trir ta...**

Para dotar de uma capital o Estado de Orissa, formado após a independência, de vários principados, e o de

GÉRARD VIRATELLE

Goudjerat, resultado da cisão, um pouco mais tarde, do Maharashtra, criaram-se duas novas cidades: Bhubaneswar, perto da baía de Bengala, e Gandhinagar, perto de Ahmedalab. Tanto uma como a outra, tal como Islamabad, a capital do Paquistão, parecem grandes burgos incaracterísticos e pouco animados, com funcionários isolados das realidades locais.

Uma cidade gémea de Bombaim, onde se atafulham oito milhões de habitantes numa quase-ilha que concentra numa das pontas a maioria das actividades comerciais e financeiras, está em estudo há mais de vinte anos. O projecto é sedutor e realista. Ele permitiria drenar uma parte das cento e cinquenta mil a duzentas mil pessoas que todos os anos vão fixar na grande metrópole absorvendo um pouco do crescimento natural da sua população. Mas apesar da instalação de um porto e também de indústrias, Nova-Bombaim não se tornou um polo de desenvolvimento, porque o governo do Maharashtra e o município de Bombaim, não lhe dão atenção nem créditos bastantes.

Na verdade, as cidades gémeas ou satélites não parecem oferecer uma solução para o problema do crescimento urbano na Índia. Não só não contribuem para o reduzir como até criam um fenómeno inverso. Os aglomerados binucleares (Nova Delhi, Hyderabad, por exemplo) repartem-se assim entre uma velha cidade onde se agrupam os mais pobres (pequenos empregados e comerciantes, operários, artesãos), e os bairros concêntricos da nova cidade que geralmente correspondem a categorias socioeconómicas bem definidas e economicamente mais à vontade. As «ilhas» tradicionais do centro são assim sacrificadas em proveito das «colónias» periféricas burguesas, de vivendas pretenciosas e conjuntos imobiliários reservados aos funcionários.

A construção urbana não pode, no entanto, seguir o ritmo de crescimento da população urbana. É certo que a Índia é um país principalmente agrícola e a taxa de urbanização não passa de 20%. Mas a sua massa urbana — 125 milhões de habitantes — é ao que parece a mais importante, logo a seguir à da China, entre os países em desenvolvimento. Até ao fim do século terá decerto 275 a 445 milhões de habitantes. Se considerarmos que um terço dessa população vive em condições de «pobreza objecta», em pardieiros ou bairros de lata, a urbanização, ou melhor, a «ruralização» anárquica do meio urbano não irá revestir um carácter insustentável e, por fim, explosivo? Em 1978, o défice de alojamentos era calculado em 28 milhões de unidades habitacionais. O objectivo das autoridades é construir 5 milhões de alojamentos por ano.

O Governo Desai declara interessar-se pelas cidades de 50 000 a 500 000 habitantes e quer reabilitar a arquitectura tradicional. Chandigarh está entre essas cidades, mas a sua concepção, considerada demasiado «ocidental» não dá hoje uma resposta incontestada ao desafio urbano.

(Le Monde)



Casas em Fozzano: forma e cor (esta ausente da foto) dão ao conjunto uma aparência severa desprovida de fantasia

A CÔRSEGA ATRAVÉS DAS SUAS CASAS

CUCURUZZU... é o local onde se diz que existe a mais antiga casa da Córsega, que remontaria à idade pré-histórica.

A ilha tem de resto outras antiguidades que, embora não sendo muito numerosas, existem um pouco por toda a parte: telhados em terraço que foram outrora usados para secar o trigo; cabanas de terra e de palha para os cabreiros e outros pastores, a maioria das quais já desapareceu. No conjunto não há muitas coisas. As «antigas» casas, com as suas paredes de pedra que ignoravam o barro e possuíam tectos que se podem prolongar à medida que aumentam os moradores, são na sua grande maioria... muito recentes. Algumas vêm do século XVII. Mas geralmente, foram construídas no século XIX ou mesmo XX.

É impressionante o estado de ruína em que hoje se encontram devido ao abandono brutal da agricultura insular ocorrida após os dois conflitos mundiais. Conservam os seus moradores no Verão. Mas, abandonadas no Inverno, perdem a sua antiga função produtiva.

Fisicamente correspondem a modos de vida actualmente ultrapassados: o dos vinhateiros e dos arboricultores do cabo da Córsega, o dos plantadores de castanheiros da Castagniccia e o dos pastores que apascentavam os seus rebanhos um pouco por todo o lado... Os filhos de todos estes habitantes da Córsega... tornaram-se funcionários nas colónias ou trabalhadores de alfândega no continente. Os seus netos são estudantes, professores, por vezes militantes autonomistas e algumas vezes dedicam-se a lançar bombas.

A diferença que existe entre as casas não é de natureza regional. A Córsega é Uma Só. Os estilos arquitectónicos não variam quase nada do norte ao sul da ilha da Beleza. As verdadeiras diferenças são de natureza social: a elite camponesa tinha a sua **torra** (casa com torre); o notável local possuía a sua residência (**casone**); o nobre o seu palácio (**palazzu**), como é evidente! Será preciso lembrar que na pobre e feudal região da Sartène (ao Sul) existiam, não há muito, trezentas famílias nobres... Um autêntico recorde! Por ocasião da Frente Popular diziam-nos que a França não possuía mais de «duzentas famílias» dominantes! O palácio do nobre é um micro-Versailles de xisto e de granito, à escala da modéstia da Córsega com as suas **loggias** e arcadas à italiana. Não muito longe, no meio dos terrenos cobertos de mato, surgem campas luxuosas situadas no exterior do cemitério. Os sepulcros reflectem a ostentação das linhagens. Os capitais e os cadáveres são repatriados do continente. O Corso pode ausentar-se. Mas não se exila nunca. Volta sempre morto ou vivo ao seu território de origem.

EMMANUEL LE ROY LADURIE

As casas demonstram a energia dos construtores e mais ainda a das construtoras. Durante séculos a mulher da Córsega carregou nos ombros ou melhor à cabeça o futuro da ilha bem apoiado na rodilha. Carregou à cabeça e vestindo o seu colete de couro, as pesadas lajes de xisto usadas para fazer os telhados. O homem fazia prevalecer a inteligência masculina. Dedicava-se, com a melhor das consciências, aos trabalhos mais ligeiros do planeamento das actividades. As casas assim construídas são altas como as fortalezas anteriores a Vauban. Possuíam três pisos na zona do xisto e quatro na região do granito. No rés-do-chão podem ver-se as abóbadas em ramadas, o banco para os velhos e uma escada exterior que sobe, à vista de todos, até ao primeiro andar.

Na parte superior do «imóvel», no terceiro ou quarto piso, surge... a cozinha! O camponês continental orgulha-se de ter a sala e a cozinha ao nível da terra firme. Os pastores e outros habitantes rurais da Córsega colocam a sua lareira no **fucone** mesmo por baixo do telhado, no cimo da casa! A lareira não tem chaminé. É a lareira dos antigos romanos que sobreviveu até 1814... Nos quatro cantos deste fogo central, sempre coberto de fumo, existiam até quatro marmitas, que correspondiam às quatro famílias que, no máximo, compunham o lar patriarcal. Nestas casas, que desconheciam ainda as chaminés no tempo de Poincaré (introduzidas no continente desde Filipe, o Belo), secavam-se castanhas no fogo do **fucone**. Para tal eram colocadas em ripas mergulhadas numa corrente de fumo e situadas muito próximo das telhas. As paredes dos quartos de dormir, que constituem um refúgio essencial de intimidade face à sociabilidade do fucone, são atravessadas por trapeiras cilíndricas. Servem para lançar comodamente o conteúdo dos bacios de quarto para o exterior. A casa corsa é pois uma unidade fundamental, ligada à própria família do residente, e permitiu à identidade insular resistir aos tempos e sobreviver tanto aos árabes como aos genoveses.

A colecção «A arquitectura rural francesa» prossegue com este novo livro uma importante tarefa. Já fez sair três volumes ampla e sabiamente ilustrados (Savois, Delfinado e, Córsega). Conseguirá a série atingir o vigésimo segundo volume, cobrindo assim todo o território francês? Desejamos-lhe boa sorte.

Le Monde



Casas de Saint-Laurent, cidade florescente na Idade Média

JESUS CRISTO NA ALTA COSTURA

«JESUS CRISTO EM LISBOA», tragicomédia de Alexandre O'Neill e Mendes de Carvalho, inspirada na obra de Raul Brandão e Teixeira de Pascoaes. Encenação: Carlos Wallenstein e Norberto Barroca. Assistente: Paulo Lucena. Cenários; Fernando Conduto. Música: José Luís Tinoco. Figurinos: José Costa Reis. coreografia: António Rodrigues. Interpretação: Antonino Solmer, Fernanda Lapa, António Feio, Augusto de Figueiredo, Maria Amélia Matta, Mário Sargedas, Fernando Nascimento, José Raimond, António Rama, Baptista Fernandes, Armando Venâncio, Maria de Jesus Aranda, António Augusto, Lina Morgado, Baptista Fernandes, José Severino, Canto e Castro, Manuela Cassola, Alina Vaz, Nuno Franco, Graça David, Wanda Maria, José Wallenstein, Jorge Neves, Jorge Nery, Sebastião Ricou, Ângela Lisboa, Arlete de Sousa, Lourdes Pinto, Norberto Barroca, Maria Esmeralda, Antonieta Viana, Coutinho Fernandes. Glicínia Quartín, Isabel Ávila, Rui Vaz, Pedro Soares, Maria José, Lourdes Norberto, António Anjos, Músicos: Rui Saródio, Toy, Manuel Pedro, José Carlos. Teatro Popular — Companhia Nacional 1. Teatro S. Luís. 23-6-78.

Para já em alguma coisa e esta nova companhia do Estado original: no nome. Teatro Popular — Companhia Nacional 1 além de ser nome inédito tem a vantagem de classificar, desde logo, a Companhia do Teatro Nacional D. Maria II — Casa de Garrett: Teatro Burguês — Companhia Nacional O. Como brincadeira nem está nada mal.

O termo brincadeira surgiu-me absolutamente por acaso mas como nunca há coisas que aconteçam apenas por acaso, de acordo com a psicanálise, talvez lá no fundo se tratasse de uma opinião já formada: brincadeira, eis o que me parece ser o primeiro espectáculo do tal Teatro Popular — Companhia Nacional 1. Espero que os seus autores, e restantes responsáveis, não se ofendam, eles que aliás até gostam de brincar a sério quando a sério são poetas (o Alexandre e o Amândio) e este dramaturgo.

Porque à salgalhada que é este espectáculo, à sopa de pedra com mais pedra do que outra coisa cozida a um lume inexistente, ao guisado em que o cozinheiro se enganou nos ingredientes e nas doses, dificilmente poderemos classificar de outra maneira que não seja isso mesmo: uma brincadeira.



Alexandre O'Neill e Mendes de Carvalho: um cigarro para (re)pensar tudo?

Perdidos os seus dramaturgos e encenadores entre a ingenuidade provinciana do original de Raul Brandão e Teixeira de Pascoaes (aliás, com a marca bem pessoal do primeiro) e a ingenuidade sabida de «Jesus Cristo Superstar», conseguiram fazer qualquer coisa que voga com grande espanto e maior aborrecimento do espectador entre a tirada progressista e o piscar d'olho reac. entre o novo riquismo dos fatos e a pobreza sem imaginação dos cenários, entre o mau melodrama e o Brecht salão, entre o music-hall de três vintens e a tragédia que faz rir.

Tendo como base uma grande parte das situações do original, os adaptadores não tiveram a coragem de deixar estar o que estava, com tudo o que tinha de ultrapassado, limitando-se a um ou outro arranjo do mais obviamente imprestável, nem tiveram a coragem de ir para a ruptura total, fazendo obra nova.



Assim, a peça balança-se entre uma imagem delida pelo tempo e uma imagem falsamente moderna; entre polícias dos anos 20 e polícias do ano 2000 (tomando aqui essas personagens como símbolo dos sobressaltos que marcam o espectáculo), com o resultado de nem uns nem outros convencerem, principalmente os que pretendem figurar uma qualquer polícia de intervenção vinda de Marte que só impressiona pelo ridículo.

Alterações principais de que o original foi vítima: o surgimento do Diabo na primeira cena, a transformação de uma personagem em Maria Madalena, e principalmente a transformação de Cristo numa personagem pretensamente revolucionária que em vez de subir ao céu, desce da cruz e junta-se a Maria Madalena e a outros contestatários, combate pela revolução (de pacotilha) até que, perseguido pela polícia,

se escapa com a companheira puxado da teia. Isto e o resto é dado teatralmente de forma caricata: dois encenadores (ou vinte) não valem um encenador quando o há, isto é, quando existe alguém capaz de lhes dar o unidade e de o tornar coeso. Aqui passa-se do drama rural à cena muito versegada, muito musicada, muito cantada e muito dançada — à cena de paródia (internacional, supõe-se) do melodrama (caso da cena com Maria José e Maria Amélia Matta), volta-se ao canto, etc., sem que nada nisto surja motivado, sem que tenha havido um plano minimamente estruturado que coordenasse esta espécie de gincana.

Tudo se passa como se as coisas tivessem surgido pgr acaso, porque parece que um actor ou uma actriz fosse capaz de cantar (?) e de dar à perna, e não por exigências profundas da encenação. Passando do naturalismo que o não é ao «expressionismo» entre aspás, deste ao teatro épico equivocado, deste ao melodrama para rir, deste ao music-hall a fingir, deste à revista sem humor, o resultado de «Jesus Cristo em Lisboa» é, como não podia deixar de ser, uma enorme trapalhada em que ninguém se entente, e o espectador ainda menos.

Por vezes, muito raramente lá surge uma chispa: é o caso do contraste entre a primeira mesa da ceia dos camponeses (ceia de Cristo) e a mesa dos senhores: é o caso do trabalho de Glicínia Quartín; é o caso de alguns passos da música; é o caso de um outro dito de espírito «que, aliás, de uma maneira geral só servem para fazer aumentar a confusão; é o caso do Custo vivo da República, de um ou outro intérprete numa ou noutra cena (Fernanda Lapa, Baptista Fernandes Lourdes Norberto, Maria Amélia Matta). É muito pouco. O que se traz do espectáculo é sobretudo a imagem dos fatos, profusos, sumptuosos, alguns lindos. Viu-se que o dinheiro não faltou. Não percebo, no entanto, como um homem com bom-gosto como é Costa Reis não se tenha apercebido do horror que é o vestido de Maria de Jesus Aranda.

Devemos aguardar o segundo espectáculo desta companhia para formar um juízo menos provisório. Tem bons actores, textos é coisa que não falta por aí, dinheiro, pelos vistos, também não. Com um bom encenador, poderão fazer coisas.

Carlos Porto



Electricidade de Portugal, EDP
/Empresa Pública

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL
AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo Domingo, 2 de Julho, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE ALMADA:

Palhais, Charneca de Caparica e Casal
das 08.00 às 13.00 horas

Lisboa, 1 de Julho de 1978

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E.P.
ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL
Manuel Fernandes Camacho

BARCOS
VENDEM-SE

1 de fibra de vidro motor
Evinrud 60 HP 4,10 m. Outro
casco de madeira 4,16 m. mo-
tor Mercury 50 HP atrelados
excepcionais. Estrada Estoril-
Sintra (junto ao Autódromo).

SALVACAR / Tel. 293 26 48

PATENTES

Vende-se ou concede-se licença de exploração para Portugal das seguintes Patentes de Invenção:

N.º 61 714 — para «INTER-
LIGADOR PARA UNIDADES
TELEFÓNICAS».

N.º 61 766 — para «APA-
RELHOS TELEFÓNICOS E
TAMPAS REMOVÍVEIS PARA
OS MESMOS».

Trata

CLARKE, MODET & C.ª LTD.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
LISBOA

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Ronda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

VENDEMOS ANDARES

Nas melhores condições. Com entrada a combinar, em qualquer local seja qual for a sua disponibilidade financeira não deixe de consultar

57 82 31

— ANDARES
— MORADIAS
— PREDIÇOS
— TERRENOS

57 82 31

Predial Delma

AV. ANTÓNIO AUG. AGUIAR, 150-1.º ESQ.
LISBOA

Tribunal do Trabalho de Lisboa
ANÚNCIOS

O DOUTOR: — FERNANDO
JOSÉ LEAL LOUREIRO PIPA.
Juiz da 14.ª Vara do Tribunal do
Trabalho de Lisboa.

Faz saber que pela 1.ª secção desta Vara e nos autos de acção com processo comum ordinário que LISETTE MARQUES, move contra FOGÕES FAG, DE ALFREDO BENTO, cuja última sede foi onhecida na Rua Martens Ferrão-26-5.º em Lisboa e actualmente em parte incerta, correu editos de 30 dias, citando a referida Ré, na pessoa de ALFREDO BENTO para, no prazo de 10 dias, fidos

que sejam os dos editos, querendo, contestar a referida acção, sob pena de se considerarem confessados os factos articulados pela autora.

O duplicado legal encontra-se na secção onde poderá ser solicitado.

Para constar se passou este anúncio e outro de igual teor que vão ser devidamente afixados nos lugares designados na Lei.

Lisboa, Tribunal do Trabalho, aos 26 de Junho de 1978.

O JUIZ DA 14.ª VARA,
(assinatura ilegível).
O AJUD. DE ESCRIVÃO,
(assinatura ilegível)

4 vezes por semana

Sotavento

O seu rápido Lisboa - Algarve - Lisboa

1.ª classe / Ar condicionado / Snack - Bar

14 50	Barreiro	23 20
18 12	Albufeira	19 57
18 42	Faro	19 25



Caminhos de Ferro
Portugueses

NOTARIADO
PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA
A CARGO DA LICENCIADA
EM DIREITO
MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA
E SILVA

Certifico, nos termos do artigo 97 do Código do Notariado, que no dia 19 de Junho de 1978, de folhas 47v.º a folhas 48, do Livro A-116 para «escrituras diversas», deste Cartório, encontra-se exarada uma escritura de habilitação de herdeiros por óbito de ANDRÉ FRANCISCO SÁDIO, falecido no estado de solteiro, natural e residente no lugar e freguesia da Igreja Nova, deste concelho, tendo falecido no dia 30 de Março do corrente ano, no indicado lugar da Igreja Nova. — Que o autor da herança não outorgou testamento nem qualquer disposição «mortis-causa», deixando como único herdeiro, seu pai Domingos Francisco Sádio, viúvo natural e residente no mencionado lugar da Igreja Nova.

— É CERTIDÃO NARRATIVA PARCIAL, que fiz extrair, a qual vai conforme o original, quanto à parte transcrita, e, certifico que na parte omitida da referida escritura, nada há em contrário ou além do que fiz transcrever.

Maфра, 17 de Junho de 1978.

O AJUDANTE — Maria Manuela
Beirão Climaco Delgado.

PATENTES

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal das seguintes patentes:

N.º 61 755 — «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE ÁCIDOS PENICILÍNICOS COM EFEITO ANTIBACTERIANO, APLICAÇÃO DOS MESMOS PARA A PREPARAÇÃO DE COMPOSIÇÕES FARMACÉUTICAS COM EFEITO ANTIBACTERIANO E APLICAÇÃO DESTAS COMPOSIÇÕES FARMACÉUTICAS NO TRATAMENTO DE DOENÇAS BACTERIANAS».

N.º 61 796 — «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE PENICILINAS COM EFEITO ANTIBACTERIANO, APLICAÇÃO DAS MESMAS PARA A PREPARAÇÃO DE COMPOSIÇÕES FARMACÉUTICAS COM EFEITO ANTIBACTERIANO E APLICAÇÃO DESTAS COMPOSIÇÕES FARMACÉUTICAS PARA O TRATAMENTO DE DOENÇAS BACTERIANAS».

Trata

CLARKE, MODET & C.ª LTD.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
LISBOA

QUANDO OS CÓMICOS NÃO FAZEM RIR

Como se sabe, o termo cómicos é geralmente utilizado com intenções pejorativas. Foi também com essa intenção que o utilizámos no título desta crónica. Veremos porquê.

É longa, movimentada e muitas vezes dramática a história do actor, tão antiga como a própria história do teatro com a qual se confunde. A fazer fé no respectivo verbeto do «Dicionário do Teatro Português», poder-se-á dizer que em Portugal a história teatral começa pelo actor: «O mais antigo documento relativo à história do teatro português refere-se a dois actores: os jograis Bonamis e Acompaniado, a quem o rei D. Sancho I doou, em 1193, umas terras em paga de um arremedilho que na sua corte haviam representado».

Também na Grécia, lugar não do nascimento do teatro que esse nasceu mais cedo e noutros sítios mas origem das formas teatrais que ainda hoje reconhecemos, como sendo as do teatro ocidental, o primeiro nome que surge é precisamente o de um actor: Téspis que foi talvez quem deu o primeiro impulso para fazer do teatro aquilo que veio a ser: diálogo, situação, conflito.

Actores também os grandes trágicos que em Atenas receberam as honrarias da Cidade como heróis imortais.

Nesse tempo as mulheres não representavam e os seus papéis eram interpretados por homens. Se os actores começaram por ser amadores, logo se profissionalizaram, começando por ser funcionários públicos porque participavam em festividades oficiais. Nesse tempo, repetimos, eram tidos em alta consideração o que significa que além de serem muito bem pagos assumiam altas funções do Estado, em especial como embaixadores. Estavam, no entanto, a mercê do poder crítico das multidões que os vitoriam se apreciavam o seu trabalho, ou os vaiavam quando não lhes agradava. Por vezes, era pior: os espectadores lançavam-lhes pedras ou espancavam-nos.

Mais tarde, os actores organizaram-se em companhias geralmente ambulantes as quais se regiam por estatutos que não diferiam muito dos actuais também lá havia as vedetas e os outros. Em Roma, as coisas modificaram-se. A profissão de actor deixou de ser bem vista e durante muito tempo foi mesmo proibida aos cidadãos romanos. Geralmente só os estrangeiros, e em especial os gregos, representavam nas cenas romanas. Em contrapartida, as mulheres podiam representar embora tal equivalêsse à desonra, pura e simples. Teria sido do desprezo manifestado pelos romanos que teriam nascido os preconceitos que ao longo dos séculos marcaram e mancharam a actividade do actor (1).

Como símbolo infamante desses preconceitos basta evocar o caso de Molière, um dos mais geniais homens de teatro de todos os tempos: excomungado pela Igreja, o arcebispo de Paris recusou-lhe um enterro religioso. Foi necessária a intervenção de Luís XIV, graças às súplicas da viúva, para que o arcebispo autorizasse a inumação em «terra santa», com a condição de que «não haveria nenhuma pompa, apenas dois padres, de noite, e sem qualquer serviço solene».



Raul Solnado (na foto com Fialho Gouveia) — mesmo na mais bela biografia cai a pior nódoa

A história do actor é ao longo dos tempos esmaltada por milhares de anedotas que ilustram, melhor do que quaisquer teorias, o que tem sido e o que tem representado a sua presença na história do teatro. Recordaremos apenas duas dessas histórias que, cada uma a seu modo, dão conta da importância e da maneira de ser do actor.

Uma delas é ainda da Grécia e refere-se a um dos raros actores de que há notícia. Polus era nesse tempo o mais célebre intérprete das obras-primas do teatro grego. Tendo-lhe morrido, um filho ainda criança, retirou-se durante algum tempo do teatro. No seu regresso à cena, interpretou o papel de Electra da tragédia de Sófocles. Nessa peça, Electra surge com a urna que contém as cinzas de seu irmão Orestes, que fora assassinado. Nessa cena, e sem que o público o soubesse, Polus transportava não a falsa urna do espectáculo mas o próprio caixão com os ossos do filho que ele fora buscar ao túmulo. Ao dar largas a sua dor como Electra, o intérprete não fingia chorar a morte de uma personagem inventada mas era a sua própria dor que ele representava (2).

A outra história é de tal maneira incrível que não garantimos a sua veracidade. Conta-a um escritor francês e aqui a deixamos tal e qual: «O Mistério da Paixão» que foi representado na Suécia, na Idade Média, durante o reinado de D. João II, provocou uma autêntica e pavorosa tragédia. O actor que representava o papel de soldado que fere Cristo com a lança, fê-lo com tamanha convicção que a lança atravessou de facto o corpo do actor que estava na cruz. Este caiu morto e arrastou na queda a actriz que representava Maria e que estava ajoelhada a

seus pés. O rei, que assistia ao espectáculo, indignado pela brutalidade do actor que involuntariamente matara o colega, precipita-se para o palco e com um golpe de espada



Jean-Baptiste Poquelin, dito Molière

CARLOS PORTO

decepa-lhe a cabeça. O público que amava o actor assim assassinado invade o teatro e decapita o rei.» (3).

Em relação ao actor português, a sua história está ainda por fazer como quase tudo o que se refere à historiografia do nosso teatro (4). Sabe-se que Gil Vicente foi actor dos seus autos mas pouco se sabe sobre os actores seus contemporâneos e sobre os que se lhes seguiram. Conhece-se também a influência de artistas estrangeiros — espanhóis, italianos, franceses — em tudo o que se refere à arte dos nossos intérpretes e não se ignora que em 1771 o Marquês de Pombal, como diz Rebello, «reabilitou expressamente a profissão do actor, proclamando «que nenhuma infâmia irroga aquelas pessoas que a praticam nos teatros públicos», e sabe-se ainda que, apesar disso, pouco tempo depois, em 1778, a rainha D. Maria I fazia recuar o teatro centenas de anos, proibindo as mulheres de representar, proibição que se manteve até 1799.

Do teatro português, conhecem-se sobretudo, e ainda saudosamente se recordam, alguns nomes do teatro romântico e pós-romântico: os Rosas, o Eduardo Brasão, o Taborda, a Virgínia, a Rosa Damasceno, que teve direito à corte de D. Luís, a Ângela Pinto, o Chaby, etc.

Também o nosso teatro teve, naturalmente, grandes actores como ainda hoje continua a ter. E é precisamente de hoje que queremos falar e da anedota — página negra ou amarela — que alguns cómicos quiseram escrever fundando um sindicato paralelo, e fazendo-o calcule-se! — em nome da Democracia. Trata-se certamente da democracia orgânica de que falava Salazar: o poder nas mãos da minoria que silencia a maioria à custa da repressão e do terror. Simplesmente, o Salazar já lá vai e não volta. Saídos dos Sindicatos dos Trabalhadores do Espectáculo — porque os trabalhadores não permitiam que transformassem o Sindicato no seu feudo e no dos patrões —, porque os trabalhadores não estão dispostos a deixar-se vergar pelos patrões, estes «artistas», entre aspas, mostraram bem o que valem. Trata-se, aliás, e na sua maioria, de um caso de pura e simples mediocridade. Não ficando na história por aquilo que fazem no palco pretendem ficar por aquilo que fazem no tabelião. Mediocres e rasteiros têm aquilo que merecem: o caixote do lixo.

Só um nome, de entre todos, nos impressionou porque o considerávamos um homem sério e um artista com algum talento. Referimo-nos evidentemente a Raúl Solnado. Não há dúvida: é sempre a altura para aprender. E hoje sabemos um pouco mais. Mesmo na mais bela biografia cai a pior nódoa. É o caso. Resta saber se o actor poderá e quererá limpá-la.

(1) René Ménard e Claude Sauvageot — «Vie Privée des Anciens».

(2) Idem.

(3) A. du Casse — «Histoire Anecdotique de L' Ancien Théâtre en France».

(4) Isto sem qualquer menosprezo para as excelentes obras de Teófilo Braga, Luís Francisco Rebello e Luciana Stegagno Bicchio.

timento económico considerável (de acordo com as disponibilidades do país e não com as necessidades do teatro, entenda-se), esse tremendo falhanço, repetimos, tem várias explicações mas apenas a uma delas nos queremos hoje referir.

Repare-se em quem está à frente do Teatro Nacional D. Maria II — Casa de Garrett e do Teatro Popular — Companhia Nacional I. E, ponhamos claramente a questão, quem devia estar? Apontaremos os seguintes nomes como os daqueles que pelas suas capacidades, pela sua obra ou pela sua juventude (importante!) nos parecem os mais indicados para isso (a ordem é arbitrária): João Lourenço, Jorge Silva Melo, Luís Miguel Cintra, Joaquim Benite, J.A. Osório

Mateus, Ricardo Pais, Mário Barradas. Ora nenhum destes nomes está ligado à actividade das duas nossas principais companhias. Não temos o culto da personalidade. Limitamo-nos a exigir que neste País, agora livre, se aproveitem os mais capazes.

SÃO LUÍS

(R. António Maria Cardoso T. 32 71 72)
JESUS CRISTO EM LISBOA
de Alexandre O'Neill e Mender de Carvalho
pela Companhia Nacional 1
O Cristo, anda cá abaixo ver isto...

CASA DE GARRETT
(Rossio T. 32 22 10)

O AUTO DA GERAÇÃO HUMANA

de Gil Vicente
O ALFAGEME DE SANTARÉM
de ALMEIDA GARRETT
pela Companhia de Teatro Nacional D. Maria I
...E isto!

A BARRACA

(R. Alexandre Herculano)

ZÉ DO TELHADO

de Helder Costa
pelo grupo A Barraca
Noventa minutos de prazer — será preciso dizer mais alguma coisa! (A tempo: Mário Viegas continua o tal).

TRINDADE

(R. Nova da Trindade T. 53 32 00)

O EDEN CINEMA

de Marguerite Duras
pelo grupo Os Cómicos
Um belo concerto para piano, vozes humanas e silêncio que os Cómicos com toda a seriedade desafinaram sem dó nem piedade.

TEATRO ABERTO

(Pr. de Espanha T. 77 09 69)
O CASO DA MAOZINHA MISTERIOSA
de Ary, Sobral e Rui
pelo Grupo 4
Um espectáculo divertido que vale a pena ver e rever. Não perca.

ÁDOQUE

(Martim Moniz T. 89 44 76)

ROUPA VELHA

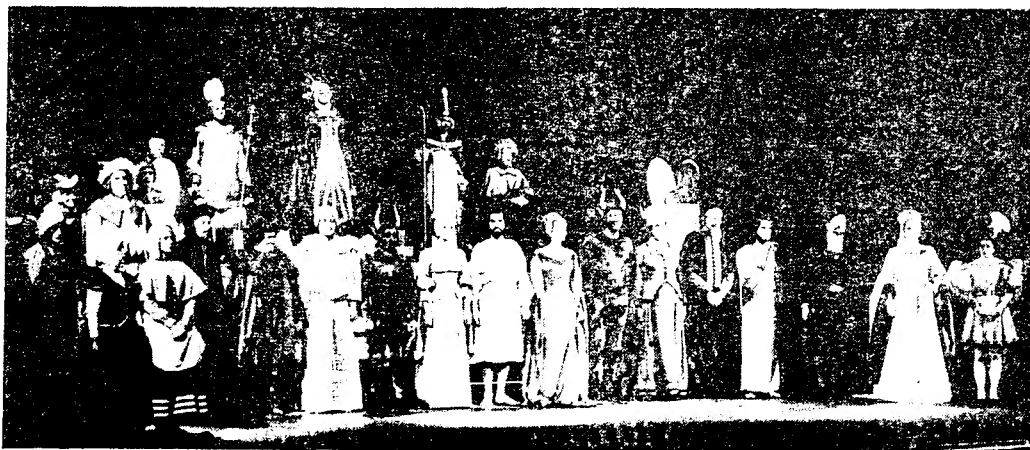
Uma revista nova feita com coisas velhas que continuam a fazer rir e pensar. Para quem gosta da revista. Para quem quer saber como foi e como é.



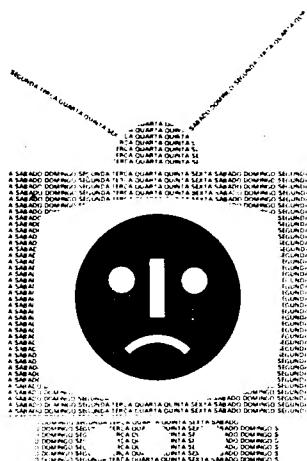
caixa do PONTO

QUEM É QUEM

Perguntar-se-á — e com que razão! — como é possível num país democrático cujas autoridades estão (supõe-se) interessadas na elevação cultural da população, os dois únicos teatros nacionais, organizados a partir do zero, apresentarem um rendimento artístico e cultural pior do que nulo, negativo? Esse tremendo falhanço, e tanto maior quanto tem como contrapartida um inves-



Um auto atribuído a Gil Vicente com o «dedo» do D. Maria e sem a «chama» das encenações de um Paulo Quintela para o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, que marcaram toda uma época



TV/PONTO

DOMINGO, 2

I PROGRAMA

- 12.30 Abertura e missa de domingo
13.15 Automobilismo
(o Grande Prémio de França, com Niki Lauda a apertar com Mario Andretti, superfavorito do ano; ou será que um «out-sider» acelera mais que estes dois e leva a massa e a garrafa de champanhe legítimo?)
15.15 «A lenda do coito»
(«Birth of a legend» no original, filme de Dick Robinson com aquele velho cheiro a Far-West que a maralha adora-quando não lhe dão bom cinema, é claro; a história fala de um coito abandonado que descobre os homens, os outros animais e as maravilhas da Natureza)
17.00 Telejornal
17.15 TV-Rural
(com o eng. Sousa Veloso)
17.45 A loja do Mestre André
(desfalcada já, cremos, da família Pitum, a «loja» apresenta pela mão de Carmen Santos e Carlos Queirós os habituais quadros da série: «A cidade do catavento», «Eu digo... tu pensas», «Cantigas, cantigas» e «No reino da vassoura»)
19.30 Grande encontro
(Mário Zambujal dando as deixas para os acontecimentos mais recentes do desporto nacional e internacional)
20.30 Os Marretas
(esta noite com uma convidada especial, a arquifamosa Julie Andrews)
21.00 Telejornal
21.30 Boletim meteorológico
21.35 A festa da música
(produção de João Martins)
22.00 Homem rico, homem pobre
(«Rudy perde grande parte dos seus bens e dedica-se à fábrica que Calderwood lhe deixou. Mas Estep, um homem grande da política, sugere-lhe que poderá ele vir a ser um candidato à presidência»)
23.40 Telefutebol
(sem campeonato da primeira, sem «taça», que dará esta rubrica?)
00.10 Telejornal

II PROGRAMA

- 21.00 Abertura e Telejornal
21.30 Cinemateca
(programa ainda não divulgado pela RTP)

Segunda, 3

I PROGRAMA

- 09.15 Ano Propedêutico
12.10 Nós e as crianças
(o primeiro exame médico da criança; a importância da assistência médico-social para a criança, nomeadamente o primeiro exame médico; colabora o pediatra dr. Tibério Ribeiro)
12.40 A escrava Isaura
13.15 Telejornal
18.25 Reabertura e Telejornal
18.32 As aventuras de Tom Sawyer
(«eis que o pai de Huck, não conseguindo ficar com o dinheiro que o filho entregara ao juiz Thatcher, parte com ele para uma ilha solitária a fim de Huck tirar o melhor partido possível. No final Huck foge e junta-se ao também foragido Jim — um escravo negro. Ambos buscam a liberdade, se bem que cada um a sua.»)
19.00 Inglês a sorrir
(«Departmen Store» é o nome da lição desta tarde: Sally e Norman encontram-se num armazém por altura dos saldos e vêem uma dama entretida a surripiar umas coisas; chamam um polícia, mas este afinal suspeitava dos movimentos de Sally e Norman... enfim, uma salsada com sabor inglês para se resolver em 20 palavras novas)
19.30 Ida e volta
(os transportes que temos, os que não

- temos e os que nunca havemos de ter)
20.00 Telejornal
20.35 O casarão
21.10 Boletim meteorológico
21.15 Portugal, anos 80 — o quê?
(reportagem do segundo debate político no Teatro Maria Matos realizado sob os auspícios de «O Jornal»)
21.50 Noite de Teatro
(«O vento nas ramas de sassafrás», de René de Obaldia, pela equipa do Teatro Experimental de Cascais que levou a obra à cena em palco convencional)
00.20 Telejornal

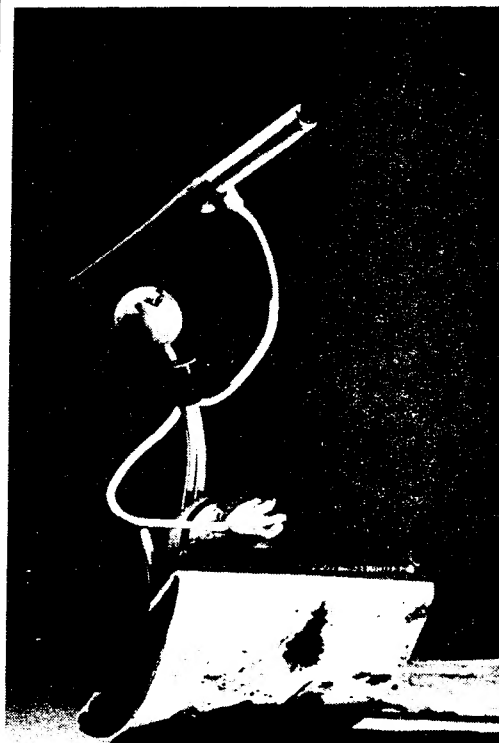
II PROGRAMA

- 19.00 Ano Propedêutico
22.00 Telejornal
22.30 A escrava Isaura

Terça, 4

I PROGRAMA

- 09.15 Ano Propedêutico
12.10 Música para o almoço
(a vida e a obra de Carl Orff, o homem dos «Carmina Burana»)
12.40 A escrava Isaura
13.15 Telejornal
18.26 Reabertura e Telejornal
18.32 Lições de basquetebol
(o rebote, ou ricochete, e a sua importância no jogo quando bem aproveitado)
18.45 Um mundo para descobrir
(em estilo de magazine, cinco temas: voo sem motor, aldeia do lago, Dahometi, contos de Walter Potter e os caracóis)
19.30 Colectividades



«Patafil e Filopat»

- (esta noite a popular Sociedade Minerva, de Loulé)
20.00 Telejornal
20.35 O casarão
21.00 Boletim meteorológico
21.15 Forum
22.20 O perito
(com Virgínia Stride e Marius Goring: «O prof. Hardy é chamado a dar uma opinião pericial num caso de feitiço em que são acusados dois africanos»)
23.15 Telejornal

II PROGRAMA

- 19.00 Ano Propedêutico
22.00 Telejornal
22.30 A escrava Isaura

Quarta, 5

I PROGRAMA

- 09.15 Ano Propedêutico
12.10 Falemos de agricultura
(com o eng. Eurico Campos Gondim)
12.40 A escrava Isaura
13.15 Telejornal
18.25 Reabertura e Telejornal
18.32 Issi Noho
(primeiro episódio de uma nova série que tem como protagonista três crianças, Artur, Sara e Nuno, acompanhados por um urso que eles encontraram na floresta; o urso é o tal Issi Noho do título)
18.45 Filopat e Patafil
18.50 Corrida ao ouro
(«Scott escondeu-se na carroça de um velho negociante e fornecedor de mantimentos vários para ir à procura do pai»)
19.20 Tempo de desporto

- (com o prof. Noronha Feio)
19.50 Vamos jogar no Totobola
20.00 Telejornal
20.35 O Casarão
21.10 Boletim meteorológico
21.15 A Escola Naval
(reportagem efectuada no Alfeite sobre a formação de oficiais da Marinha)
21.45 Trinta e um de boca
(o concurso mais chaaato!, mais chaaato!, mais chaaato! que a RTP inventou desde sempre)
22.45 Este Portugal que somos
(com o prof. António José Saraiva, que abordará o consabido tema do País «onde a terra acaba e o mar começa»)
23.15 Telejornal

II PROGRAMA

- 19.00 Ano Propedêutico
22.00 Telejornal
22.30 A escrava Isaura

Quinta, 6

I PROGRAMA

- 12.10 Entrevista
12.20 Música para o almoço
(«Música Nova»)
12.40 A escrava Isaura
13.15 Telejornal
18.25 Reabertura e Telejornal
18.32 O mundo da música
(onde se fala de solfejo e se apresenta uma maestrina de 13 anos que vai dirigir a orquestra do «Momento musical» de Schubert)
19.00 Ideias e mãos
(continua o tema do macramé)
19.25 Telecinema
20.00 Telejornal
20.35 O Casarão



«A escrava Isaura»

- 21.10 Boletim meteorológico
21.15 Trinta minutos com... (um programa quinzenal que vai permitir, assevera a RTP, um contacto mais amplo entre os partidos políticos e a opinião pública)
21.55 Reportagem do exterior
23.05 Telejornal

II PROGRAMA

- 19.00 Ano Propedêutico
22.00 Telejornal
22.30 A escrava Isaura

Sexta, 7

I PROGRAMA

- 12.10 Culinária
(ainda desta vez a presença de Filomena de Abreu Coutinho, hoje para ensinar a fazer «frango suado à minha moda», «batatinhas tostadas» e «esparregado à antiga»)
12.40 A escrava Isaura
13.15 Telejornal
18.25 Reabertura e Telejornal
18.32 Gulp
(o episódio, curto como sempre, intitula-se «A tinta misteriosa»)
18.40 Telejuvenil
19.30 Ilhas perdidas
(«o vulcão da ilha de Tambu entra em erupção, causando grande perturbação entre as crianças que naufragaram e foram arrastadas para aquela ilha»)
20.00 Telejornal
20.35 O casarão
21.10 Boletim meteorológico
21.15 Almada Negreiros
(um episódio: a recente exposição de desenhos do velho companheiro de

- Pessoa e Sá-Carneiro na Galeria S. Mamede)
21.50 «O tempo da loucura»
(realização de Joseph Pevney para um brilhante de dois actores, William Shatner e Leonard Nimoy)
22.50 A música e o silêncio
(com António Vitorino d'Almeida)
23.20 Telejornal

II PROGRAMA

- 19.00 Ano Propedêutico
22.00 Telejornal
22.30 A escrava Isaura

Sábado, 8

I PROGRAMA

- 15.30 Abertura
15.32 Formação contínua de professores do Ensino Primário
(um tema importante: aprender experimentando)
16.00 Missa
17.00 Telejornal
17.15 Tempo de Desporto
17.30 Inglês a sorrir
(repetição da lição sobre o armazém onde Sally e Norman foram tomados por gatinhos)
18.00 Uma casa na pradaria
(«Charles foi com a família a Mankato e no regresso encontra um xerife com os seus adjuntos que lhe pergunta se viu um índio Sioux. O xerife previne Charles de que vem aí um nevão. Charles não acredita: já estão no Verão! Apesar do que é mesmo apanhado pelo nevão e tem que se recolher com a família numa casa que encontraram pelo caminho.»)
19.00 Em foco



«Uma casa na pradaria»

- 20.00 A escrava Isaura
(Aleluia, é o último episódio!)
20.30 O povo e a música
(«Festa da Primavera» em Duas Igrejas, aldeia do termo de Miranda do Douro)
21.00 Telejornal
21.30 Boletim meteorológico
21.35 O espelho dos Acácios
(com o nosso primo Nico, mais conhecido por Nicolau Breyner)
22.45 Telejornal
22.55 Sábado especial
(o famoso «Gilda», de Charles Vidor, com Rita Hayworth, que ganhou aqui as «esporas» de «estrela», e também Glenn Ford, George MacReady e Joseph Calleia)

II PROGRAMA

- 21.00 Abertura e Telejornal
21.30 Concerto
(«Don Quichotte», de Richard Strauss, interpretado pela Filarmónica de Berlim sob a direcção de Herbert von Karajan; o acontecimento é a presença, como solista, do sr. Violoncelo, Matislav Rostropovitch)
22.20 Cinema de animação
(cinema experimental polaco com filmes de Julian Antonisz, Danuta, Jerry Kotowski e Daniel Szczcchura)
22.50 Os arquivos de sábado
(o quarto programa dos «enlatados» de Variedades da RTP, com Francisco José, Mara Abrantes, Madalena Iglésias, Alice Amaro, Paula Ribas, Gina Maria, Nicolau Breyner, Florbela Queirós, Lina Maria, Simone de Oliveira e António Calvário)